EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

JORNAL A UNIÃO 133 Anos

Ano CXXXIII Número 229 | R$ 5,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 25 de outubro de 2026

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2026.10.23 23:12:00 -03'00'

HOJE

Paraibanos ajudam a definir o próximo presidente do país

Eleitores comentam quais os fatores que influenciam na escolha do candidato que chefiará o governo. *Página 13*

Foto: Leonardo Ariel



Mobilidade urbana desafia o crescimento de João Pessoa

Moradores da capital paraibana enfrentam as dificuldades de viver em uma cidade que se expande a cada ano, com a chegada de novos moradores, sem que a estrutura para deslocamentos, como transporte coletivo e ciclovias, acompanhe as necessidades dos habitantes, especialmente os de bairros periféricos.

Página 5

■ "Morando perto, vivendo o mesmo amanhecer, nunca me havia surpreendido sob esse olhar. A avenida deserta, solitária, roubando a presença de tudo o mais".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Por onde andei, liberei gritos, esperanças, sonhos, lições de plantação de boas sementes. Em Mari, cidade onde morei por 12 anos, espalhei muitas sementes".

Fábio Mozart

Página 14

■ "A física me ensinou que o tempo tem uma direção. A entropia cresce, o último acorde não volta ao início sozinho. Não há equação que devolva o minuto gasto".

Claudio Furtado

Página 19

Técnica de unhas em gel amplia oferta de clientes e lucro a manicures

Serviço exige capacitação específica e investimento em equipamentos, que são compensados pelo faturamento das profissionais.

Página 17

Foto: Evandro Pereira



Debate sobre suicídio feminicida ganha força no Congresso Nacional

Projeto de lei propõe novas regras para apurar casos de mortes que podem refletir um histórico de abuso e induzimento.

Página 7



Pitty interrompe hiato de sete anos com disco de inéditas

Novo álbum da roqueira, que chegou às plataformas no dia 16 deste mês, reúne 13 faixas com diferentes perspectivas. O projeto também já está ganhando os palcos com uma turnê, que estreou em São Paulo e rodará o país.

Página 12

Foto: Jorge Daux/Divulgação





Pensar

Matéria especial trata da nova época geológica, moldada pela atividade humana, conhecida como "antropoceno".

Páginas 29 a 32

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

Chegou a hora

O povo brasileiro irá às urnas, hoje, para tomar esta que está sendo considerada uma das mais importantes decisões políticas desde a redemocratização do país, em 1985: manter Luiz Inácio Lula da Silva (PT) por mais quatro anos na Presidência da República, ou substituí-lo por Flávio Bolsonaro (PL). Em resumo, um embate frontal e categórico entre esquerda e extrema direita, representadas, respectivamente, por Lula e Flávio.

A filosofia acena de longe para o eleitorado, pedindo prudência, ou seja, que cada eleitor e eleitora procure conhecer com a maior profundidade possível o caráter e o programa de governo dos candidatos, antes de depositarem seus votos nas urnas. Isso porque, um discurso pode ter, também, natureza demagógica — ou algo ainda pior —, fomentando a ilusão, que puxa o tapete da realidade ou varre a verdade para debaixo dele.

A escolha dos candidatos é precedida de julgamentos. E a vida ensina que, para julgar, é preciso, ou melhor, é imperativo valer-se do máximo de informações fidedignas acerca de cada um dos postulantes a cargos públicos, para que a alienação ou as más intenções não embotem a consciência, levando as mãos a digitar e números que gestarão espécies de avatares que só revelarão sua suprema malignidade quando revestidos de poder.

O que é, de fato e de direito, bom para mim e para a nação brasileira? Esse é um dos questionamentos fundamentais que os cidadãos e cidadãs brasileiros aptos a votar deveriam fazer a si próprios, antes de se decidirem por um dos pretendentes a Chefe de Estado, Chefe de Governo e Comandante-em-Chefe das Forças Armadas da República Federativa do Brasil. Não é qualquer pessoa que merece tão alta honraria e responsabilidade.

A filosofia continua sendo uma boa companhia, nos momentos delicados da vida de uma nação. E não é difícil entendê-la quando ela ensina, por exemplo, que para se fazer uma escolha consciente e ética, no caso de dirigentes políticos, faz-se necessário, antes de tudo, procurar compreender com o máximo de precisão a realidade social na qual se está inserido, sob pena de, agindo por insensatez, prejudicar a si e a seus semelhantes.

Chegou a hora de o povo brasileiro tomar partido. Espera-se, porém, que sem precipitação. As urnas serão abertas às 8h e lacradas às 17h e, entre os dois horários, há tempo suficiente para pesar os fins, os propósitos e os objetivos dos dois postulantes à Presidência da República, e se decidir por aquele que tem o melhor programa para o Brasil. Avançar ou retroceder, na luta por um país mais próspero e justo, depende agora de quem vota.

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Evolução da tecnologia a favor da democracia

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A arte sob censura

As manifestações artísticas sempre constituíram uma forma de expressão política. Não necessariamente no sentido da política partidária, mas em sua acepção mais ampla e legítima: a de valorizar a cidadania, provocar reflexões e desempenhar um papel fundamental nas transformações sociais. A criatividade artística encontra estímulos particulares nos períodos de grandes transformações. A década de 1960, especialmente o ano de 1968, tornou-se um símbolo dessa inquietação.

No Brasil, vivíamos um cenário político, social e cultural propício a que a arte assumisse uma dimensão crítica e transformadora. A Ditadura Militar, instalada pelo Golpe de 1964, enxergava na cultura uma ameaça potencial, temendo que, por meio das manifestações artísticas, circulassem ideias consideradas subversivas ou contrárias aos valores morais conservadores defendidos pelo regime.

Na Paraíba, a repressão também se fez presente. Em 10 de junho daquele ano, agentes da Polícia Federal interditaram o andar térreo da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), impedindo a exposição de quadros do pintor Raul Córdula, considerados, segundo a justificativa apresentada, "ofensivos à moral e ao pudor público".

A medida provocou protestos na comunidade intelectual paraibana. Em solidariedade ao colega, o escultor Breno Matos decidiu suspender a exposição que realizaria no mesmo local. O gesto representou uma manifestação de repúdio à censura e de defesa da liberdade de expressão artística.

Raul Córdula reagiu publicamente à proibição, denunciando o que considerava uma contradição entre a justificativa moral dos censores e a realidade cultural daquele período. Em seu depoimento, declarou:

"Acho muito engraçado numa época em que o erotismo está tão difundido, onde em qualquer revista se vê anúncios de produtos usando o nu, e o que é pior, depois de uma greve contra a censura, vitoriosa na Guanabara, isso aconteça na Paraíba. O que diriam meus censores se entrassem no Museu do Prado e vissem o imortal Goya? E o Louvre, com as obras de Monet, Renoir, Rubens, Modigliani, ou mesmo se vissem o teto da Capela Sistina? Sem dúvidas corariam diante da Vênus de Milo".

O episódio teve repercussão negativa. Segundo o relato do artista, a decisão de impedir a exposição, atribuída por ele ao Conselho Universitário da UFPB, levou-o a ser recebido pelo então governador da Paraíba, João Agripino, no Palácio da Redenção. Na audiência, Córdula manifestou sua decepção com o ocorrido e relatou as circunstâncias da proibição.

Diante da situação, o governador determinou à Secretaria de Educação do Estado que viabilizasse a exposição dos quadros vetados pela censura federal em um dos espaços culturais mantidos pelo governo. As obras foram então transferidas para a Galeria de Artes José Américo de Almeida, instalada no Theatro Santa Roza.

A transferência permitiu que a exposição chegasse ao público, mas não apagou o significado do episódio. A censura às obras de Raul Córdula revelou como a Ditadura procurava controlar não apenas as manifestações políticas, mas também a sensibilidade, a imaginação e a liberdade de pensamento.

Resgatar esse episódio é preservar a memória de um tempo em que até uma exposição de pinturas podia ser tratada como ameaça à ordem estabelecida. É também reconhecer a coragem de artistas que, mesmo diante da repressão, defenderam o direito de criar, expor e pensar livremente.

Porque, quando um governo teme a arte, não são apenas os artistas que estão sob ameaça. É a própria liberdade de uma sociedade que se encontra em risco.

"A censura às obras de Raul Córdula revelou como a Ditadura procurava controlar não apenas as manifestações políticas, mas também a liberdade de pensamento

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Tempo e paisagem em súbita transição

Atrás de mim, olhando pelo retrovisor, na Avenida Epitácio Pessoa, isenta de tráfego, estira-se uma vastidão solitária que o sol forte da manhã só faz ressaltar. Não me contive e pedi ao taxista para acostar o carro, desci e, apoiado à porta, deixei o espírito se espraiar livre numa transição inopinada de tempo e paisagem.

Morando perto, vivendo o mesmo amanhecer, nunca me havia surpreendido sob esse olhar. A avenida deserta, solitária e, por isso mesmo, plena, absoluta, roubando a presença de tudo o mais.

O asfalto, de tão recapeado, não falta nada para nivelar com o meio-fio. São sessenta anos de sucessivos revestimentos. Sessenta anos a recobrir os passos de três gerações, a usurpar o destaque do primeiro casario, atraindo clube, lazer, destinos e, sobretudo, o privilégio do automóvel, antes exclusivo dos Ribeiro, dos Soares de Oliveira, dos Minervino, dos Cunha Rego, dos Duré, de raros médicos e de poucos advogados famosos, tudo tão distante do meio milhão de placas locais de hoje somadas ao do turismo. Carros sempre novos de todas as marcas do mundo.

E me ocorreu a penosa mão de obra de Linduarte Noronha com seu Prefect de 1948... Era um carrinho de nada (não há mais quem se lembre!) tendo como concorrente o Ânglia do poeta e jurisconsulto João Bernardo de Albuquerque. Na Índio Piragibe, onde Linduarte morava, não era difícil você encontrar o carrinho desmontado, o radialista e jornalista pioneiro da coluna paraibana de cinema todo breado de óleo, perdido entre as peças.

"Teu carro vai longe, Linduarte?".

"Depois que pavimentaram a Epitácio, não mede distância. Tranquilo".

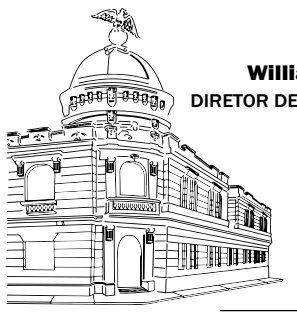
E, quando menos se espera, começa a Epitácio a pegar carrego, a se encobrir no vagalhão fechado de capotas, dentro das quais não se distingue entre homens e motores nem mais entre ricos e variantes da classe média.

"Morando perto, vivendo o mesmo amanhecer, nunca me havia surpreendido sob esse olhar. A avenida deserta, solitária e, por isso mesmo, plena, absoluta

Precisou Luciano Cartaxo, prefeito, reservar a faixa do acostamento para desafogar o tráfego do ônibus. Como pensou nisso o Luciano, numa faixa especial para o ônibus, no ciclista, na calçada nivelada em toda extensão da Epitácio e da José Américo, além de acrescentar um outro escoamento preferencial, o da Júlia Freire. Sem falar na restituição da Lagoa à condição do belo parque que se mantém postal simbólico da cidade desde o prefeito Guedes Pereira.

Sim, advirto-me do taxímetro, mas pago muito mais por meia dúzia de cajus e de mangas fora de época e do seu doce natural. Vale, me faz bem essa contemplação e homenagem à avenida que vi receber seu primeiro pavimento, cuja notícia revisei numa madrugada de 1952 ou 53 e que me faz lembrar Carlos Augusto de Carvalho, meu companheiro de Casa do Estudante, juntamente com Oswaldo Duda Ferreira e José Barbosa de Souza Lima, vivos na minha saudade e na solidão desses momentos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA–PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE–EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
ASSINATURAS IMPRESSAS: anual ..... R$ 404,25 / semestral ..... R$ 202,12 / número atrasado ..... R$ 4
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ROUPAS INTELIGENTES

Costureira paraibana inova para ajudar irmão acamado

Maria José, de 68 anos, criou peça que reduz desconforto de fraldas descartáveis

Nathália Aguiar
Fapesq



Fotos: Divulgação/Fapesq

Entre os materiais usados para a confecção do short, *está o algodão orgânico cultivado na Paraíba*

A tecnologia nem sempre está em circuitos, sensores ou dispositivos eletrônicos. Ela também pode surgir de uma nova maneira de fazer algo que já conhecemos. Na costura, a escolha dos materiais e as técnicas de confecção podem transformar uma peça de vestuário em uma solução para necessidades específicas do cotidiano.

Foi uma situação vivida dentro da própria família que levou a costureira Maria José, de 68 anos, a buscar uma alternativa para um problema que afetava a qualidade de vida do irmão. Durante a pandemia da Covid-19, familiares que contraíram a doença desenvolveram sequelas, entre elas a incontinência urinária, e passaram a precisar de fraldas descartáveis. Um deles foi Josué, irmão de Maria José.

Mesmo com o uso de fraldas de maior custo, os vazamentos continuavam. Além do desconforto, a situação provocava constrangimento e contribuía para o isolamento de Josué. Diante das mudanças na rotina e da perda de autonomia, ele desenvolveu um quadro depressivo.

Na tentativa de encontrar uma solução, Maria José pesquisou produtos disponíveis no mercado, entre eles os *shorts* antivazamento. As peças, porém, não correspondiam ao que ela considerava adequado para pessoas acamadas, especialmente em relação ao acabamento e aos cuidados com a pele. "Quando eu vi o *short*, pensei: misericórdia, a pessoa já está doente, acamada, com a pele bem sensível. Se usar esse *short*, é uma escara na certa. A costura grosseira, o elástico, antes de você usar, já estava enrolando dentro", relatou.

Com mais de 50 anos de experiência na costura, Maria José decidiu desenvolver a própria alternativa. A experiência acumulada no ofício serviu de ponto de partida para uma série de testes com diferentes tecidos e técnicas de confecção. O objetivo era encontrar uma solução que ajudasse a conter os vazamentos sem deixar de lado o conforto de quem usaria a peça.

Depois de experimentar diferentes combinações, ela chegou a um *short* composto por quatro camadas de tecidos com propriedades específicas, como absorção, impermeabilidade e respirabilidade, além de características antiodor, antifúngicas e antibacterianas. Entre os materiais utilizados, estão o algodão orgânico produzido na Paraíba e o modal, fibra têxtil de origem celulósica. A costureira também desenvolveu um acabamento com costuras embutidas, pensado para reduzir o atrito com a pele e o risco de lesões.

A peça funciona como uma barreira protetora usada sobre a fralda descartável, com o objetivo de evitar vazamentos. Para Josué, a solução contribuiu para recuperar a autonomia e a convivência social afetadas pelas dificuldades que enfrentava.

■ Produto é composto por quatro camadas de tecidos que oferecem propriedades como absorção, impermeabilidade e respirabilidade

Startup *já possui quatro patentes registradas*



Programa Centelha apoia o desenvolvimento e a ampliação da marca Roupas Inteligentes



[Eu] me sinto com 30 anos de novo. Oportunidade de inovar tem, incentivo tem, basta você querer

Maria José

Foi Michele Wadja, filha de Maria José, quem percebeu que a criação da mãe poderia ultrapassar o contexto familiar. O que começou como uma tentativa de melhorar a qualidade de vida de Josué também poderia representar uma alternativa para outras pessoas que enfrentam situações semelhantes.

A partir dessa percepção, Michele sugeriu inscrever a iniciativa no Programa Centelha Paraíba, executado pelo Governo da Paraíba, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) e da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties). Selecionado entre os projetos vencedores, o Roupas Inteligentes recebeu apoio para ampliar sua estrutura e avançar no desenvolvimento da solução.

Com a conquista, o projeto adquiriu máquinas computadorizadas para as etapas de preparação e corte dos tecidos. O conjunto inclui equipamentos para estender o tecido e realizar o corte das peças, ampliando a capacidade produtiva da empresa.

A iniciativa também ganhou visibilidade em eventos internacionais de tecnologia. Com apoio da Secties e da Fapesq-PB, a *startup* participou do Web Summit, em Lisboa e no Rio de Janeiro. A presença nos eventos ampliou a exposição do projeto e possibilitou o contato com novos públicos e potenciais parceiros.

À frente da *startup* como *CEO*, Maria José vê em sua trajetória uma demonstração de que a inovação não tem idade. Aos 68 anos, ela conta que voltou a sentir o entusiasmo de quando era mais jovem, mesmo diante das críticas que recebeu por continuar trabalhando. "Antes, muitas pessoas da terceira idade me criticavam. Como eu, depois de velha, esperando a morte chegar, ia trabalhar? Pra deixar pra quem? Como elas me veem hoje, não sei. Mas me sinto com 30 anos de novo. Oportunidade de inovar tem, incentivo tem, basta você querer", refletiu.

A trajetória do projeto apoiado pelo Centelha Paraíba mostra como o conhecimento prático pode se transformar em inovação e responder a necessidades reais. Atualmente, a *startup* possui quatro patentes registradas na linha de produtos antivazamento, que protegem legalmente suas criações.

O Programa Centelha é uma iniciativa nacional do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e executado na Paraíba pela Fapesq-PB.

Eduardo Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

O vestidinho sujo

Crônica de uma tarde que não quis ver

Havia um relatório qualquer na tela do computador, daqueles que preenchemos no automático, e eu estava ali, dentro da livraria, cercado de ar-condicionado e palavras organizadas em prateleiras. O mundo, do lado de dentro, cabia numa planilha. Foi então que o vidro da vitrine — essa membrana fina entre o conforto e a rua — me devolveu uma imagem que não pedia licença.

Do outro lado, no banco de praça em frente, uma criança cochilava sozinha.

Não era um cochilo de criança embalada. Era um sono de corpo vencido. Ela sentava-se, mas o corpo escorregava, a cabeça pesava para o lado, os bracinhos buscavam um apoio que não existia. Por duas, três vezes, ela quase tombou do banco, e a cada quase-queda meu peito apertava. Uma moça que passava parou, inclinou-se, disse algo com a voz macia que se usa com quem dorme. Ajeitou a mochila da menina como travesseiro, pediu que ela se deitasse. A criança obedeceu como quem já não tem forças para questionar nada.

O vestidinho estava sujo. Não era sujeira de brincadeira, dessas que se lava com água e sabão e vira história. Era sujeira de dia inteiro na rua, de chão, de espera, de cansaço acumulado. Era meio-dia. O sol a pino. E eu ali, com meu café e meus números, perguntando-me por onde andaria aquela menina desde que acordou — se é que dormiu.

Perguntei aos homens que trabalham por ali. Disseram, com a naturalidade de quem já viu demais, que ela estava com a avó, que a avó tinha ido "comprar uma coisa" e a deixara ali, sozinha, à espera. A saber quanto tempo. A saber quantas vezes.

E, então, veio a raiva.

"Porque é isso que somos, não é? Cada um na sua bolha, cuidando do seu, bradando nas redes sociais o mal do mundo

Não sei se era raiva dela, da avó, da cena — ou se era a raiva acumulada de tanta desigualdade, essa raiva antiga que a gente guarda sem saber onde, raiva de um sistema que mede tudo em lucro e nada em gente. Raiva de saber que aquela menina não é exceção, é regra. Raiva de mim, sobretudo. De mim, que via tudo através de um vidro e nada fazia.

Porque é isso que somos, não é? Cada um na sua bolha, cuidando do seu, bradando nas redes sociais o mal do mundo, a ganância dos outros, a injustiça estrutural — e fingindo não ver, ao nosso lado, no banco em frente, as vítimas desse mesmo sistema. A criança dormindo na mochila é a prova de que o discurso não chega à calçada. A criança com o vestidinho sujo é o espelho que a vitrine me impôs.

A avó voltou. Tomou a menina pela mão e a levou. E eu fiquei ali, parado, com a pergunta que não me larga: será que vão almoçar? Será que vão dormir em segurança esta noite? Será que aquele cochilo no banco foi o único descanso que aquela criança teve em todo o dia?

Mas a pergunta que realmente dói, a que não sai da garganta, é outra: o que é que eu estou fazendo para mudar essa cena? Estou fazendo o certo ou apenas repetindo um discurso bonito para me enganar? Porque há uma diferença enorme entre sentir a tristeza e agir contra ela — e eu, até agora, só senti.

Não sei responder. Talvez você também não saiba.

Só me resta torcer, com uma fé pequena e teimosa, que aquela menina tenha descansado. Que tenha comido. Que durma em segurança. E que um dia, quem sabe, o mundo deixe de caber numa planilha e passe a caber num banco de praça, onde nenhuma criança precise dormir sozinha à espera de alguém que a leve pela mão.

— Crônica de uma tarde que não quis ver, mas vi.

Colunista colaborador



Foto: Leonardo Ariel

Jailson Galvão

Presidente da PBGás

“O gás natural é aliado da transição energética”

Com expansão contínua, companhia prepara-se para contrato histórico e projeta salto operacional nos próximos anos

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A Companhia Paraibana de Gás (PBGás), responsável pela distribuição exclusiva de gás natural encanado no estado, está fazendo aniversário. Hoje, completam-se 32 anos de serviços prestados à população. Constituída como uma sociedade de economia mista, ela conta, atualmente, com dois acionistas: o Governo da Paraíba e a Mitsui Gás.

Desses 32 anos, os seis últimos foram vividos sob a gestão de Jailson Galvão, atual presidente da companhia, que concedeu entrevista exclusiva ao jornal **A União**. Nessa conversa, ele destacou a trajetória de sucesso da empresa e os próximos passos para o seu crescimento.

Em primeira mão, Jailson Galvão revelou que a PBGás está prestes a assinar um dos contratos mais importantes de sua existência, com a Centrais Elétricas da Paraíba (Epasa), empresa vencedora do Leilão de Reserva de Capacidade (LRCap) 2026. Os termos devem ser definidos ainda neste ano.

A entrevista

■ *A PBGás está completando 32 anos de existência, sendo seis sob a sua gestão. Qual é o balanço dessa trajetória?*

A PBGás é uma empresa de economia mista, estratégica para o estado. Ao longo desses 32 anos, ela se desenvolveu com marcos importantes, como a interiorização, com a construção do gasoduto João Pessoa–Campina Grande, e a ampliação do seu mercado nos segmentos industrial, veicular, residencial e comercial. Nos últimos oito anos, mesmo tendo passado por uma pandemia, nós tivemos muito incentivo do ex-governador João Azevêdo, do secretário anterior da pasta de Infraestrutura e Recursos Hídricos, Deusdete Queiroga, do atual governador, Lucas Ribeiro, e do secretário Jovânio Gomes Silva. Tanto é que a PBGás superou a marca de 40 mil usuários do gás natural no estado. Em 2019, a empresa tinha cerca de 19,3 mil clientes; neste ano, ao completar 32, ela supera a marca dos 40 mil usuários de gás natural canalizado. Ou seja, sete anos depois, a companhia ganhou 20,7 mil clientes novos, mostrando uma reta incrementada de ampliação na sua base de clientes. Além disso, superamos a marca de 400 km de rede de gasoduto e hoje ofertamos a infraestrutura do gás natural canalizado até o Porto de Cabedelo, passando, obviamente, pelos bairros Bessa e Intermares. Também chegamos, no fim de 2025, ao Polo Turístico do Cabo Branco, que já está começando a funcionar e vai ser um grande atrativo turístico na Paraíba. A PBGás está junto de empreendimentos importantes, que se somam no conjunto de ações realizadas nesse período e colocam a Paraíba em um novo patamar de desenvolvimento. A companhia está fazendo a sua parte e contribuindo para esse desenvolvimento.

Ganho

Em 2019, a PBGás tinha 19,3 mil clientes; neste ano, superou a marca dos 40 mil usuários de gás natural canalizado — um aumento de 20,7 mil clientes novos, em sete anos

■ *Aualmente, quais são os municípios que a PBGás consegue atender?*

Atendemos, ao todo, 16 municípios. Estamos em João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo, Conde, Alhandra, Santa Rita, Bayeux, Mamanguape, Queimadas, Ingá, Caldas Brandão, São Miguel de Taipú, Gurinhém, Sobrado, Mogeiro e Pedras de Fogo, totalizando 430 km de rede implantada.

■ *Há planos de expansão?*

Sim, a expansão da PBGás é contínua. Esse é o nosso dever, expandir ao máximo para atender às demandas que existem na nossa área de concessão, ou seja, a Paraíba inteira. O gás natural alcança 16 dos nossos 223 municípios, mas esses 16 municípios são responsáveis por 60% do PIB [Produto Interno Bruto] da Paraíba. É onde a demanda de energia está em maior concentração. É por isso que, mesmo ainda sendo um número reduzido, é muito significativo em termos de participação na economia do estado.

■ *Em qual segmento a PBGás é mais atuante?*

Nós temos vocação para o segmento do varejo, que é o comercial e o residencial. Esses mais de 40 mil usuários são, predominantemente, desses segmentos. Condomínios verticais, condomínios horizontais e comércio. Os hotéis da orla, os restaurantes, as lavanderias... Temos desenvolvido bastante todo esse conjunto do segmento comercial, é a nossa realidade de mercado.

■ *Antigamente, as residências não eram construídas com tubulação para gás, e as pessoas ficavam reféns de botijão. Hoje em dia, com os prédios já sendo construídos para ter gás encanado, a PBGás consegue se fazer mais presente no segmento residencial. Vocês têm parcerias com construtoras para que as obras já sejam inauguradas com o gás da PBGás?*

Sim, temos. Nossa estratégia é fazer parcerias com as construtoras para que os projetos já levem em conta a possibilidade do gás natural canalizado. Os atributos do gás canalizado superam, e muito, o GLP [gás liquefeito de petróleo], ou o gás do botijão, que tem que ser comprado e pago antecipadamente e precisa ser armazenado. O GLP é um gás mais pesado. Do ponto de vista ambiental, como é derivado do petróleo, ele deixa resíduo. Havendo qualquer vazamento, ele permanece na superfície. Enquanto o gás natural canalizado é de origem natural, como o próprio nome diz. Na natureza, ele vem de campos de petróleo e campos de gás. É mais leve que o ar; portanto, se houver algum vazamento, ele rapidamente se dissipa. Além disso, ele não precisa ser armazenado — o que, do ponto de vista da segurança, é muito eficaz. Se houver qualquer sinistro no prédio, basta fechar a válvula para evitar um acidente de vazamento ou de incêndio. Mesmo os prédios anteriores à chegada da nossa rede podem ser adaptados. Em prédios que já tenham canalização interna, é possível fazer alguns ajustes de ambiente que possibilitam o uso do gás canalizado. Você tira aquele conjunto de cilindros de armazenamento e fica apenas com uma pequena estação da PBGás para substituir o GLP.

■ *O senhor falou das vantagens do gás natural canalizado em relação à segurança. Quais são as vantagens do ponto de vista da sustentabilidade?*

Num momento em que o mundo se preocupa cada vez mais com a transição energética, o gás natural é muito adequado. O gás, mesmo sendo um combustível fóssil, tem uma queima

Natural

O gás natural é mais leve que o ar; se houver algum vazamento, ele rapidamente se dissipa. Já o GLP (de botijão), por ser mais pesado, permanece na superfície

que causa muito menos dano ao ambiente. Inclusive, o metano, um dos componentes do gás natural, é o segundo gás de efeito estufa, mas, ao ser queimado, ele é benéfico para a redução desse efeito. O gás natural é aliado da transição energética, o combustível da transição energética que vai possibilitar substituir o próprio petróleo, ou um derivado seu, por um gás que terá uma vida posterior à suspensão do consumo de petróleo no mundo. Estamos em linha com o desenvolvimento sustentável, com uma sociedade de baixo carbono, menos consequência para o efeito estufa e mais preocupação em relação às mudanças climáticas.

■ *João Pessoa é uma cidade que sempre teve vocação turística, mas, nos últimos anos, isso explodiu. A cidade fica cheia de turistas o ano inteiro, e alguns até decidem morar aqui. Em que medida isso pode ter ajudado a PBGás a crescer?*

Eu acho que é uma via de mão dupla. A partir do momento em que você disponibiliza a infraestrutura do gás canalizado e possibilita o uso desse combustível fóssil em novos prédios e hotéis — por sinal, todos esses hotéis recentes já são projetados para o uso do gás canalizado —, você oferece melhores condições de infraestrutura e atrai as pessoas. Isso aumenta a demanda, e aí é um ganha-ganha: para o desenvolvimento da cidade, para o estado e para o meio ambiente.

■ *Então muitos hotéis e restaurantes novos já estão utilizando o gás?*

Perfeitamente. O maior exemplo disso é o Polo Turístico do Cabo Branco. Efetivamente, esse é o maior símbolo, porque é um polo que vai dobrar o número de leitos hoteleiros do estado, e a PBGás está lá, com a sua rede de dutos. O parque aquático, por exemplo, vai utilizar o gás natural. É um benefício em todos os níveis, até mesmo para evitar a circulação de caminhões com cilindros de GLP. Haverá uma rede segura e reservada fornecendo essa energia para os hotéis.

■ *Quais são os próximos passos, as perspectivas para o futuro da PBGás?*

O futuro sinaliza com a possibilidade de grandes empreendimentos no estado, inclusive investimentos na área mineral. O governo está em negociação. O destaque é que nós assinaremos — e falo isso em primeira mão —, ainda neste semestre, um contrato para o uso do sistema de distribuição de gás da PBGás pelas térmicas da Epasa [Centrais Elétricas da Paraíba]. Eles foram vencedores no leilão de capacidade e terão uma demanda a partir de 2028, de volume muito significativo, o que vai trazer um impacto muito positivo para a PBGás, em termos de receita e de operação. O consumo de uma das térmicas da Epasa (serão três unidades) supera a marca de dois milhões de metros cúbicos por dia. Hoje, a nossa distribuição é para 150 mil metros cúbicos. Então, mesmo que o consumo da térmica não seja na base, é uma reserva de capacidade; quando ela precisar operar, e for despachado pelo sistema elétrico, ela precisará que toda a nossa infraestrutura esteja disponível para fornecer o gás nesse nível de demanda. Há uma remuneração e uma preparação operacional para isso, é o evento de maior destaque que temos no nosso horizonte. O gasoduto para abastecer as térmicas estará pronto ao longo de 2027, para estar bem resolvido quando essa demanda for necessária, a partir de 2028. Esse é o grande destaque, a sinalização mais forte de crescimento da PBGás para os próximos anos, ampliando muito o horizonte da empresa. Isso leva a mais investimento, mais ampliação da rede, mais interiorização do gás. As perspectivas são muito positivas para a PBGás, em paralelo às excelentes perspectivas do estado da Paraíba.

■ Segundo Jailson Galvão, mesmo sendo um combustível fóssil, a queima do gás natural causa menos danos ao ambiente

JOÃO PESSOA

Mobilidade desafia após crescimento

Moradores da capital enfrentam dificuldades no deslocamento em transporte coletivo e no uso de ciclovias

Marisa Rocha
contato.marisarocha@gmail.com

João Pessoa cresceu para além dos limites que, durante anos, concentraram a maior parte da rotina da cidade. Novos moradores chegam, bairros se expandem e áreas antes mais afastadas passam a reunir conjuntos habitacionais, comércio e serviços. Mas, para as pessoas que vivem nessas regiões, o crescimento nem sempre significa mais facilidade para chegar a outros pontos da capital.

Quem depende do transporte coletivo tem percebido que chegar ao trabalho, à escola ou até mesmo a um compromisso de lazer pode exigir planejamento, paciência e tempo disponível. Em alguns casos, o tempo gasto no deslocamento começa antes mesmo da viagem, com a espera pelo ônibus, e se prolonga durante o percurso.

No Terminal de Integração do bairro do Valentina, muitos cidadãos passam parte do dia aguardando o próximo ônibus. Rogeane Alves e Anacleide Timóteo moram na região do Parque do Sol e convivem diariamente com essa realidade. Segundo elas, a quantidade de linhas disponíveis nas proximidades é restrita e a espera pelo transporte coletivo interfere diretamente na rotina dos moradores. "Se perder o ônibus, tem que esperar mais uma hora para ele passar de novo", conta Rogeane.

O terminal funciona como um ponto de conexão para moradores de diversos bairros circunvizinhos, que precisam utilizá-lo para seguir viagem em direção a outras áreas da cidade. Com a necessidade de fazer a integração, o tempo de espera pelo coletivo passa a fazer parte do próprio percurso.

O problema, contudo, não se resume à espera. Anacleide relata que o itinerário dos ônibus faz com que deslocamentos relativamente curtos se transformem em longos períodos dentro do transporte. "Você pode sair de manhã e tirar o dia inteiro para resolver uma coisinha rápida. Não dá para ir e voltar para fazer mais nada", reclama.

A consequência é que o transporte deixa de ser apenas uma parte do deslocamento e passa a determinar a própria rotina. Para Ronaldo Oliveira, morador de Gramame, a dificuldade aparece também fora dos dias de trabalho. "Se eu quiser ir para a praia no fim de semana, por exemplo, preciso pegar três ou quatro ônibus", declara. A necessidade de utilizar mais de um ônibus também aumenta o custo da viagem e, em alguns casos, faz com que ele desista de sair.



Foto: Leonardo Ariel

Frota de ônibus diminuiu e usuários queixam-se do tempo de espera e de trajetos longos

As histórias repetem-se em diferentes pontos da periferia pessoense e os números ajudam a dimensionar o desafio. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), João Pessoa tinha 833.932 habitantes no *Censo Demográfico de 2022*. Já a estimativa populacional para 2026 aponta 906.093 moradores na capital. A diferença entre os dois dados representa um aumento percentual de cerca de 8,7% em quatro anos.

Pós-pandemia

A pandemia de Covid-19 também marcou uma mudança na rotina do transporte coletivo de João Pessoa. Na avaliação de Rogeane Alves e Anacleide Timóteo, a redução no número de ônibus ocorrida naquele período não foi acompanhada por uma retomada equivalente nos anos seguintes, mesmo com o crescimento dos bairros e da população. "Na pandemia, tiraram alguns ônibus e não voltaram mais", comenta Rogeane.

Segundo o Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Urbano de Passageiros no Município de João Pessoa (Sintur-JP), o sistema atualmente conta com uma frota operacional de 420 ônibus, responsável pelo transporte de cerca de 175 mil passageiros por dia, ou aproximadamente 4,1 milhões por mês. Apesar da retomada da operação, a demanda ainda está 27% menor que o patamar registrado antes da pandemia de Covid-19.

Enquanto a demanda não volta aos níveis pré-pandemia, as empresas de ônibus afirmam ter investido na renovação dos veículos. Desde 2023, 190 ônibus novos foram incorporados ao sistema, o equivalente à renovação de cerca de 45% da frota da capital. Os veículos, conforme o Sintur-JP, possuem tecnologia Euro 6, voltada à redução da emissão de poluentes, além de equipamentos de acessibilidade. "As empresas mantêm o compromisso de continuar investindo na renovação da frota de João Pessoa, buscando incorporar veículos mais modernos, acessíveis, confortáveis e menos poluentes", aponta o sindicato.

Para o Sintur-JP, no entanto, a modernização da frota precisa ser acompanhada por outras medidas para tornar o transporte coletivo mais atrativo diante do crescimento do transporte individual. O sindicato defende a ampliação e o respeito às faixas exclusivas para ônibus, a manutenção das vias e a adoção de subsídios diretos à tarifa. Segundo a entidade, políticas permanentes de incentivo ao transporte coletivo são necessárias para melhorar a velocidade, a regularidade e a qualidade das viagens.

Ciclistas lidam com insegurança no trânsito

Para quem escolhe a bicicleta como meio de transporte, o caminho pela cidade é feito em meio a desafios diferentes; entre eles, a necessidade de dividir espaço com carros, motos e ônibus. Em João Pessoa, esse cenário ganha dimensão à medida que mais pessoas utilizam a bicicleta não apenas para lazer e prática de esportes, mas também para os deslocamentos cotidianos.

A pesquisa *O Perfil do Ciclista de João Pessoa*, realizada pelo projeto Pedagogia Urbana UFPB em parceria com a Massa Crítica JP, ouviu, em outubro e novembro de 2024, mais de 500 pessoas que utilizam a bicicleta como meio de locomoção. Cerca de 87% dos entrevistados apontaram o veículo como uma opção mais rápida, econômica e saudável para os deslocamentos.

Segundo a pesquisa, 74,5% dos participantes afirmaram que melhorias no sistema cicloviário poderiam incentivá-los a utilizar a bicicleta com maior frequência. A falta de conexão entre trechos cicloviários, a pouca manutenção das estruturas existentes e a insegurança no trânsito aparecem entre os principais obstáculos citados.

Já um levantamento do CicloMapa, divulgado em 2025, aponta que a capital paraibana possui aproximadamente 90 km de ciclovias e ciclofaixas, colocando o município entre as capitais nordestinas com maior extensão de infraestrutura cicloviária. A Prefeitura Municipal de João Pessoa informa, por sua vez, uma extensão de 121,8 km de ciclovias e ciclofaixas na cidade, segundo dados publicados no mesmo ano.


Foto: Carla Miranda

JP tem malha cicloviária de 90 km, segundo o CicloMapa

É importante destacar que existe uma diferença sutil, porém relevante, entre as duas estruturas: na ciclovia, há uma separação física por meio-fio, muretas ou outros tipos de segregação fixa que dificultam a passagem de veículos. Já a ciclofaixa é uma faixa exclusiva para bicicletas, mas sem segregação física, indicada apenas por pinturas no chão. Além dessas opções, há também calçadas com sinalização para circulação de bicicletas; nesse caso, a prioridade é dos pedestres.

Apesar da presença dessas estruturas, a existência de uma faixa exclusiva nem sempre significa que o percurso será livre de obstáculos. Alisson Manuel trabalha como entregador de um aplicativo de entregas e utiliza a bicicleta como instrumento de trabalho. Ele diz perceber algum avanço na conscientização dos condutores, mas afirma que o respeito ainda não é constante. Em algumas situações, os veículos estacionados ocupam parte da ciclovia e obrigam o ciclista a disputar espaço com outros automóveis. "A pessoa tem que ir para a pista, aí vem ônibus, carros e complicam um pouco", conta.

Para Dênio Ferreira, que utiliza a bicicleta principalmente para atividades de lazer, a segurança também depende da atenção e do comportamento dos motoristas. O ciclista já passou por uma situação de risco ocasionada pela falta de atenção de um motorista. "Ele vinha mexendo no celular, distraído. Eu estava subindo a rua quando ele saiu de outra via sem olhar para o lado e acabou me empurrando, mas o dano foi pouco", lembra. O episódio fez com que Dênio adotasse cuidados extras ao escolher por onde pedalar: "Se eu vejo que tem um carro atrás de mim, não entro [na rua] de jeito nenhum".

A população pode encontrar informações detalhadas sobre a malha cicloviária de João Pessoa pelo aplicativo CicloMapa — atualmente, disponível apenas para sistema operacional Android — ou pelo *site* ciclomapa.app.


Foto: Roberto Guedes

Eu estava subindo a rua quando o motorista saiu de outra via sem olhar para o lado e acabou me empurrando

Dênio Ferreira

Planejamento urbano deve ser revisto, diz especialista

A professora Andrea Porto Sales, do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que melhorar a mobilidade em João Pessoa exige rever prioridades no planejamento urbano e ampliar as alternativas além do transporte particular. "As obras de pavimentação, o alargamento das ruas, a construção de viadutos, tudo isso tende a priorizar o deslocamento por automóvel individual", destaca.

Entre as medidas para tornar as viagens de ônibus mais rápidas e reduzir o tempo de espera, a especialista defende a ampliação das faixas exclusivas em corredores de grande circulação. Em João Pessoa, ela cita as avenidas Epitácio Pessoa, Pedro II e Cruz das Armas, além de vias nos bairros de Mangabeira e Bancários. Andrea também sugere integrar a sinalização dos semáforos para dar preferência aos coletivos e reorganizar itinerários, com linhas circulares e ligações diretas entre bairros. "Seria uma reestruturação mesmo dessa rede de linhas", pontua.

A tecnologia também pode contribuir para melhorar o serviço, com aplicativos que informem em tempo real a chegada dos ônibus, além de opções como a bilhetagem digital e o embarque pré-pago, em que o passageiro pode pagar a passagem antes de embarcar. Em longo prazo, Andrea Porto defende mudanças no planejamento urbano que incentivem a concentração de moradias e atividades comerciais ao longo dos corredores de transporte, aproximando a população dos serviços e das oportunidades de trabalho.

Em relação aos ciclistas, a prioridade, segundo a professora, deve ser ampliar a infraestrutura da malha cicloviária para além da orla e das vias que dão acesso a ela, com atenção especial às regiões sul e sudoeste da capital, onde trabalhadores enfrentam trajetos com pouca proteção. "Dar mais segurança para quem anda de bicicleta é construir mais ciclovias", defende. Já nas áreas em que diferentes estruturas cicloviárias se encontram, Andrea Porto Sales aponta a necessidade de sinalização específica para alertar os motoristas sobre a passagem de bicicletas, além de medidas que favoreçam a redução da velocidade dos veículos nesses pontos.

A equipe de reportagem questionou a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) sobre os impactos do crescimento populacional no trânsito e na infraestrutura da cidade, as medidas adotadas para combater os atrasos e a lotação no transporte público em bairros novos e periféricos, bem como os planos para a expansão da malha cicloviária da capital. No entanto, o órgão não enviou uma resposta até o fechamento desta edição.

VIAS RESPIRATÓRIAS

Obstrução por engasgo pode ser letal

De janeiro a junho deste ano, a Paraíba registrou 41 óbitos; maioria das vítimas é de pessoas com mais de 50 anos

Marisa Rocha
contato.marisarocha@gmail.com



Foto: Carla Miranda

Além dos idosos, crianças mais novas demandam atenção redobrada no momento da mastigação, sendo recomendado ofertar alimentos em tamanhos pequenos

Um alimento mal mastigado, um objeto pequeno levado à boca ou até mesmo um gole de líquido podem transformar, em poucos segundos, uma situação cotidiana em uma emergência. Na Paraíba, nos seis primeiros meses deste ano, foram registrados 41 óbitos ocasionados por obstrução do trato respiratório por inalação e ingestão de alimentos ou outros objetos — um aumento percentual de cerca de 17% em relação ao mesmo período de 2025. Em ambos os intervalos, a maior parte das vítimas era formada por pessoas acima de 50 anos de idade, o que corresponde a cerca de 70% dos casos. Os dados são da Secretaria de Estado da Saúde (SES).

Já no cenário nacional, o engasgo — tecnicamente chamado de "obstrução das vias aéreas por corpo estranho" (Ovace) — provocou cerca de 2,6 mil mortes em 2025, segundo informações preliminares do Ministério da Saúde. Do total, aproximadamente 60% das vítimas tinham 60 anos ou mais. Crianças pequenas também estão entre os principais grupos de risco: de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), 84% dos episódios de engasgo infantil ocorrem em menores de cinco anos.

Os fatores que podem provocar o engasgo variam de acordo com a idade. Conforme a segunda-tenente do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB), Vanessa Marques, nos idosos, a dificuldade de mastigação pode aumentar o risco. "A falta de dentes ou o uso de próteses compromete a mastigação, e a pessoa acaba engolindo um bolo alimentar maior, favorecendo a obstrução das vias aéreas", explica.

Entre crianças pequenas, a atenção deve ser redobrada, porque elas atravessam uma fase em que costumam levar objetos à boca. "Brinquedos pequenos ou outros objetos que sejam deixados [em locais] de fácil acesso podem ser colocados na boca e acabar ficando presos no momento da deglutição", alerta a tenente. Nessa faixa etária, os alimentos também podem provocar o engasgo quando são oferecidos em tamanhos que dificultam a mastigação. "A recomendação é cortar a comida em pedaços pequenos, adequados à idade", orienta.

Já nos bebês, o leite e o excesso de secreções podem estar relacionados aos episódios. Vanessa recomenda que os responsáveis mantenham atenção durante e após a amamentação e adotem cuidados como a lavagem nasal.

Calma é primordial

A enfermeira Gisélia de Medeiros Rocha viveu uma situação de engasgo com a própria filha, então com cinco anos, durante um churrasco de aniversário de uma colega da escola. Enquanto comia um pedaço de carne, a menina engasgou-se e começou a apresentar sinais de dificuldade para respirar. "Quando percebi, ela já estava tossindo, ficando vermelha e levando as mãos ao pescoço", lembra.

Diante da situação, Gisélia foi ágil e realizou manobras de desobstrução das vias aéreas. O conhecimento profissional ajudou a identificar rapidamente o que estava acontecendo, mas não impediu o nervosismo. "Por sorte, sou enfermeira, tenho conhecimento da técnica e consegui agir rápido e com êxito, mas foi muito tenso para mim", relata.

Depois do ocorrido, a família passou a ter mais cuidado com a alimentação da criança. "Orientei o pai e ela a cortar a carne em pedaços menores e a mastigar mais o alimento antes de engolir", conta.

Ação rápida evita consequências mais graves; saiba como aplicar manobra

A primeira orientação ao se deparar com uma pessoa engasgada é acionar os serviços de emergência, como os telefones 193, do CBMPB, ou 192, do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). "Enquanto o socorro não chega, a pessoa pode aplicar a própria manobra de desobstrução de via aérea", aconselha a tenente Vanessa Marques.

Em adultos e crianças maiores de dois anos, a técnica conhecida como "Manobra de Heimlich", ou compressões abdominais, é utilizada nos casos de obstrução grave. Conforme explica a tenente, são feitos cinco golpes nas costas — chamados de "tapotagem" —, com as mãos em formato de concha entre as escápulas, seguidos de compressões no abdômen, entre o umbigo e a parte inferior do esterno, com movimentos para dentro e para cima. As ações são alternadas até que o objeto seja expelido ou o atendimento de emergência chegue.

"Nas crianças, a pessoa que vai realizar a manobra pode se ajoelhar para ficar em uma altura mais próxima ao tamanho delas", orienta Vanessa. Para gestantes e pessoas em cadeiras de rodas, a técnica pode ser adaptada. Nesses casos, em vez de compressões abdominais, podem ser realizadas compressões no tórax.

Em bebês de até dois anos, que ainda não têm firmeza para ficar em pé sozinhos, Vanessa explica que a manobra é diferente. "O adulto vai, de preferência, sentar-se, apoiar o bebê de barriga para baixo no braço e, com a outra mão, inferir esses mesmos golpes — as tapotagens — entre as escápulas na parte superior das costas, cinco vezes. Depois, [o adulto] gira o bebê com as costas no braço e faz compressões torácicas, acima do osso esterno, na linha entre os mamilos", detalha a tenente. Os movimentos devem ser repetidos até a chegada dos socorristas.

O que não fazer

Durante um engasgo, algumas tentativas de ajudar podem agravar a situação. Não se deve oferecer água ou comida, sacudir a vítima ou colocar os dedos às cegas dentro da boca. "Caso a obstrução seja por objeto, não tentar retirar, pois há risco de haver maior deslocamento interno", adverte Vanessa Marques.

A tenente explica, ainda, que existem dois tipos de engasgo: parcial ou total. A forma de proceder pode ser diferente em cada caso. "Sempre peça para a vítima tossir. Se for [engasgo] parcial, esse reflexo da tosse já é suficiente para desobstruir. Caso seja total, a pessoa não conseguirá respirar de forma nenhuma, e deve ser iniciado rapidamente o processo das manobras descritas", comenta.



Foto: Arquivo pessoal

"Sempre peça para a vítima tossir. Se o engasgo for parcial, esse reflexo da tosse já é suficiente para desobstruir

Vanessa Marques

Falhas recorrentes na deglutição podem indicar problemas de saúde

Os engasgos frequentes durante as refeições podem ser um sinal de que algo não está funcionando adequadamente no processo de deglutição. De acordo com a fonoaudióloga Aline Formiga, as dificuldades podem estar relacionadas a diferentes fatores, desde alterações na mastigação até condições de saúde que comprometem os movimentos necessários para engolir os alimentos, os líquidos e até a própria saliva.

A especialista orienta que familiares fiquem atentos quando a alimentação passa a ser acompanhada por episódios recorrentes de engasgo. "Quando o processo alimentar influencia diretamente na rotina, é importante procurar uma avaliação", alerta.

As causas, segundo Aline, variam conforme a idade e as condições de cada processo. Em crianças, por exemplo, uma experiência anterior de engasgo pode gerar medo e dificultar novas tentativas de alimentação. "Essa reação pode ocorrer novamente, várias vezes, quando esse alimento é sentido na cavidade oral", frisa.

Já entre os idosos, o envelhecimento pode provocar mudanças na musculatura e na coordenação dos movimentos envolvidos na deglutição. "É uma questão de amadurecimento mesmo, que faz com que o processo fisiológico afete a parte muscular e interfira na deglutição", aponta a fonoaudióloga. Doenças como o Parkinson e o Alzheimer, além de sequelas de um acidente vascular cerebral (AVC), também podem comprometer esse processo, tornando necessário o acompanhamento especializado.

A avaliação fonoaudiológica investiga as diferentes etapas da alimentação, iniciando pela mastigação. Aline explica que aspectos como a condição dos dentes, o uso de próteses, os movimentos da língua e a capacidade de triturar os alimentos podem influenciar a segurança ao engolir.

Dependendo da dificuldade identificada, pode ser necessário adaptar a consistência da comida ou dos líquidos. "Existem no mercado produtos que fazem essas variações na alimentação, como o espessante, deixando a substância mais espessa ou mais fina, de acordo com a necessidade", afirma a fonoaudióloga.

Aline Formiga orienta que, quando as alterações persistirem mesmo após as intervenções iniciais, o paciente seja encaminhado para investigação complementar — com médico otorrinolaringologista, terapeuta ocupacional ou cirurgião-dentista —, a fim de identificar possíveis comprometimentos nas estruturas envolvidas na deglutição e definir a conduta mais adequada.



Foto: Arquivo pessoal

Condições neurológicas influenciam, diz fonoaudióloga

SUICÍDIO FEMINICIDA

Violência impõe desafio à Justiça

Projeto de lei propõe novas regras para apurar casos de mulheres que se matam e identificar possível induzimento

Atenção: *Esta matéria contém referências a temas que podem ser sensíveis para algumas pessoas*

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com



Foto: Carlos Rodrigo

Em tramitação no Congresso, medida chama atenção para mortes que podem refletir um histórico de abuso e "sufocamento mental"

A morte por suicídio pode, à primeira vista, parecer um caso encerrado. A perícia identifica a causa e o corpo é liberado. Mas, quando uma mulher tira a própria vida, há perguntas que nenhum laudo responde sozinho. Alguém teria contribuído para aquele desfecho? Ameaças e humilhações podem fazer parte de uma história que não termina com a *causa mortis*. É dessa possibilidade que trata o chamado "suicídio feminicida", tema central do Projeto de Lei (PL) nº 2.493/2026, em tramitação no Congresso, que propõe uma tipificação específica para o induzimento ou a instigação ao suicídio de mulheres em contexto de violência doméstica.

A preocupação por trás dessa proposta de mudança no Código Penal não é por acaso. No ano passado, todos os dias, cerca de quatro mulheres foram vítimas de feminicídio no país. Mas há outras mortes que não entram nessas estatísticas: as de mulheres que morreram por suicídio, após viverem situações de violência, tanto física quanto psicológica, praticadas por companheiros e ex-companheiros. Em casos assim, a perícia pode esclarecer, objetivamente, a morte biológica, sem revelar todo o histórico de violência. E é aqui que a discussão fica mais complexa.

Antes desse desfecho trágico, pode haver uma longa jornada de sofrimento, que sequer chegou a ser denunciada e precisa ser considerada na investigação. Como explica a psicóloga Monik Monteiro, professora do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), em relações abusivas, é comum que o agressor isole a vítima de familiares e amigos, enfraqueça sua autoestima e faça com que ela acredite que não há alternativas àquela situação. É quase como um "sufocamento mental", em que as possibilidades de saída parecem cada vez mais distantes e escassas. Segundo ela, em cenários de fragilização psicológica extrema, o suicídio pode ser tratado, equivocadamente, como último recurso para escapar da violência. "O agressor cria esse ambiente onde a mulher acaba se encontrando sozinha e sem ver uma saída".

A raiz do problema, para Monik, está na forma como a sociedade encara a violência, sem reconhecê-la como tal. "Culturalmente falando, a mulher entende que é normal", complementa. Gritos, humilhações e comportamentos controladores acabam sendo tratados como parte do relacionamento, inclusive por quem está de fora. "A gente naturaliza grito, maus-tratos, traições", observa Monik. E, quando tudo parece normal, até os sinais mais flagrantes podem passar despercebidos aos olhos de pessoas próximas — o que também ecoa no modo como lidamos com esses casos. "Ninguém quer tirar a própria vida", afirma a psicóloga, ao lembrar que, mesmo diante de um sofrimento extremo e da própria ideação suicida, a mulher continua preocupada com filhos, parentes e até com o próprio agressor. E, se a violência, muitas vezes, acaba não sendo reconhecida em vida, é preciso garantir, por meio da lei, que a história da vítima também não seja invisibilizada depois da morte.

Com autópsia psicológica, proposta visa evitar impunidade de agressores

É nesse contexto que se insere o PL nº 2.493/2026, muito embora essa preocupação não tenha surgido com ele. Para se ter ideia, o artigo 122 do Código Penal prevê punição a quem induz, instiga ou auxilia o suicídio de outra pessoa. Além disso, o cuidado extra com a investigação também não é novidade — sobretudo no estado. Conforme a promotora de Justiça Artemise Leal, que atua no âmbito dos direitos das mulheres, no Ministério Público da Paraíba (MPPB), já existem diretrizes para investigar mortes violentas sob a perspectiva de gênero.

Um exemplo disso é o *Modelo de protocolo latino-americano de investigação de mortes violentas de mulheres por razões de gênero*, lançado pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), que orienta as autoridades a considerar possíveis históricos de violência doméstica, sem tratar essas mortes como casos isolados. "Por isso, entendo que a investigação não pode se limitar apenas à constatação de que ocorreu um suicídio", defende a promotora. Mas por que, então, instituir um novo mecanismo?

A diferença é que, com a nova proposta, medidas como a preservação de provas digitais, a escuta de pessoas próximas e a chamada "autópsia psicológica", que busca reconstruir a trajetória da vítima, passam a ser obrigatórias em casos envolvendo violência doméstica. Ou seja, a intenção é reduzir o risco de que os agressores fiquem impunes porque os indícios de violência psicológica não foram devidamente apurados. O texto também impede o arquivamento do inquérito sem a realização dessas diligências e prevê penas de cinco a 10 anos para situações envolvendo tentativa de suicídio ou lesão corporal grave, assim como de 12 a 30 anos quando há morte.

Para Artemise, a importância do projeto está em garantir, por força da lei, que esse caminho investigativo seja seguido. Por ter atuado no Tribunal do Júri por anos, a promotora é categórica ao falar do trabalho em rede realizado no estado, onde essa conduta já faz parte da rotina dos policiais. "Garanto que, na Paraíba, quando uma mulher é morta, a investigação começa de forma elástica". A elasticidade tem a ver com o levantamento do histórico da vítima — inclusive de violência, se existir —, após a equipe atestar o suicídio. Ela foi induzida a praticar isso? O companheiro fez nascer essa ideia? Essas são perguntas que não podem ser ignoradas.

Nexo causal

Mas reconhecer esse sofrimento não significa, necessariamente, comprovar que houve algum tipo de induzimento — até porque a relação de causa e efeito, para alguns, pode parecer subjetiva. Há materialidade? Diferentemente de um homicídio comum, em que se busca identificar quem apertou o gatilho, no suicídio feminicida, o "tiro" pode ser bem mais difuso e estar escondido nas miudezas do cotidiano, desde uma briga motivada por ciúme até comentários sobre a aparência da mulher. "Há várias formas de se matar uma pessoa. Não é apenas fisicamente. Você também mata a alma", crava a promotora.

Essa complexidade, no entanto, não impede que as devidas provas sejam produzidas. Muito pelo contrário. Como Artemise destaca, conversas de WhatsApp e depoimentos de familiares, amigos e colegas de trabalho, além de registros de atendimentos anteriores, podem ajudar a reconstituir esse histórico e identificar se houve algum tipo de induzimento ou instigação. Nesse sentido, a promotora defende, ainda, uma análise detalhada dos eventos que antecederam a morte, buscando descobrir com quem a vítima esteve, se houve discussão, ameaça ou agressão, se ela pediu ajuda e tentou romper o relacionamento. "São provas palpáveis", pontua.

■ Promotora defende que investigações busquem reconstituir os eventos que antecederam os óbitos

Responsabilização exige provas consistentes, ressalta especialista

Mesmo assim, comprovar essa relação está longe de ser simples. O caso de Isabelle Caracristi, de 22 anos, encontrada morta no condomínio onde morava com o namorado, em Fortaleza (CE), ajuda a entender por quê. Antes de morrer, a estudante havia enviado áudios a pessoas próximas, nos quais relatava sofrer ameaças do companheiro. A investigação, então, reuniu 17 laudos periciais e 29 depoimentos, mas não encontrou elementos suficientes para atribuir a ele a responsabilidade pelo suicídio. Embora o namorado tenha sido indiciado pela polícia por violência psicológica, a parte sobre induzimento teve o arquivamento solicitado. Por que isso acontece?

Como explica o advogado criminalista Rafael Simões, "não basta mostrar que a relação era abusiva e que, depois, a vítima morreu". Na prática, uma coisa é comprovar a violência sofrida; outra, bem diferente, é demonstrar, por "A" mais "B", que alguém contribuiu criminalmente para aquela morte. "A acusação precisa provar que o companheiro levou a vítima àquele ato e que quis esse resultado, ou, pelo menos, aceitou o risco de que ele acontecesse", complementa Rafael, ao apontar que, independentemente dessa correlação, a violência psicológica continua sendo crime e passível de punição.

Essa distinção, aliás, já acontece nos tribunais. De acordo com o criminalista, a Justiça diferencia a prática de maus-tratos da conduta de induzir alguém ao suicídio. Ou seja, não dá para presumir, automaticamente, a autoria de uma morte apenas pelo histórico de abusos. "Muita gente enxerga nisso uma brecha. Mas, na verdade, é uma garantia que protege qualquer cidadão", pondera Rafael. Por mais que casos assim despertem indignação, a Justiça não pode condenar ninguém só com base nisso. "A resposta penal só é legítima quando há prova da conduta e da intenção".

Termos

Para o advogado criminalista Rafael Simões, ao se referir à vítima como "cônjuge ou companheira", o PL nº 2.493/2026 pode excluir namoradas e ex-parceiras

O problema, para ele, é que as falhas com a vítima começam muito antes de se chegar a essa discussão e persistem, invariavelmente, após a morte dela: antes, quando a mulher não encontra acolhimento e proteção para romper o ciclo de violência; e, depois, quando a constatação do suicídio acaba encerrando um caso de forma prematura, sem que a investigação chegue aos porquês. O que falta, na avaliação de Rafael, é garantir que os mecanismos já existentes, como as medidas protetivas da Lei Maria da Penha, funcionem como devem.

Controvérsia

É por conta disso que o criminalista considera as mudanças na investigação um dos pontos mais positivos do PL, com a adoção obrigatória da autópsia psicológica. Mas Rafael ainda faz ressalvas à nova tipificação. "Trocar o nome e aumentar a pena não muda a dificuldade de prova". Além disso, ele cita a questão da proporcionalidade: a proposta prevê de 12 a 30 anos de prisão, quando há morte — a mesma faixa aplicada ao homicídio qualificado. Só que, no suicídio feminicida, quem pratica o ato é a própria vítima. Seriam condutas juridicamente distintas, o que, para o especialista, exigiria uma discussão mais aprofundada.

Outra ressalva está na forma como o projeto refere-se à mulher, tratada como "cônjuge ou companheira" — algo que, segundo o advogado, poderia deixar de fora namoradas e ex-companheiras. Citando como exemplo uma legislação semelhante no Chile — que só registrou a primeira condenação três anos após sua implementação, em 2022 —, Rafael crê que o PL brasileiro tem força simbólica, mas corre o risco de ser pouco efetivo, ao não prever nenhuma medida de prevenção, atenção à saúde mental ou apoio às vítimas, antes que a violência escale. "Tudo nele é pena ou investigação. Não há evidência científica de que penas mais duras reduzam crimes".

FRONTEIRA DIGITAL

Realidades imersivas ganham espaço

Inteligência artificial e recursos tecnológicos de ponta respaldam projetos inovadores em arte, educação e turismo

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

As quatro salas do espaço Luzzco, no Altiplano, em João Pessoa, traziam para as paredes um pouco mais da vida e da obra do pintor paraibano Pedro Américo (1843–1905). No lugar de quadros, a exposição imersiva, promovida em setembro e com entrada gratuita, convidava os visitantes a um passeio em que o próprio artista, recriado por meio de inteligência artificial (IA), apresentava seus modos de produção, o contexto histórico, as paisagens vistas e criadas e rascunhos vários. Com o pé direito mais alto, a última sala da exposição fazia o visitante mergulhar vídeo adentro, a partir de projeções que iam das paredes ao chão.

Esse pequeno roteiro pôde ser vivenciado e conduzido na Prova de Conceito de Exposição Imersiva Pedro Américo, coordenado pelo professor Carlos Dowling, do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e realizado pela Secretaria de Ciência e Tecnologia de João Pessoa, por meio da Agência de Fomento de Inovação Tecnológica da capital (Inovatec-JP). A ideia da "prova de conceito" é a de que se trata de um experimento, parte de um projeto maior — com mais salas de exposição, detalhes e técnicas imersivas.

"Como [a Inovatec-JP] é uma agência de tecnologia, trabalha muito com inovação. Eles têm esse modelo de fazer protótipos e provas de conceito, que normalmente está mais ligado à área das Ciências Exatas e das Tecnologias da Informação", observa Dowling. "Transpusemos esse conceito para uma exposição museográfica imersiva, porque poderíamos experimentar a ideia de aplicar as ferramentas de IA que funcionariam com o roteiro que estávamos preparando".

No caso, a mostra mencionada compreenderia a sétima e última estação da exposição maior, dedicada especialmente ao Brado do Ipiranga, retratado na tela *Independência ou morte*. Se o circuito da prova durava cerca de 15 minutos, a ideia é que a imersão completa dure em torno de uma hora e meia.

Para o professor, o principal desafio de pensar esse espaço imersivo foi como roteirizar a partir dos dados históricos. "Outro desafio foi como trazer a IA como base de trabalho, alimentar seu aprendizado com as obras de Pedro Américo e conseguir fazer com que o próprio artista contasse sua história". Segundo Dowling, a produção do trabalho durou cerca de um ano e meio.

Outra questão importante refere-se aos aspectos sonoro e arquitetônico da exposição, que buscaram quebrar a lógica de uma projeção convencional para se transformar em cinema expandido, convidando o espectador a interagir com os conteúdos e imergir no espaço. Para o projeto completo, deverão ser necessários outros dispositivos, visando amplificar o caráter imersivo da experiência.

> Exposição realizada em setembro, na capital, aplicou IA para abordar a vida e a obra do pintor Pedro Américo



Fotos: Divulgação/Exposição Imersiva Pedro Américo



Iniciativa ofereceu uma forma mais interativa de apresentar o artista aos jovens

Grupo cria tour *virtual pela Praia do Seixas*

Alguns dos exemplos de aplicações de experiência imersiva no estado vêm sendo produzidos no Laboratório de Realidade Aumentada e Virtual (Lara) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Um deles é do grupo Virtu-O, que elaborou uma tecnologia vinculada ao turismo ecológico e ambiental. O projeto foi um dos premiados na Expotec 2025 para desenvolver a pesquisa tecnológica imersiva. "A gente utilizou uma série de métodos de captura de ambientes 3D, visualização e criação de interações, e aplicou esse tipo de tecnologia no turismo ambiental. Assim, conseguimos recriar todo um ponto turístico, que pode ser inacessível, fechado em certas épocas ou não comportar muitos visitantes", explica Samuel Merson, membro da equipe.

Nesse caso, eles fizeram uma gravação em 360º da Praia do Seixas, no Litoral Sul da capital, envolvendo imagens do mar, de catamarãs, das piscinas naturais e dos passeios oferecidos no local. "A gente foi lá com o equipamento, gravou tudo, colocou no *software* e mapeou os pontos de interação e imersão — que é para você caminhar dentro do ambiente. O céu é o limite. A gente consegue fazer muitas outras coisas com o *software*, como ter o controle de qual área do *tour* foi mais acessada na *internet*, para ver qual o ponto de maior interesse", detalha Merson.

O aparelho utilizado foi uma câmera específica, a Insta360 X4, disponibilizada pelo laboratório. Samuel conta que as imagens captadas são"costuradas" umas nas outras, por meio do *software*, e tratadas posteriormente, para criar a sensação de caminhar no ambiente, com o auxílio de óculos virtuais. A tecnologia desenvolvida pelo Virtu-O, como Samuel reforça, também pode ser adotada em diferentes cenários, como *tours* virtuais em apartamentos de um catálogo de vendas *on-line*. "Ele é bem 'coringa'. É um *framework* aberto que pode se adaptar ao nicho de aplicação".

Uma das possibilidades é que o passeio imersivo por pontos turísticos possa trazer informações relevantes a partir de placas e toques no próprio dispositivo digital. Como pontua Samuel, a iniciativa pode, dessa forma, colaborar com a preservação ambiental e promover o turismo ecológico, "colocando, lá dentro [do ambiente virtual], elementos de educação ambiental; não só mostrar o espaço, mas colocar pontos interativos, que mostram como esse espaço é preservado".

Aplicações abrangem games *e treinamentos*

Francisco Petrônio Alencar, professor do IFPB e um dos coordenadores do Lara, esclarece que as realidades imersivas vêm de uma subárea da computação, relativa às interações imersivas. Quando acessamos um sistema operacional por meio de um celular, um *tablet* ou um relógio inteligente, estamos interagindo com esses dispositivos e suas aplicações, podendo pedir tarefas e ter respostas. No entanto, há as interações exploratórias, nas quais o usuário tem de imergir na aplicação que está utilizando. Ou seja, são realidades imersivas, que, por sua vez, podem ser divididas em duas categorias: realidade aumentada e virtual.

"Você utiliza a câmera de um dispositivo, como um celular ou um *tablet*, para filmar alguma coisa, por exemplo. Na tela, você vê exatamente a mesma imagem que está na frente do aparelho. A marca da realidade aumentada é colocar objetos virtuais entre o seu dispositivo e aquilo que você está filmando", coloca Alencar. Esse é o caso dos filtros do Instagram e das interações no jogo *Pokémon Go* — em que, entre a câmera e a paisagem real, aparecem os personagens, a serem capturados pelos usuários por meio de um aplicativo. "Já a realidade virtual é um pouco diferente. Ela requer que você tenha um óculos [3D], com o qual você não vê o que está à frente. Vê só o que está imerso dentro da aplicação dos óculos".

Campos variados

As aplicações imersivas são comumente exploradas no campo do entretenimento, especialmente em *games*, mas também aparecem em outros setores, como o comércio. "Há uma [aplicação em] que você se filma no espelho e ele começa a projetar roupas para você 'provar' ou muda o corte de cabelo para que você veja como fica em você. Veja que você está imergindo dentro da aplicação", exemplifica o professor.

Há, ainda, exemplos na educação. Um dos orientandos de mestrado de Alencar desenvolveu uma plataforma para estudar redes de computadores. A ideia é que o aluno que não tenha como executar as atividades práticas de um curso *on-line* possa ir ao laboratório e, usando óculos virtuais, consiga analisar os equipamentos de redes e fazer as conexões — tudo via interação imersiva.

Na indústria, a realidade aumentada também pode aprimorar treinamentos de profissionais, com a vantagem de dispensar o desligamento das máquinas, além de garantir a segurança dos participantes.

Limite

Apesar das oportunidades de inovação que as realidades imersivas podem proporcionar, o próprio corpo impõe limitações ao uso dos dispositivos — em especial, das realidades virtuais, que se utilizam dos óculos virtuais. Alencar lembra que a fruição pode causar tonturas e enjoos e, com isso, acidentes. Esse risco pode aumentar ante os mais recentes lançamentos desse tipo de óculos, que permitem ao usuário imergir em um cenário 360º ao mesmo tempo que mantém a visão do mundo real. "Você consegue andar na rua enquanto trabalha com planilhas no ambiente imersivo, vendo as coisas que estão acontecendo ao seu redor. Alguns estudos mostram que um usuário só consegue ficar confortável por até 10 ou 15 minutos com esses equipamentos", finaliza o professor.



Foto: Carla Miranda

Uso de óculos especiais permite ao usuário imergir totalmente em ambientes artificiais

LITERATURA

Vários jeitos de narrativas

Romances, crônicas, contos, ensaios, não ficções e infantojuvenis garantem diversidade aos livros do Pnab

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O romance pode ser considerado a "menina dos olhos" da prosa, mas passa longe de ser a única forma de moldar o texto "corrido". Contos, crônicas, ensaios, infantojuvenis e não ficções mostram a variedade dos gêneros entre as obras selecionadas pelo edital da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (Pnab), por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). São 13 os livros desses gêneros entre os 34 publicados pela Editora A União e que serão entregues aos autores no dia 5 de novembro, às 17h, em evento na Academia Paraibana de Letras (APL), em João Pessoa. O lançamento será no Fli-Paraíba, também em novembro.

O patoense Rafael Medeiros apresenta ao público a antologia de contos *Escalabrião*. "O Sertão é o universo maior das minhas escritas, percepções de mundo e reflexões sobre a vida e o homem. O livro contempla 12 narrativas curtas ambientadas em um espaço ora realista, ora mítico e imaginário".

Cibele Laurentino, campinense e filha do poeta Zé Laurentino, publica a coletânea de contos *Geografia do corpo*. "O título carrega uma compreensão de que o corpo também é território de memória. Nele se inscrevem, ausências, violências, desejos que nem sempre conseguimos traduzir em palavras.

Imerso na mítica paisagem sertaneja, mas fincado do território das crônicas, o maltense Diego Trindade submeteu à Pnab o projeto *As mãos que sabem o caminho*. "O leitor encontrará um convite à contemplação e ao reencontro com aquilo que importa: a beleza escondida na rotina, a força presente na resistência, a sabedoria transmitida entre gerações e a poesia que habita as coisas mais simples da vida".

Enquanto isso, o uiraunense Carlos Alves utiliza a metalinguagem para sinalizar, no título, a categoria que explora: *Abram as janelas: o vendedor de crônicas*. "A obra reúne 31 textos em quatro capítulos: 'A vida aos rés do chão' (cotidiano e reflexões da sala de aula), 'A outra metade do céu' (sobre as mulheres do Sertão), 'Causos e risos do Sertão' (o humor e a oralidade nordestina) e 'A vida tem dessas coisas' (reflexões íntimas e existenciais)".

Destinado aos leitores em formação, *A formiga que comia letras*, da picuiense Jeovania P., conta com ilustrações de Vanessa Andrade. "Esse é um livro para que as crianças possam ler, pintar e aproximar-se da linguagem poética. Escrevo e depois transformo em obra, normalmente. Conversei com a *designer* para construirmos". Estreando como autora infantil, Jeovania tem experiência em outros segmentos. "Tenho publicados livros de poemas, contos, poemas e crônicas. E organizei 12 coletâneas com mulheres de todo o país e de fora dele".

Ao lado dela, o catoleense Junior Fernandes, com *Berilau, o menino que contava histórias em verso*. "Ele é um garoto criativo, esperto, que conta histórias, vive aventuras e compartilha momentos de diversão com seus amigos, ambientado no interior nordestino, onde eu vivi. E a obra traz um misto de humor, de mistério, histórias de assombração e contos, que abordam a amizade e valorizam a nossa cultura". Com mais de 40 cordéis escritos, Junior orgulha-se dos trabalhos imersos nesse estilo. "A literatura tradicional do Nordeste", diz.

Dois pessoenses apresentam ensaios. O primeiro, *Na encruzilhada do corpo-estrutura*, escrito por Alice Cavalcante de Andrade. "Um modelo de texto chamado por Samantha Valentine de 'transcrevivência". Narra, a partir da minha existência na sociedade, a experiência na área de produção cultural, a partir do meu trabalho no coletivo Fuzz, com a produção do Festival de Cultura Marginal Parahyba Transversal". Alice já publicou uma antologia de poemas. "Com toda a perspectiva social de ser uma travesti negra do interior", ressalta.

Alberto Lacet traz a público *O século de 2 Keynes*. "Separei alguns escritos e somei-os ao ensaio historiográfico que é título. Selecionei textos capazes de revelações desconhecidas da população como a que explica porque os ingleses criaram o trem que unia o Sertão a Cabedelo. O tempo que levei para organizá-lo, foi coisa de um ano e meio". Alberto também explorou gêneros diferentes em trabalhos pregressos. "Meu livro mais antigo é de poesia. O segundo foi um romance; o terceiro de contos; o quarto de ensaios historiográficos", elenca.

Desenterrando o passado

Entre os autores de não-ficção, Fellipe Rocha, nascido em João Pessoa, defende a autobiografia *As cores de setembro*. "Nasceu de registros que fiz durante um dos períodos mais difíceis da minha vida, quando enfrentei a depressão, numa experiência em três momentos: 'A queda', 'Joelhos ao chão' e 'Recomeço'. Uma travessia, com suas contradições, recaídas, descobertas e pequenas possibilidades de continuar".

Viviane dos Santos Araújo, natural de Campina Grande, agrupa em *Me identifico: as vozes invisíveis por trás do uso de drogas*, um importante painel de depoimentos. "O público encontrará relatos humanos que revelam dores, conflitos familiares, violência, exclusão e a busca por pertencimento. Buscamos mostrar as pessoas por trás dos rótulos, com empatia e sensibilidade". O livro nasceu da monografia que Viviane escreveu com o colega Jonas Souza, na conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Tiago Germano, nascido em Picuí e morador de João Pessoa, evidencia *Ignez é morta: uma escritora que o Brasil enterrou*, sobre a autora paraibana. "Ao que me consta, é a primeira biografia da Ignez Mariz, que pretende contribuir com a reparação histórica em torno do seu nome, alijado pela crítica do seu lugar devido na segunda geração do modernismo brasileiro, com *A barragem*". Experiente em modalidades distintas da prosa, Tiago Germano foi finalista do Prêmio Jabuti com o conjunto de crônicas de *Demônios domésticos*, de 2018.





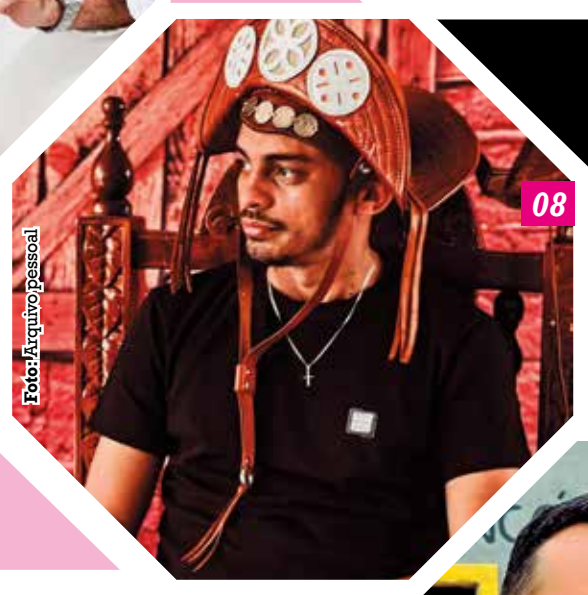


















Selecionados: Alice Cavalcante (1) e Alberto Lacet (10) escreveram ensaios; Fellipe Rocha (2), Tiago Germano (5) e Viviane dos Santos (9) publicam não-ficção; Cibele Laurentino (3) e Rafael Medeiros (7) vêm de contos; Jeovania P. (4) e Junior Fernandes (11) publicam infantojuvenil; Carlos Alves (6) e Diego Trindade (8) escreveram crônicas

OS LIVROS

NÃO FICÇÃO
- ***As cores de setembro***, de Fellipe Rocha (João Pessoa)
- ***Ignez é morta: uma escritora que o brasil enterrou***, de Tiago Germano (João Pessoa)
- ***Me identifico: as vozes invisíveis por trás do uso de drogas***, de Viviane dos Santos Araújo (Campina Grande)

INFANTOJUVENIL
- ***Berilau: o menino que contava histórias em verso***, de Junior Fernandes (Catolé do Rocha)
- ***O livro que perdeu a capa***, de Jordânia Pereira; ilustrações de Radan Rocha (Picuí)
- ***A formiga que comia letras***, de Jeovania P.; ilustrações de Vanessa Andrade (Bayeux)

ENSAIO
- ***Na encruzilhada corpo-estrutura***, de Alice Cavalcante de Andrade (João Pessoa)
- ***O século 2 de Keynes***, de Alberto Lacet (João Pessoa)

CRÔNICA
- ***As mãos que sabem o caminho***, de Diego Trindade (Malta)
- ***Abram as janelas: o vendedor de crônicas***, de Carlos Alves (Uiraúna)
- ***Uma qualquer Maria; um qualquer José***, de José Francisco de Sousa Neto (Itaporanga)

CONTO
- ***Escalabrião***, de Rafael Medeiros (Patos)
- ***Geografia do corpo***, de Cibele Laurentino (Campina Grande)

Artigo

Carlos Azevedo Filho
Jornalista | Especial para A União

A arte de sujar os sapatos

Ninguém sabe ao certo, mas alguns atribuem ao mestre Ricardo Kotscho a definição de reportagem como "a arte de sujar os sapatos". Nesses tempos assépticos e sem sal, talvez a expressão seja antiquada ou mesmo datada, uma vez que as vampirescas novas gerações de jornalistas preferem o ar-condicionado em vez do sol das ruas.

Contrariando a máxima de João do Rio (1881-1921), os chamados jornalistas *high tech* não gostam do contato com gente, preferem as planilhas e uma ajudinha no texto a partir da inteligência artificial (IA), esse monstro que está em moda, criado pelas *big techs*.

Essa tendência claustrofóbica e medíocre do jornalismo atual tem um toque de geração. Garotos e garotas que desde cedo acham que o mundo se resume ao próprio quarto e que o único lugar seguro é um *shopping*. Essa geração aquartelada em seu próprio umbigo está trazendo de volta uma coisa para lá de arcaica e conservadora: o chamado "jornalismo de gabinete", atividade na qual o profissional não sai a procura de informação e notícias. Acrescente-se a essa receita a macrocefalia das chamadas assessorias de imprensa que abastecem as redações com informações feitas sob medida apenas para o interesse dos seus patrões, em desfavor do jornalismo.

Para chegarmos num jornalismo que goste de gente e que sai em busca de notícias na rua percorremos um grande caminho em nossa profissão. A gente teve um Euclides da Cunha (1866-1909) como repórter de guerra cobrindo o massacre de Canudos. A gente teve também um João do Rio, dando vez e voz aos excluídos da cidade e da modernidade, vítimas da chamada "civilização". E já no século 20, temos um João Antônio (1937-1996), cronista, contista e repórter dos bons. Sem falar também no próprio Ricardo Kotscho, que foi repórter da *Folha de S. Paulo* e autor do livro *A prática da reportagem* (Ática, 1986).

Até um bom tempo atrás, os professores da arte de formar jornalistas proibiam os aprendizes de terem contato com as ruas da cidade, talvez por receio de que os jovens pupilos pudessem cair em algum buraco, desses que prosperam em nossas irregulares calçadas da capital. Eu mesmo rompi com isso, ao levar meus alunos para a rua, abandonando o mofo dos quartos de dormir ou da sala de aula, ganhando o mundo, conhecendo pessoas e tecendo narrativas para o jornal-laboratório da UFPB, *Questão de Ordem* ou para a revista experimental *Ciclo*.

Lembro, até hoje, quando eu era um jovem foca (gíria que quer dizer "iniciante em jornalismo") e fui cobrir uma matéria no Distrito dos Mecânicos, na qual famílias inteiras foram afetadas pelas chuvas e ficaram sem abrigo de suas casas ou barracos. Amontoadas em barracas de lona verde emprestadas pelo Exército, essas pessoas penavam com frio e fome. Quando eu entrei numa dessas barracas, eu me equilibrando em tábuas colocadas como passarelas em cima da lama, dou de cara com um senhor de idade bem avançada agonizando sozinho em uma cama de campanha velha. Lembro, até hoje, o sentimento de impotência que me invadiu ali de imediato, no calor da hora. Eu só tinha os meus sapatos sujos de realidade, uma grande indignação, um bloco de notas, uma caneta Bic e um fotógrafo ao meu lado para documentar em forma de imagem tudo aquilo. Foi assim que nasceu a minha primeira reportagem.

Estevam Dedalus, que escreve neste espaço aos domingos, volta na semana que vem

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Letramento político e democracia

O letramento político é definido como o processo de aquisição de conhecimentos necessários à manutenção e ao aprimoramento da democracia. Compreendê-lo exige o conhecimento de documentos relacionados ao funcionamento do Estado, bem como dos mecanismos democráticos, que envolvem partidos políticos, eleições e instituições, além dos direitos e deveres dos cidadãos e dos fundamentos de uma sociedade democrática. Um dos principais teóricos brasileiros que estuda o letramento político é Rildo José Cosson Mota, pesquisador da área da educação e da formação para a democracia. Em seu livro *Letramento político: a perspectiva do Legislativo* (2019), o autor analisa a formação política dos cidadãos, o funcionamento das instituições legislativas e as práticas educativas voltadas ao fortalecimento da democracia.

Foto: Reprodução/Alesp



Rildo Cosson lançou Letramento político: a perspectiva do Legislativo

O letramento político não deve se restringir aos limites nacionais estabelecidos pela Constituição, pois isso pode levar os cidadãos a limitarem suas perspectivas ao contexto local, ignorando outros pontos de vista sociais, políticos e econômicos. Também devem ser inseridas práticas efetivas de democracia, a fim de promover o bem-estar, o diálogo respeitoso e a preservação do conhecimento sobre o bem comum, construído ao longo das gerações. Para compreender os conteúdos fundamentais do letramento político, é necessário organizá-los em quatro eixos: os princípios dos direitos humanos; a conexão com a globalização; o equilíbrio entre unidade e diversidade nas relações sociais; e a preservação da democracia e de suas instituições. Esse conjunto de conteúdos busca evitar a inibição ou a restrição de ações, contribuindo para a aprendizagem e para a realização de escolhas mais conscientes no espaço democrático.

Os princípios dos direitos humanos fundamentam-se na dignidade humana, na liberdade, na equidade e na justiça, constituindo referências éticas e jurídicas para a construção de sociedades mais inclusivas. A conexão entre os direitos humanos e a globalização manifesta-se na intensificação das relações econômicas, políticas, culturais e tecnológicas entre os países. Nesse sentido, a proteção dos direitos humanos exige responsabilidade coletiva, políticas públicas e mecanismos de cooperação entre os estados. O equilíbrio entre unidade e diversidade nas relações sociais pressupõe o reconhecimento de valores como a solidariedade, sem desconsiderar as diferenças culturais, étnicas, religiosas e ideológicas. Esse equilíbrio depende do respeito à pluralidade, do diálogo e da valorização das identidades. A preservação da democracia e de suas instituições requer o respeito ao Estado Democrático de Direito, à Constituição, à separação dos poderes e à participação cidadã. Instituições transparentes e responsáveis são fundamentais para limitar o exercício arbitrário do poder, assegurar direitos e fortalecer a confiança pública. Assim, a democracia envolve a garantia contínua do pluralismo político e da justiça social.

O letramento político somente será bem-sucedido se os cidadãos desenvolverem práticas de solidariedade voltadas ao enfrentamento da escassez material e à satisfação das necessidades vitais da existência, contribuindo também para a redução do sofrimento humano. As experiências de diálogo respeitoso favorecem o reconhecimento da dignidade humana como um dos princípios fundamentais da política. É o compartilhamento dos valores democráticos que podem transformar a sociedade em um espaço de unidade na diversidade. Entre os exemplos de participação cidadã, destaca-se o exercício do voto, assim como a contribuição da sociedade na elaboração de leis e planos de governo. Também são importantes os conselhos de políticas públicas, que favorecem a participação social e o acompanhamento da administração pública. Nesse processo, deve-se priorizar o aumento da transparência e da prestação de contas dos governantes e a ampliação de vozes de grupos historicamente vulneráveis e respostas mais ágeis e alinhadas às reais necessidades da população na formulação de políticas públicas.

Sinta-se convidado para a audição do 590º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 25, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei os Concertos de Brandemburgo, do compositor alemão Johann Sebastian Bach, cuja obra contribui para o fortalecimento dos laços culturais entre diferentes países.*

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Procurando Brás

O vazio ainda me estremece — a morte não, e a vida segue mais imperiosa, impiedosa, e é isso que reconhecemos na forma como deixamos de ver um homem numa esquina a pedir esmolas, ou algo assim como Paris, e, como diz Caetano Veloso em "Vaca profana", João Pessoa é como o mundo todo.

Seu Brás não roubava a cena — aliás, roubar a cena está em desuso, mas, logo cedo ele estava ali no cruzamento das avenidas Maximiano Figueiredo com Camilo de Holanda — o Maximiano não tenho menor ideia quem tenha sido — até aí tudo bem.

Em torno de si mesmo, o Brás escrevia no poste que é Jesus é amor. Será que a morte vem em seu ciclo de mensagens batidas ou será que Seu Brás nunca existiu (?), só na minha cabeça — a cabeça roda, viu? Com uma frequência interrupta, Seu Brás despareceu. Vamos imaginar que ele tenha mudado de esquina, já que os mendigos mudam de lugar, quando a coisa tá preta.

Fui falar com ele algumas vezes, gravei um vídeo, até falamos do juízo final, que introduz abruptamente a gente num contexto fora da ordem, essa mania de querer saber quem é a pessoa, onde mora, com quem se deita, neste país que se tornou um lugar imperfeito e, por isso, inóspito.

Seu Brás sumiu, mas estava protegido, pois a casa da esquina onde ele escrevia as mensagens, é uma delegacia de polícia — mas quem roubaria suas migalhas? Há séculos que milhares de pessoas mendigam nos sinais e, como a cidade não é mais pequena ou estivéssemos a andar descalços, como no tempo da invernada — banho de chuva e sol na moleira.

Deixar-se oscilar entre uma cena e outra, nessa transa do espectro quando aos homens, nós por exemplo somos tão ingênuos e submetidos às necessidades de viver para comer e não, comer para viver.

Seu Brás sumiu — já faz um mês — fiquei segurando esse tema, caso ele tenha adoecido ou sumido de vez, a idade pesou, sem lhe permitir a continuar tanto tempo em pé, escrevendo que Jesus nos ama, que Deus é amor, uma forma antiga de pedir pelo amor de Deus.

A vida é um retorno ao espaço desta merda de pátria amada, como se fossêmos filhos do rei e das putas e não somos, porque os reis estão mortos e os príncipes são ladrões.

Uma pergunta ou nenhuma resposta — não gosto de sábias palavras, pois as palavras têm a mesma origem quando não sabemos da missa um terço. Procurei Seu Brás, tinha levado uma camisa grande para ele e perguntar depois se deu certo, mas o que não pode dar certo nunca os seis números da Mega Sena.

O velho Brás sumiu nessa oscilação entre o não-nacional e formas várias de manifestações de quem ainda acredita numa revolução.

O mundo é imenso e Seu Brás seria um caso raso dessa resistência da mendicância de grande escala da comunidade, aferida pelo pessoal e pelo anedótico de quem está no seu carro, no ar-condicionado, quando larga o celular no sinal fechado e diz: "Não tenho nada aqui.

O que é não ter nada aqui? Mendigos são pequenos imperfeitos, ambas as coisas em demasia, um caso, outros, milhões...

Não, não é o Brás Cubas do Machado, em sua imensa escravidão.

Kapetadas

1 – A ignorância, no Brasil, tem plano de dados ilimitado.

2 – Pois é, pensar virou falta de respeito?

Foto: Arquivo pessoal



"Em torno de si, o Brás escrevia no poste que Jesus é amor"

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Parem a sessão! O filme está apreendido

As reuniões do nosso Cineclube Hitchcock funcionavam às sextas-feiras, pela manhã, na parte de trás do Cine São João, na cidade de Santa Rita, numa sala de primeiro andar, que havíamos criado. Era uma maneira de se discutir artes naqueles tempos de "chumbo", mesmo sob receio de todos. Fazia parte do nosso grupo meu primo Reginaldo Oliveira, que no futuro seria advogado, assim como eu.

Filmes de temática não provocativa ao regime, de conotação não política, como *Morangos silvestres*, do cineasta sueco Ingmar Bergman, ou mesmo de vanguarda, do francês Godard, tinham prioridade nossa e podiam ser exibidos sem nenhum problema, apenas sob o registro prévio na Polícia Federal, em João Pessoa.

A partir de então, todos os filmes programados do nosso cineclube e dos cinemas da cidade e de todo o país tinham que passar pelo crivo da censura, para que os federais dissessem se podiam ou não ser mostrados ao público. Uma prática autoritária sempre repudiada, inclusive pelo meu pai, enquanto empresário exibidor, que sempre me advertia a não criar problemas junto à censura, com o cineclube.

Mesmo assim, tentando burlar o sistema, nós, do cineclube, resolvemos exibir, às escondidas, o filme de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na terra do Sol*. Nada de exposição de cartazes

Foto: Arquivo pessoal



Reginaldo Oliveira faz parte do cineclube

e fotografias do filme na sala do cinema, nenhuma divulgação prévia pelo jornalzinho da paróquia, nada. Tudo seria feito sem que ninguém soubesse da exibição do filme em questão, a não ser os integrantes do cineclube, que combinaram em reunião de sigilo absoluto.

Era uma manhã de domingo ensolarada, do ano de 1964, e estávamos todos eufóricos e já acomodados na sala de projeção do Cine São João. Nem bem havia iniciado a sessão, quando entraram de repente dois policiais com mandado em punho. Como autênticos nazistas fardados, um deles, com dedo em riste, foi logo gritando:

— Parem a sessão!

Um dos tais, de aparência truculenta, indagou furiosamente:

— Quem é o responsável por isso aqui?

Eu tremi as pernas. Meu pai não estava presente e quem quer que fosse o responsável, a julgar pelos recentes ocorridos de prisão e arbitrariedades, naquele momento, jamais se acusaria. Não era hora para atitudes heroicas.

— Pois bem, o filme está confiscado — sentenciaram e foram logo subindo a escadaria, que dava acesso à cabine de projeção, onde estava o operador Zé Alonso, a quem entregaram o papel dizendo para comparecer dia seguinte à Polícia Federal, em João Pessoa.

Depois, juntaram as latas do filme num saco, levando-o embora, para nossa grande decepção. Uma situação que "poderá" se repetir nos dias de hoje, se ocorrer o que jamais desejamos. – *Mais "Coisas de Cinema", acesse o nosso blog: www.alexsantos.com.br.*



Inscrições abertas para a cadeira 36 da APC

Encontram-se abertas as inscrições para concorrer à cadeira 36 da Academia Paraibana de Cinema, vaga com a morte de Marcos Pires. As inscrições podem ser feitas até o dia 25 de novembro deste ano, na sede da entidade (Fundação Casa de José Américo, unidade Tambaú, Av. Nossa Senhora dos Navegantes, em João Pessoa). O candidato deverá apresentar comprovante de que é paraibano nato, ou que reside no estado há mais de cinco anos, e currículo indicando participação na atividade cinematográfica e audiovisual, além de outras informações que julgar pertinentes. O edital está sendo publicado pela APC hoje.

TELEVISÃO

Glee voltará em nova versão no Disney+

Agência Estado

O coral do McKinley High pode voltar a cantar. A série *Glee*, que marcou a televisão de 2009 a 2015, ganhará uma nova versão produzida pela 20th Television e destinada às plataformas Disney+ e Hulu. A retomada da produção criada por Ryan Murphy foi aprovada pelos serviços de *streaming*, mas ainda não teve detalhes sobre elenco, história ou previsão de estreia divulgados.

O projeto marca o retorno de uma das séries musicais mais populares da televisão dos anos 2000. Ao longo de seis temporadas, a trama acompanhou estudantes de uma escola de Lima, no estado norte-americano de Ohio, que encontravam no coral uma forma de enfrentar conflitos da adolescência, relacionamentos e questões de identidade.

Além das apresentações musicais, *Glee* ficou conhecida por abordar temas como sexualidade, racismo, deficiência e saúde mental, nem sempre sem controvérsias. As versões de músicas famosas também se tornaram parte da identidade da produção, com interpretações de faixas como "Don't stop believin'", "Teenage dream", "River deep, mountain high" e "Smooth criminal".

O que se sabe

Até o momento, as informações oficiais sobre a nova

Foto: Divulgação/Disney



Glee *marcou a TV quando foi transmitida de 2009 a 2015*

versão são limitadas. De acordo com a *Variety*, a produção será disponibilizada pela Hulu e pela Disney+, mas não foram anunciados o formato da história, os personagens que estarão na trama ou a data de lançamento.

Em entrevista recente ao *Entertainment Tonight*, Murphy contou que já escreveu um roteiro para o projeto ao lado de Brad Falchuk e Ian Brennan, colaboradores da série original. O criador também revelou que entrou em contato com cerca de 10 integrantes do elenco anterior para conversar sobre a possibilidade de retorno.

"É muito especial, e todos tinham muitas perguntas, mas estavam muito entusiasmados com a ideia", afirmou Murphy, ao comentar as conversas com os antigos colegas.

Ainda não há confirmação de quais atores participarão da nova produção. A possibilidade de reencontrar integrantes do elenco original, porém, já começou a movimentar os fãs da série.

Lea Michele volta?

Uma das atrizes mais associadas à produção, Lea Michele, que interpretou Rachel Berry, já declarou que gostaria de participar de um eventual retorno de *Glee*.

Em entrevista ao *E! News*, a artista afirmou que mantém um vínculo afetivo com a série e com seu criador. "Eu amo *Glee*. Sempre vou amar *Glee*. Amo Ryan Murphy. A série ocupa um lugar muito especial no meu coração", disse.

Michele também declarou que acompanharia Murphy em novos projetos. Apesar da manifestação de interesse, sua participação no *reboot* ainda não foi confirmada oficialmente.

Outro integrante do elenco original, Chris Colfer, intérprete de Kurt Hummel, comentou a possibilidade de uma retomada em entrevista ao *Bustle*. O ator ressaltou que produzir novos episódios seria uma tarefa complicada após a morte de Naya Rivera, que viveu Santana Lopez.

"Foi uma série muito difícil de fazer, e seria muito difícil fazê-la agora que Naya se foi", afirmou Colfer.

Mortes marcaram a série

A possibilidade de reunir parte do elenco também traz à tona as perdas que atingiram a comunidade de *Glee* ao longo dos anos.

Cory Monteith, que interpretava Finn Hudson, morreu em 2013, aos 31 anos, em decorrência de uma overdose. Na época, a série ainda estava no ar, e a morte do ator teve impacto na produção e em seus colegas.

Em 2018, Mark Salling, intérprete de Noah Puckerman, morreu aos 35 anos. O ator havia se declarado culpado de posse de material de abuso sexual infantil antes de morrer.

Já Naya Rivera, que deu vida a Santana Lopez, morreu em 2020, aos 33 anos, após se afogar em um lago na Califórnia. Segundo as autoridades, ela conseguiu salvar o filho, que estava com ela na água, antes de desaparecer.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Ira, exaspero e generosidade

"Perder é tocar alguma coisa mais além da vitória", diz o poeta Carlos Drummond de Andrade num de seus poemas emblemáticos. Não sei se alcanço inteiramente a sutileza lírica dessas palavras, pois tenho, não raro, as minhas dúvidas quando as leio. Como tocar alguma mais além da vitória, se se perde um amigo? E amizade, aprendi, é sentimento maior que paixão, maior que amor, pois passa ao largo da obsessão e da posse.

Penso, aqui, na já distante perda do velho e querido amigo Carlos Alberto Tavares, que conheci nos idos de 1980 do século passado, nos corredores e carteiras do curso de Letras da UFPB, como também em muitas paragens da vida, principalmente nas antigas salas de Redação de **A União** e de *O Norte*, nas esferas boêmias dos bares e dos botecos da cidade. Principalmente, nas paragens ficcionais e estéticas das páginas literárias com as quais convivíamos intimamente, num diálogo de loucos e apaixonados pela expressão verbal e artística. Dos Tavares, Carlos trazia o gosto das letras e a febre da leitura sob regência fraterna do irmão mais velho, o grande geógrafo Sérgio Tavares.

Fiódor Dostoiévski, William Faulkner, Franz Kafka, Albert Camus, Jorge Luís Borges, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, entre outros, eram os nossos escritores de cabeceira. De um e de outro, Carlos Alberto Tavares, leitor voraz e obsessivo, como que herdara uma nota genética e um toque iluminado para cinzelar o texto que só ele sabia escrever. Texto irado, exasperado, generoso, que era mesmo a cara e o estilo de Carlos, para confirmar a frase de Buffon, e que o fez, como àquele outro Carlos, aqui lembrado e citado citado no início do texto, também *gauche* na vida.

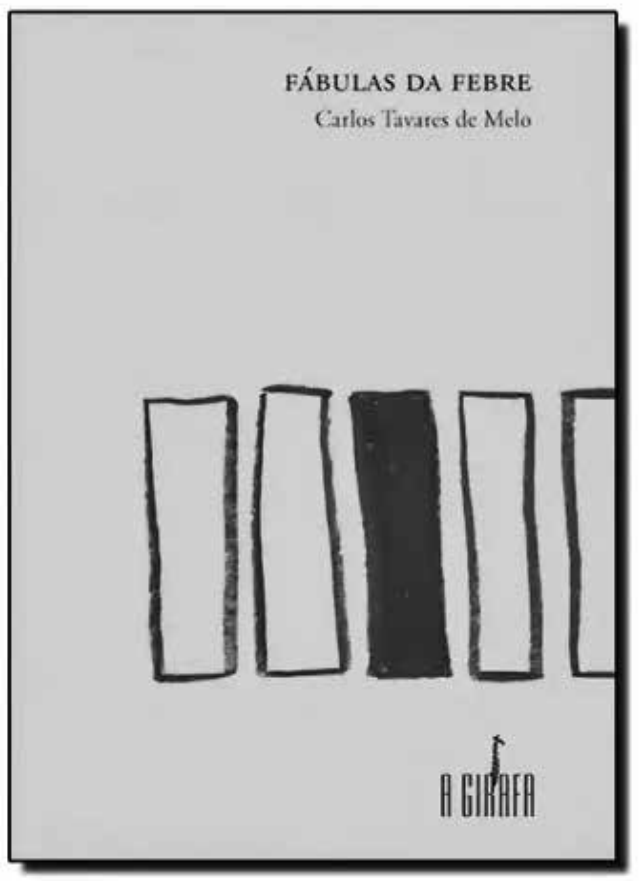
Será que o perdi de verdade?

Ainda continuo me perguntando, ou perdi, provavelmente, certas coisas minhas com a sua ausência, e mais que a ausência, a sua falta? Não sei. Sei que me ficaram, para além da recordação da ira, do exaspero e da generosidade de um amigo perplexo diante da vida e da morte, alguns títulos que me legou, num gesto raro de confiança e reconhecimento.

Sem referir seu único livro publicado, *Fábulas da febre*, em edição de 2002, pela Editora Universitária da UFPB, e em segunda edição, pela Girafa, em 2005, deixou quatro livros inéditos. Um romance, *Desolados lobos*, título que pluraliza o título de minha coletânea de poemas *Desolado lobo*; dois exemplares de contos (*Lajedos do silêncio* e *A concha e o caracol)*; uma novela intitulada *Brumário de pedra*, cuja ação se passa nas serranias da cidade de Matureia e na topografia do Pico do Jabre.

Hoje leio esse gesto como um recado que Carlos me deu, no sentido de que, de certa maneira, não se foi. E isso, me parece, tem lógica. A bem da verdade, um escritor de vocação e talento nunca morre, porque continua vivendo nas palavras que escreveu.

Imagem: Reprodução/A Girafa



Edição de Fábulas da febre, *de Carlos Tavares de Melo*

Colunista colaborador

MÚSICA

Pitty lança novo disco após sete anos

Roqueira interrompe hiato batizando o álbum com seu nome; lançamento também sai em CD e vinil

Da Redação

Pitty escolheu o próprio nome para batizar seu mais novo álbum. E não foi à toa. "Sinto que estou fazendo o meu primeiro disco, essa é a minha sensação", relata a cantora, em material de divulgação. *Pitty* é seu sexto álbum de inéditas, que chegou às plataformas no dia 16 de outubro, pela Deck, e que também está saindo nos formatos *CD* físico e vinil.

Sete anos depois de *Matriz* (2019), a artista apresenta um trabalho de 13 faixas que reúne diferentes perspectivas, experiências e sonoridades. Esse hiato é definido como um período de pausa, escuta e reorganização.

A partir de uma inspiração que, segundo Pitty, não foi racionalizada, as ideias foram surgindo e ela voltou a criar sozinha com o violão, como nos primeiros anos, quando compunha no quarto de sua casa, em Salvador. Dessa vez, porém, o processo avançou para além das letras e melodias. Em seu próprio estúdio, a artista experimentou arranjos, criou *riffs* e pré-produziu demos, construindo a identidade musical das canções antes mesmo de entrar em estúdio para gravá-las.

O primeiro a ouvir as novas criações foi Rafael Ramos, parceiro de longa data e responsável pela produção do álbum ao lado de Pitty. "Quando ela fez as demos, as ideias estavam meio que prontas. O *riff* estava lá, a batida estava lá, a forma que o refrão crescia, até as quebradas de bateria. Então, muito dessa produção vem dela apresentar uma ideia completa. Não tivemos que passar por nenhuma reformulação, porque realmente, a demo era uma coisa perfeita, já empolgava", comenta o produtor, no material de divulgação.

Em menos de dois meses, Pitty compôs todas as músicas do álbum, em um processo de criação intenso. Em *Pitty*, o *rock* permanece no centro da linguagem musical da artista, mas não funciona como fronteira: guitarras, *riffs* e baterias convivem com diferentes ritmos, texturas e possibilidades de movimento. O resultado é um disco que busca preservar a identidade musical de Pitty enquanto amplia as formas de expressá-la.



Foto: Jorge Daux/Divulgação

Pitty voltou a compor sozinha com o violão, como no início da carreira

Canções

A abertura do álbum, "Sobremesa", primeiro *single* do projeto, combina um *riff* de guitarra marcante a um refrão de forte apelo melódico. "Armadura" explora a possibilidade de um *rock* também dançante e incorpora uma referência a Clarice Lispector. Já "Desobediente" combina referências melódicas de diferentes tradições musicais com uma batida de *hip-hop* e o peso do *rock*. A faixa tem produção de Nave ao lado de Pitty e Rafael Ramos.

Felipe Vassão assina a coprodução de "Sobriedade seletiva" e "Pileque de poeta", duas músicas que aproximam as guitarras da pista de dança. "Não à deriva" também procura explorar essa dimensão de movimento.

Em "Caminhada", Pitty aborda parceria e sororidade, sintetizada no verso "É sobre meu braço no seu quando o corpo vacila, é ser o teu eco na frente da mesma fila". "Amiga," incorpora novas camadas de percussão, enquanto "Álbum de casamento" dialoga com o *blues*. O repertório se completa com "Madame", "Prazer", "Universo", "Cuidada" e "Nó".



Foto: Jorge Daux/Divulgação

Mais de duas décadas depois de surgir como uma das vozes que transformaram o *rock* brasileiro, Pitty ocupa hoje um lugar raro na música brasileira: uma mulher com um repertório que segue vivo e cada vez mais relevante, sem perder a inquietação de quem ainda quer criar, experimentar e se mover.

Pitty procura reunir, assim, diferentes dimensões da artista: a compositora que começou sozinha com o violão, a roqueira que mantém as guitarras no centro de sua linguagem e a mulher que segue experimentando novas possibilidades. Um disco que carrega sua trajetória, mas encontra sua identidade na artista que Pitty é hoje.

O projeto também já está ganhando os palcos. A turnê estreou no dia 17 de outubro, em São Paulo.

Em Cartaz

Cinema

Programação de ***22 a 28 de outubro****, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.*

ESTREIAS

AO SABOR DAS CINZAS. Brasil, 2026. Dir.: Taciano Valério. Elenco: Verônica Cavalcanti, Maria Lima, Everaldo Vasconcelos. Drama. Irmãs viajam pelo agreste e fantasmas as colocam em contato com lembranças. 1h24. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 17h10.

A CAIXA DO DEMÔNIO (*Lockbox*). EUA/ Reino Unido/ Canadá, 2026. Dir.: Daniel Stamm. Elenco: Carla Gugino, Lou Taylor Pucci. Terror. Mulher tenta defender primo de entidade sobrenatural. 1h45. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: dom. e qua.: 12h50, 18h10; seg. e ter.: 12h50. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 4*: dub.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 2 (laser)*: dub: dom.: 16h40; seg. a qua.: 20h50. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: 19h15. PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: 20h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1*: dub.: 19h15.

CARA DE BARRO (*Clayface*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: James Watkins. Elenco: Tom Rhys Harries, Ruby Sear. Terror. Estrela de Hollywood em ascensão se submete a experiência que o transforma em um ser que muda de forma. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5*: dub.: dom.: 13h, 15h40; seg. a qua.: 13h, 15h40, 18h15, 21h; *sala 6*: dub.: 13h30, 18h40; leg: 16h, 21h15; *sala 9 (macro-XE)*: 14h, 16h30, 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 1*: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30; *sala 5*: 13h, 15h45, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 6 (laser)*: dub.: 16h25, 18h35, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser)*: leg: dom.: 14h20; seg. a qua.: 20h; *sala 3*: dub.: 16h25, 18h35, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 3*: dub.: dom.: 14h50, 16h50, 19h, 21h10; seg. a qua.: 16h50, 19h, 21h10. PATOS MULTIPLEX: *sala 4*: dub.: 16h, 18h40, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 3*: dub.: dom.: 14h30, 16h45, 19h, 21h15; seg. a qua.: 16h45, 19h, 21h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 20h30; ter.: 18h30; qua.: 14h.

DANIEL E A FORNALHA ARDENTE (*Daniel*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Daniel Kooman e Matthew Kooman. Elenco: Mena Massoud, Elijah Alexander. Religioso. Judeus enfrentam dificuldades quando o ex´percito da Babilônia invade Jerusalém. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: dub.: 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: dub.: 13h10, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 5*: dub.: 18h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 16h10; ter.: 14h; qua.: 20h30.

I WANT YOUR SEX (*I want your sex*). EUA, 2026. Dir.: Gregg Araki. Elenco: Olivia Wilde, Cooper Hoffman. Comédia/ romance. Rapaz consegue emprego com uma artista e vira seu brinquedo sexual. 1h30. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: leg.: 20h15.

MEU VERÃO NA SICÍLIA (*Gioia mia*). Itália, 2025. Dir.: Margherita Spampinato. Elenco: Marco Fiore, Aurora Quattrocchi. Drama. Obrigado a passar as férias com tia idosa, garoto descobre que a casa tem segredos. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 19h40; ter.: 18h40.

O OUTRO LADO DAS REDES (*The social reckoning*). EUA, 2026. Dir.: Aaron Sorkin. Elenco: Jeremy Allen White, Mikey Madison, Jeremy Strong. Drama. Engenheira do Facebook revela segredos da empresa a repórter. Sequência de *A Rede Social* (2010). 1h52. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: leg.: 16h30, 21h10. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 10 (VIP)*: 13h50, 16h45, 19h30.

A PRINCESA E O PLEBEU (*Proud princess*). República Tcheca/ Polônia/ Eslováquia, 2024. Dir.: Radek Beran e David Lisy. Romance/ animação. Rei se disfarça de jardineiro para conquistar o coração de uma princesa. 1h24. Livre.

Patos: CINE GUEDES: *sala 2*: dub.: dom.: 15h30, 17h15; seg. a qua.: 17h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: dub.: 17h.

WILLOW E A FLORESTA ENCANTADA (*A girl named Willow*). Alemanha, 2025. Dir.: Mike Marzuk. Elenco: Ava Petsch, Cora Trube. Aventura. Menina herda floresta e feitiçaria de sua tia-avó e precisa salvar o local. 1h40. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: dub.: 12h50. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 4*: dub.: 17h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 2 (laser)*: dub: seg. a qua.: 17h; *sala 3*: dom.: 14h25. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: dom.: 15h20, 17h20; seg. a qua.: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1*: dub.: 17h10.

ZONA ZERO (*Gunche*). Coreia do Sul, 2026. Dir.: Sang-Ho Yeon. Elenco: Jun Ji-Hyun, Koo Kyo-Hwan. Suspense. Vírus escapa em conferência de biotecnologia e surto se espalha. 2h03. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: sex., seg. e ter.: 15h15, 20h50; sáb., dom. e qua.: 15h15.

REAPRESENTAÇÃO

CARROS (*Cars*). EUA, 2006. Dir.: John Lasseter. Comédia/ animação. Jovem e arrogante carro de corridas vai parar em cidade do interior, onde aprende a ser mais humilde. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: dub.: dom.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 5*: dub.: dom.: 16h20. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 3*: dub.: dom.: 14h40; seg. a qua.: 15h05. PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: dom.: 14h50.

GODZILLA MINUS ONE (*Gojira mainasu wan*). Japão, 2023. Dir.: Takashi Yamazaki. Elenco: Minami Hamabe, Ryunosuke Kamiki. Aventura. No Japão arrasado após o final da II Guerra, surge do mar uma criatura monstruosa e radioativa. 2h04. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: dom.: 21h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: 18h30, 21h.

RAN (*Ran*). Japão/ França, 1985. Dir.: Akira Kurosawa. Elenco: Tatsuya Nakadai, Akira Terao. Drama/ guerra. Senhor feudal entrega seus domínios aos três filhos, mas isso os corrompe. Oscar de figurino. 2h40. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua.: 15h30.

ESPECIAL

BTS WORLD TOUR ARIRANG IN BUENOS AIRES (*BTS world tour Arirang in Buenos Aires*). Coreia do Sul, 2026. Dir.: Jungjae Ha. Show. Apresentação da boy band de k-pop em Buenos Aires. 3h15. Clássificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5*: leg.: dom.: 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: leg.: 19h45. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 5 (laser)*: leg.: dom.: 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser)*: leg: dom.: 18h45; *sala 2 (laser)*: leg.: dom.: 18h45.

OZZY E BLACK SABBATH: BACK TO THE BEGINNING (*Ozzy & Black Sabbath: back to the beginning*). EUA, 2026. Dir.: Tom Van Someren e Ben Wainwright-Pearce. Documentário/ show. Apresentação de Ozzy Osbourne com o Black Sabbath e convidados, filmado 17 dias antes de sua morte. 2h27. Classiciação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: leg.: qua.: 21h.

PURGATÓRIO: SEGREDOS REVELADOS (*Czysciec*). Polônia, 2020. Dir.: Michael Kondrat. Elenco: Malgorzata Kozuchwska, Olga Bonczyk. Religioso. Mulher enfrenta crise de fé. 1h36. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: seg. e ter.: 18h30.

CONTINUAÇÃO

AMELIA TOLEDO: LEMBRAR DE NÃO ESQUECER. Brasil, 2026. Dir.: Hélio Goldsztejn. Documentário. A vida e a obra da artista plástica. 1h22. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 18h; qua.: 19h40.

AS AVENTURAS DE TADEO E A LÂMPADA MÁGICA (*Tadeo Jones y la lámpara maravillosa*). Espanha, 2026. Dir.: Enrique Gato. Aventura/ comédia/ animação. Aventureiro acidentalmente libera um feitiço antigo e precisa resolver o problema. Quarto da série iniciada em 2012. 1h34. 10 anos.

Patos: PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: dom.: 15h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: dub.: dom.: 15h. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter.: 14h; qua.: 16h.

CORDELINA. Brasil, 2022. Dir.: Jaime Guimarães. Elenco: Odília Nunes. Drama. Atriz anada pelo interior apresentando um espetáculo. 1h10. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 16h.

AS CORES DO TEMPO (*La venue de l'avenir*). França/ Bélgica, 2025. Dir.: Cédric Klapisch. Elenco: Suzanne Lindon, Abraham Wapler. Drama. Primos herdam uma casa antiga e descobrem sobre a vida de uma antepassada do século 19. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 27/10: 15h.

DENTRO DA BALEIA (*Whalefall*). EUA, 2026. Dir.: Brian Duffield. Elenco: Austin Abrams, Elisabeth Shue, Josh Brolin. Suspense. Mergulhador é engolido por baleia e precisa sair antes que seu oxigênio acabe. 1h46. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: dub.: 15h45. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: dub.: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 5*: dub: 18h20.

GALINHA PINTADINHA: O FILME. Brasil, 2026. Dir.: Marcos Luporini e Juliano Prado. Vozes originais: Hannah, Paulka Zarta. Comédia/ animação/ infantil. Galinha precisa resgatar seu pintinho, entregue por engano ao gavião pela cegonha. 1h15. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 7*: 12h.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: 12h45, 15h30, 18h20, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: 16h45. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: 18h. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 14h; ter.: 20h30.

OUTRA MAMÃE (*Other mommy*). EUA/ Irlanda, 2026. Dir.: Rob Savage. Elenco: Jessica Chastain, Arabella Olivia Clark, Karen Allen. Terror. Menina enfrenta uma entidade sinistra que sai de seu armário e que ela chama de "outra mamãe". 1h33. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: dub.: dom., ter. e qua.: 17h50. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 4*: dub.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 2 (laser)*: dub: dom.: 14h50; seg. a qua.: 19h. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: 21h15. PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: seg. a qua.: 15h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1*: dub.: 21h25.

ROSEBUSH PRUNING (*Rosebush Pruning*). Alemanha/ Itália/ Espanha/ Reino Unido/ EUA/ Canadá, 2026. Dir.: Karim Aïnouz. Elenco: Tracy Letts, Callum Turner, Elle Fanning, Pamela Anderson. Drama. Segredos pesados de família rica aparecem depois que um dos filhos anuncia que vai morar com a namorada. 1h37. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 20h15.

SE EU FOSSE VOCÊ 3. Brasil, 2026. Dir.: Anita Barbosa. Elenco: Cléo Pires, Rafael Infante, Glória Pires, Tony Ramos. Comédia. Mulher troca magicamente de corpo com o marido, 20 anos depois de isso ter acontecido com seus pais. 1h59. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: dom., ter. e qua.: 15h20; seg.: 18h (sessão adaptada para portadores de espectro autista). CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: 14h15 (sessão adaptada para portadores de espectro autista). CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 5*: 21h.

STREET FIGHTER (*Street Fighter*). EUA/ Japão, 2026. Dir.: Kitao Sakurai. Elenco: Jason Momoa, Callina Liang, David Dastmalchian. Aventura. Dois lutadores enfrentam uma competição oculta ao participar de um campeonato. 1h59. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: dub.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 4*: dub.: 13h15, 15h50, 18h45; leg.: 21h20; *sala 7*: dub.: 13h50, 16h40, 19h20, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: dub.: 13h15, 16h, 18h50, 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 2*: dub.: 15h50, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser)*: leg: seg. a qua.: 17h40; *sala 4*: dub.: 15h50, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 2*: dub.: 19h. PATOS MULTIPLEX: *sala 3*: dub.: 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: dub.: 18h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 18h15; qua.: 18h30.

UM TIO QUASE PERFEITO 3. Brasil, 2026. Dir.: Pedro Antonio. Elenco: Marcus Majella, Ana Lúcia Torre, Letícia Isnard. Comédia. Homem tenta lidar com a distância dos sobrinhos enquanto tenta cuidar de bebê deixada na sua porta. 1h35. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 6*: 11h30.

VERITY (*Verity*). EUA, 2026. Dir.: Michael Showalter. Elenco: Anne Hathaway, Dakota Johnson, Josh Hartnett. Drama/ mistério. Escritora é contratada para ser a *ghost writer* de autora *best seller* que não consegue terminar seu romance após um acidente, mas descobre anotações perturbadoras. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: leg.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: dub.: 21h20; *sala 11 (VIP)*: leg.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3*: dub.: 14h30, 17h20, 20h. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 2*: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser)*: leg: dom.: 16h30; seg. a qua.: 15h25; *sala 4*: dub.: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 2*: dub.: 21h10. PATOS MULTIPLEX: *sala 3*: dub.: 17h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: dub.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter.: 15h40.

Música

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 26/10, 21h30. Ingressos: de R$ 20 (meia/ 1º lote) a R$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

ELEIÇÕES 2026

Paraibanos elencam prioridades

*Jornal **A União** foi às ruas para entender fatores que influenciaram a escolha do candidato à Presidência*

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com



Os eleitores de todo o país voltam, hoje, às urnas para definir o comando do Executivo nacional. Após uma diferença de aproximadamente 2,2 milhões de votos, o atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e o senador Flávio Bolsonaro (PL) disputam o segundo turno das Eleições 2026.

Por tratar-se de um momento decisivo para o país, a reportagem de **A União** foi às ruas ouvir a população de João Pessoa, não para saber o seu voto, mas, sim, para entender quais áreas prioritárias o novo presidente deve ter como guia no governo. Entre os entrevistados, um consenso: saúde e educação precisam ser considerados pilares para a atuação do novo governo.

O cabeleireiro Severino Leite da Silva destaca a importância dos investimentos na saúde pública. Para ele, o presidente deve ser alguém que "pense no povo, principalmente nos menos favorecidos", e que a política prioritária considere a continuidade do Sistema Único de Saúde (SUS). "Eu sou uma das pessoas que utiliza muito o SUS, porque tomo uma medicação controlada", conta.

Trabalhadora da construção civil, Elizabete Oligário avalia que existem deficiências no sistema público de saúde e reivindica a aplicação de mais investimentos no setor. "Nós temos o SUS, mas ele precisa melhorar mais ainda, precisamos de mais qualidade no atendimento e outras coisas", defende.

O professor Gilvamarque dos Santos considera que a melhoria da educação é a maior prioridade do Brasil. "País que não tem uma educação forte vai sofrer em vários outros aspectos, inclusive na saúde. Uma Educação Básica de qualidade vai ter reflexo em toda a sociedade brasileira, não só na parte do avanço pessoal, mas no avanço social", enfatiza.

A estudante de Arquivologia Caren Anísio também endente a educação como o motor de transformação da sociedade. "Educação é primordial, a gente muda de vida, eu mudei de vida com a educação. Tem gente que fala: 'Quem é universitário, é vagabundo', mas não é verdade. Eles falam isso para não ter educação e sempre ter aquela escala de cima para baixo, para ter a desigualdade. A desigualdade é por causa disso", opina.

Outras áreas

A apreensão com a criminalidade urbana coloca a segurança pública como uma das áreas cobradas para a próxima gestão federal, seja no combate à criminalidade ou à corrupção.

Para o vendedor ambulante David de Sousa, a corrupção afeta a vida dos cidadãos de maneira generalizada, prejudicando o sustento das famílias, a alimentação e, principalmente, o sistema de saúde. "O SUS era para ser melhor do que o particular, mas, devido à corrupção, o dinheiro vem e, no meio do caminho, ele se espalha", exemplifica.

Já o operador de *telemarketing* Gabriel Macedo relaciona a segurança pública com a necessidade de políticas públicas voltadas para a proteção de minorias sociais. "Acredito em [políticas de] segurança, principalmente para a minha comunidade, que é a LGBTQIAPN+. [Existem] propostas bem legais para a nossa comunidade, não só para a gente, mas também para as mulheres e para várias outras pessoas de outras comunidades específicas", diz.

A defesa dos direitos humanos também foi apontada como demanda a ser priorizada pelo próximo governo. A estudante de Psicologia Marina Sá manifestou preocupação com o que define como "retrocessos nos debates sociais", citando o questionamento de conquistas históricas, como o voto feminino. "Gostaria mesmo era que as pautas se tornassem mais atuais e relevantes, digamos assim. Os direitos das pessoas LGBTs são coisas que ainda precisam de melhoria", observa.

Incomodada com o avanço de discursos que relativizam a violência doméstica, a internacionalista Maria Antonieta Vieira defende o endurecimento de penas para agressores e a criação de um ambiente acolhedor e eficiente para a realização de denúncias. "Todo mundo, eu acho, já teve contato com alguém que, de alguma forma, sofreu um abuso, tanto físico como mental, de um parceiro. É importante isso vir cada vez mais à tona e que tenhamos um espaço tranquilo para as mulheres denunciarem", frisa.

Mesmo elencando prioridades diversas, os eleitores ouvidos por **A União** concordam em algo: o caráter democrático deve ser requisito inegociável para o próximo presidente.

"O país está precisando muito de educação, de segurança e qual é a melhor forma de chegar lá? De forma democrática. Eu quero um presidente que ame o Brasil, que lute pelo Brasil de forma democrática, para que a gente possa ter mais acesso à saúde e à educação. Um presidente que pense no Brasil em primeiro lugar, acima de tudo", resume Maria Antonieta Vieira.

Logística do pleito

A Paraíba preparou-se para o pleito com a mesma logística do primeiro turno. São 10.845 seções, distribuídas em 1.856 locais de votação. De acordo com a Justiça Eleitoral, foram 10.712 urnas destinadas às seções e 1.132 equipamentos reservados para substituições em caso de falha.

Neste segundo turno, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) alterou o local de votação de oito seções eleitorais, impactando 2.238 eleitores distribuídos entre três municípios: São Bento, Uiraúna e Vieirópolis.

A logística também requer um aparato de segurança robusto, integrando todas as Forças de Segurança nos três níveis da federação — nacional, estadual e municipal. Isso inclui Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Civil, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. A estrutura visa garantir o direito de voto aos 3.247.397 eleitores do estado.

A Polícia Militar disponibilizou um efetivo com cerca de 6,2 mil policiais militares, responsáveis pela proteção das urnas, dos locais de votação e pela manutenção da ordem. Em Bayeux, Itabaiana e Piancó, o planejamento prevê reforço ostensivo do Batalhão de Choque, do Regimento de Operações Táticas com Apoio de Motocicletas (Rotam) e da Cavalaria.



Fotos: Leonardo Ariel

Cerca de 3,2 milhões de pessoas vão às urnas hoje no estado; TRE-PB destinou 10,7 mil equipamentos para este 2º turno






Fotos: Roberto Guedes






Com perfis e trajetórias de vida distintas, cidadãos ouvidos pela reportagem concordaram em um ponto crucial: os valores democráticos devem ser inegociáveis para o gestor do país

EDIÇÃO: Amanda Gabriel
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro



Foto: Carolina Curi/Agência Senado

Senadores e especialistas avaliam como a política comercial de Donald Trump pode prejudicar os interesses brasileiros

INTERFERÊNCIA EXTERNA

Exploração de terras-raras atrai riscos e oportunidades

Tema foi tratado em audiência que também debateu a soberania nacional

Agência Senado

O tarifaço imposto pelos Estados Unidos revela como esse país utiliza o comércio exterior com objetivos econômicos e políticos — que podem afetar, inclusive, a soberania nacional. Além disso, a exploração das terras-raras, de que o Brasil tem a segunda maior reserva mundial, oferece tanto oportunidades como riscos ambientais. Essas foram algumas das avaliações dos participantes da audiência pública, promovida, na última semana, pela Comissão de Meio Ambiente (CMA) do Senado Federal.

A senadora Leany Lemos (PSB-DF), que presidiu a reunião, afirmou que os Estados Unidos, sob o governo de Donald Trump, passaram a tratar sua política comercial como "arma para atingir os seus interesses". Ela também ressaltou que o governo norte-americano encara o Brasil como se fosse seu "quintal".

"Estamos falando de soberania nacional e do direito e do dever de decidirmos livremente os nossos caminhos e o destino das nossas riquezas. Os Estados Unidos se posicionam, neste momento histórico, com uma estratégia de dominância talvez inédita", criticou a parlamentar.

O tarifaço

Desde março de 2025, os Estados Unidos vêm anunciando sucessivas tarifas para produtos e serviços estrangeiros que entram naquele país. Atualmente, quase metade das exportações brasileiras para o país (47,3%) está sujeita a taxas extras de até 37,5% — que não existiam em 2024. De acordo com o governo brasileiro, o valor estimado dessas exportações é de US$ 19,1 bilhões. As taxas mais altas foram anunciadas em julho de 2025, quando algumas das tarifas específicas chegaram a até 50%.

Reindustrialização

Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Renato Baumann destacou que o objetivo do tarifaço é induzir a negociações, entre os países envolvidos, que resultem em mais investimentos nos Estados Unidos.

Baumann explicou que os Estados Unidos são grandes fornecedores de serviços, mas não de investimentos e infraestrutura, e que a percepção do governo liderado por Trump é que os países sobretaxados prejudicam a indústria norte-americana porque exportam mais para os Estados Unidos do que importam. Contudo, observou ele, esse não é o caso do Brasil.

"O Brasil tem déficit comercial com os Estados Unidos desde 2008. É uma estratégia eleitoral, ideológica e comportamental [por parte do país norte-americano] que não se sustenta", opinou.

Minerais preciosos

A doutora em Ciência Política Luíza Gimenez Cerioli salientou que minerais como lítio, cobre, níquel, grafite, cobalto e terras-raras são fundamentais porque são a "chave de três transições essenciais que estamos vivendo hoje no mundo: a transição digital, a transição energética e a transição de defesa e espaço".

O Brasil é considerado o país com a segunda maior reserva de terras-raras do planeta, atrás apenas da China. Essas matérias-primas estratégicas são utilizadas, por exemplo, em componentes de *data centers* (infraestrutura essencial à expansão da indústria de inteligência artificial) e em *drones* militares.

Cerioli enfatizou que a China "dominou grande parte do processamento desses minerais nas últimas décadas" e que, por isso, outros países (como os Estados Unidos) e grandes empresas começaram a perceber a dependência desses insumos como uma vulnerabilidade estratégica.

A especialista chama o fenômeno de "geopolitização": temas que antes eram tratados como exclusivamente comerciais ou técnicos passam a ser encarados como questões de poder, segurança e estratégia nacional.

Oportunidade

Ao tratar das terras-raras, o professor da Universidade de São Paulo (USP) Fernando Landgraf declarou que o Brasil pode construir uma fábrica brasileira de ímãs (das quais as terras-raras podem ser matéria-prima), em vez de simplesmente vender o material bruto para outros países.

Para ele, são indispensáveis políticas nacionais para o setor e também investimentos estrangeiros — devido ao alto risco de prejuízo. Landgraf estima que sejam necessários cerca de 10 anos para se obter lucro nesse mercado, que ele ainda considera pequeno.

"São poucas as fábricas de ímãs. Não chegam a 10 fora da China. Mas quem compraria isso? Centenas de fábricas de diversos motores e componentes pelo mundo", frisou o professor, que também lembrou da Política Nacional de Minerais Críticos, cuja lei foi sancionada no mês passado.

Luíza Cerioli avaliou que as vendas para o mercado internacional dependeriam de parcerias sólidas. Ela defendeu o foco no mercado interno, com a busca de salvaguardas ambientais e a redução da desigualdade econômica.

"O processamento [das terras-raras] exige bastante energia e bastante água. É algo poluente e pode criar conflitos sociais e econômicos onde esse processamento estiver localizado. O único jeito de o Brasil ser "ganhador" é estimular a redução da desigualdade, a adaptação à energia limpa e a criação de emprego qualificado", argumentou.

Punição por desmatamento

Segundo André Rodolfo de Lima, representante do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, a decisão do governo norte-americano de taxar em 25% as exportações brasileiras depois de julho de 2026 foi baseada em uma "grande falácia".

De acordo com o governo dos Estados Unidos, o Estado brasileiro falhou na fiscalização do desmatamento, o que teria favorecido o agronegócio nacional e, consequentemente, prejudicado o setor nos Estados Unidos. Esse foi um dos argumentos apresentados pelos norte-americanos para justificar a taxação de 25%.

Lima informou que, de 2022 a 2026, houve uma redução de 75,4% no desmatamento observado na Floresta Amazônica — e isso é resultado, observou ele, da adesão de 80 municípios a um programa da União (implementado no âmbito do Fundo Amazônia).

Também participaram do debate na Comissão de Meio Ambiente do Senado: Herlon Brandão, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic); Fabrizio Panzini, da Amcham Brasil — representante de empresas norte-americanas que atuam no Brasil; e Roberto Furian Ardenghy, presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis.

■

Brasil tem a segunda maior reserva mundial de matérias-primas consideradas estratégicas para o setor de tecnologia

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (63)

Morei 12 anos em Mari. Ajudei a formar muitas lideranças, atletas, comunicadores, atores e dirigentes comunitários nos encontros, associações, grupos de estudo, palcos de teatro, estúdio de rádio, redação de jornal e nas centenas de reuniões do partido político que também ajudei a fundar em Mari.

Fui do meio popular, digamos assim, e, nesse meio, do movimento dos trabalhadores, da luta dos artistas para assumir seus espaços, da fome de justiça da juventude, do incentivo ao esporte sadio, batalhamos por uma sociedade aberta, livre e engajada.

Não avançamos muito, mas desses grupos de lazer, esporte, política, movimento social e mesas de bar saíram bons quadros.

Acho que contribuí para mudar destinos. Isso conta muito no cálculo do valor de uma vida que já se aproxima do epílogo.

Por onde andei, liberei gritos, esperanças, sonhos, esperneios, lições de plantação de sementes boas. Em Mari, cidade onde morei por 12 bons anos de minha vida profissional e pessoal, espalhei muitas sementes.

Algumas germinaram. Trabalhei com futebol de base, fundei associações comunitárias, jornais, teatro e rádio comunitária. Movimentos mirrados, em uma sociedade muito conservadora, mas produzimos bem, alastramos ideias, estimulamos talentos, espalhei e fomentei arte, cultura e rebeldia.

Valeu a pena, enfim.

"Viver é arrumar as malas para ir a lugar nenhum" (Kubi Pinheiro).

Apesar das evidências em contrário, Deus existe e ele é ateu.

Não sou ateu, e sim agnóstico. Quem não sabe o que isso significa, dê-me o prazer de consultar um dicionário. Admiro, entretanto, as pessoas que têm fé absoluta.

Aliás, é bom lembrar que somos todos ateus em relação ao deus dos outros. Um evangélico, por exemplo, não acredita em Ogum, entidade do candomblé, ou associa ao demônio.

Acabo citando Eduardo Rickrot: "Acho que um ateu deve valorizar e aproveitar melhor a vida, pela consciência de que ela é única e não merece ser desperdiçada se reunindo em grupos para tentar conversar com um amigo imaginário tímido".

Até a religião católica cita que alguns dos seus Santos eram agnósticos. Ouço sempre alguém dizer: "Eu sou como São Tomé, preciso ver para acreditar".

Sonhei com Augusto dos Anjos. Indaguei sobre os termos científicos usados em seus trabalhos, se seria uma espécie de propaganda subliminar de remédios ou de cursos da área, já que a publicação do seu primeiro e único livro foi financiada pela Faculdade de Medicina.

Eu estava na dúvida se perguntaria ao poeta se realmente a árvore da serra era o filho que ele emprenhou numa escrava da fazenda do seu pai.

Ninguém deve se meter nas intimidades de um poeta.

"No tempo da ditadura, na redação do jornal *O Norte*, havia o cartaz: 'É proibida qualquer matéria sobre Dom Hélder Câmara'" (Waldemar Solha).

Meu déficit de atenção não me deixa escutar o que a mídia hegemônica tenta me dizer com sua boca suja de ressentimento e preconceito burro.

"As pessoas estão se autodestruindo com o veneno do fascismo. E, assim, caminhamos para ser um Estado teocrático sombrio, medieval, cinzento, cafona, jeca, antiquado, conservador" (Flávio Gomes, no antigo Twitter).

"Notícia de que TSE combateria *fake news* era *fake news*" (Sensacionalista).

Colunista colaborador

CRESCE O RISCO

Negacionismo impulsiona sarampo

Bloqueio a casos de pessoas infectadas vindas de outros países depende de manter vacinação alta no país

Tâmara Freire
Agência Brasil

Mudanças recentes no calendário vacinal dos Estados Unidos, impulsionadas por discursos antivacinação do governo Donald Trump, ajudam a explicar por que o país está passando pelo pior surto de sarampo em mais de três décadas. Mais de 4,4 mil casos já foram confirmados neste ano, com três mortes. Entre os infectados, 98% não estavam totalmente vacinados.

A avaliação do diretor do Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Brasil, Eder Gatti, é que os Estados Unidos passam por um período de retrocessos que ameaça todo o continente. "O governo americano, além de chancelar discursos negacionistas, tem um secretário de Saúde, que é o equivalente ao nosso ministro, declaradamente antivacina", destaca.

"Espero que o mundo não olhe isso como exemplo. Eles estão colhendo frutos. A vacina contra o sarampo é uma vacina de bloqueio. Quem se vacina não pega nem transmite. O descontrole de casos lá [nos EUA] está muito relacionado a esse discurso crescente negacionista", complementa o diretor do PNI.

EUA

De acordo com Eder Gatti, o governo estadunidense chancela discursos negacionistas e tem um secretário de Saúde declaradamente antivacina



Foto: Paulo Pinto/Agencia Brasil

Sem transmissão sustentada da doença em território nacional desde 2024, o país permanece certificado como área livre do sarampo

Casos importados

O crescimento da ocorrência em outros países aumenta a pressão sobre o Brasil, que registrou 61 casos da doença neste ano, a maioria com origem importada. Como não há transmissão sustentada da doença em território nacional desde 2024, o país permanece certificado como área livre do sarampo, mas a manutenção desse *status* tem sido desafiadora.

"O nosso certificado foi conquistado em 2016 e perdido em 2019, porque houve a reintrodução da doença na Região Norte. Ela se espalhou pelo país e teve um grande surto em São Paulo, com 19 mil casos", lembra Eder Gatti.

"Há uma diferença de postura e resposta muito evidente, que se observa pelos resultados", ele garante.

Em 2023, ano anterior à reconquista do certificado, os índices de vacinação da tríplice viral, dentro do calendário básico infantil, foram de 88% na primeira dose e de 66% na segunda. Já em 2024, a cobertura subiu para 96% e 78%, respectivamente. Neste ano, as taxas preliminares são de 95% na primeira dose e 80% na segunda.

"Apesar do contexto internacional, o Brasil segura a sua certificação e espero que a gente consiga manter esse cenário, porque a gente está falando de uma doença que mata crianças, causa abortos e complicações obstétricas. É uma doença que tem um índice de letalidade muito maior para as populações mais vulneráveis, indígenas e pessoas em situação de pobreza", alerta Gatti.

De acordo com o diretor do PNI, a reconquista do certificado só foi possível graças a um trabalho coordenado pelo Ministério da Saúde, com governos estaduais e municípios, para melhorar a vigilância e os índices de vacinação.

Mudanças com base política geraram perda de confiança

Em agosto, o governo americano reduziu de 17 para 11 o número de imunizantes recomendados para todas as crianças. Trump também estipulou que a vacina tríplice viral, que protege contra o sarampo, a caxumba e a rubéola, aplicada desde a década de 1970, seja separada em três imunizantes distintos, um para cada doença, administrados em ocasiões diferentes.

De acordo com o diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), Juarez Cunha, as novas recomendações foram motivadas por questões políticas e não têm base científica, além de serem inviáveis. As vacinas individualizadas contra o sarampo, a caxumba e a rubéola, já não são fabricadas há quase 20 anos. Mesmo assim, o dano é imediato.

"Isso leva a uma grande confusão na população, porque a Academia Americana de Pediatria continua recomendando as vacinas exatamente como eram antes, e, por outro lado, tem um órgão governamental fazendo uma série de mudanças. E a confiança é fundamental para a gente ter sucesso na vacinação", avalia o diretor da SBIm.

O diretor da SBIm também enfatiza o risco trazido pelo aumento da ocorrência nos Estados Unidos e em outros países americanos. De acordo com a Organização Panamericana de Saúde (Opas), os casos no continente já passam de 56 mil, com pelo menos 80 mortes.



Foto: Divulgação/OMS

O Brasil registrou 61 casos da doença neste ano, a maioria com origem importada

"O sarampo é uma das doenças com a maior facilidade de transmissão quando encontra alguém suscetível, que não foi adequadamente vacinado, e existem pessoas, recém-nascidos, ou com algum problema de imunidade, que não podem tomar essa vacina. Mas, se 95% das pessoas ao redor estiverem vacinadas, eu tenho um ambiente protegido, uma imunidade coletiva", ele explica.

Cunha considera que a vigilância no Brasil tem respondido muito rapidamente aos casos, para bloquear a transmissão. Mas esse esforço tem um custo enorme.

Sempre que há suspeita de sarampo, as autoridades sanitárias são acionadas para confirmar a infecção, isolar o doente e monitorar todas as pessoas com quem ele teve contato. Também é feito um bloqueio vacinal, com reforço da vacinação em toda a comunidade.

No estado de São Paulo, onde a maior parte dos casos foi confirmada, quase quatro milhões de doses extras de vacina foram aplicadas somente neste ano. No Amazonas, que teve casos confirmados em setembro e outubro, chegando a 17 no total, já foram quase 192 mil doses aplicadas.

O diretor da SBIm destaca que a vacinação contra a doença precisa ser mantida com cobertura de 95%, não apenas em situações de risco.

"Muitas vezes, a vacina é vítima do próprio sucesso. Ela diminui tanto a doença, que as pessoas acham que não precisam mais se vacinar. A gente chama isso de complacência, que é a falsa sensação de segurança".

Desinformação

Mesmo que as mudanças promovidas pelo governo Trump não tenham sido reproduzidas pelo Brasil de nenhuma forma, Juarez Cunha pondera que elas reverberam entre a nossa população, especialmente pelas redes sociais, além de estarem relacionadas a discursos de desinformação propagados no mundo todo.

Ao justificar a ordem de fracionamento da tríplice viral, Donald Trump disse que isso acarretaria redução nos casos de autismo. No entanto, a associação entre as vacinas e transtorno do espectro autista já foi descartada por diversos estudos científicos.

Outra decisão do governo americano também já está causando problemas isolados no Brasil. Pela ordem executiva dada em agosto, a vacina contra a hepatite B, dada logo após o nascimento, deixou de ser recomendada para todos os bebês americanos e passou a ser aplicada apenas em crianças de alto risco, ou por decisão combinada do médico e da família.

"A gente já observa, em especial nas maternidades particulares, pais não autorizando a fazer a vacina da hepatite B ao nascer. Se nós, adultos, nos infectarmos com esse vírus B, temos 90% de chance de não ter uma doença crônica, que pode se tornar cirrose e câncer de fígado. Na criança, é exatamente o contrário: a chance de se tornar crônica é de 90%", alerta Cunha.

> Vacinas individuais contra o sarampo, a caxumba e a rubéola já não são fabricadas há quase 20 anos



Foto: Paulo Pinto/Agencia Brasil

A vacina tríplice viral é aplicada desde a década de 1970

OPORTUNIDADE

Seleções somam 729 vagas no NE

DPE-PB, CBM-PE e UFBA oferecem chances para profissionais com salários que podem chegar a mais de R$ 12 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Assim como acontece nas urnas, cada decisão sobre o futuro pode abrir caminhos bastante diferentes. E, para quem pretende ingressar no serviço público, não faltam opções para fazer essa escolha. Ao todo, são 729 vagas em disputa, distribuídas entre os três concursos em destaque nesta semana. Na Paraíba, a Defensoria Pública (DPE-PB) está em busca de técnicos e analistas para reforçar seu quadro de servidores. Em Pernambuco, por sua vez, o Corpo de Bombeiros abriu 570 oportunidades para soldados e oficiais. Já na Bahia, a universidade federal conta com 139 vagas para profissionais de diferentes áreas.



Foto: Divulgação/Defensoria Pública da Paraíba

Os interessados em concorrer a uma das vagas da Defensoria Pública da Paraíba podem realizar a inscrição até 13 de novembro

Acesse o edital do DPE-PB usando o *QR Code*

Use o *QR Code* para acessar o edital do CBM-PE

Use o *QR Code* para acessar o edital da UFBA

Defensoria

Para quem prefere construir carreira dentro do estado, a DPE-PB oferece 20 vagas imediatas, além de formação de cadastro reserva. Desse total, nove são destinadas ao cargo de técnico da Defensoria, que exige Ensino Médio completo. As outras 11 são para analistas de nível superior, distribuídas entre especialidades como assistência jurídica, auditoria interna, psicologia, serviço social e tecnologia. Há, ainda, uma vaga para analisa sem especialidade, voltada a candidatos com graduação em qualquer área.

De acordo com o edital, os valores oferecidos variam conforme o cargo: técnicos recebem, inicialmente, R$ 4 mil, e analistas, R$ 5,1 mil, por jornadas de seis a oitos horas diárias, dependendo da função. Os interessados podem realizar a inscrição até 13 de novembro, pelo *site* da Fundação Carlos Chagas (FCC), responsável pela organização do certame. As taxas cobradas são de R$ 103 para nível médio e R$ 123 para superior.

Quanto à avaliação dos candidatos, todos serão submetidos a uma prova objetiva, prevista para 28 de fevereiro de 2027, enquanto aqueles que disputarão as vagas de analista deverão fazer, ainda, uma redação. A aplicação ocorrerá em João Pessoa.

Carreira militar

Em Pernambuco, o destaque vai para o concurso do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBM-PE), que concentra o maior número de oportunidades. No total, são 510 vagas para soldado, cargo que exige Ensino Médio completo, e outras 60 para segundo-tenente, destinadas a candidatos com formação superior em qualquer área. Nos dois casos, é necessário ter Carteira Nacional de Habilitação (CNH), no mínimo na categoria B, além de atender aos requisitos de idade e aptidão física, previstos no edital.

A remuneração inicial é de R$ 5,6 mil para soldado e R$ 12,9 mil para segundo-tenente, com jornadas de 40 horas semanais. Mas, antes de assumir as funções, os aprovados ainda deverão passar por um curso de formação específico, período em que receberão bolsas-auxílio de R$ 1,4 mil e R$ 2,9, respectivamente. Com o prazo de inscrições prorrogado, os aspirantes a bombeiros têm até 23 de novembro para acessar o *site* do Instituto AOCP e garantir a participação. As taxas são de R$ 180 para soldado e R$ 220 para segundo-tenente.

Sobre a seleção, a primeira etapa ocorrerá em 28 de fevereiro de 2027, com as provas objetivas e de redação previstas para as cidades de Recife, Arcoverde, Caruaru e Petrolina. Mas a avaliação não termina aí: os candidatos também passarão por exames médicos, testes de aptidão física, avaliação psicológica e investigação social, além do curso de formação.

Diversas áreas

Já para quem está disposto a fazer as malas, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) reúne 139 vagas para cargos técnico-administrativos em educação. A maior parte delas é destinada a profissionais de nível médio e técnico, com destaque para assistente administrativo, com 94 vagas, além de técnicos em Enfermagem, contabilidade e tecnologia da informação. Há também oportunidades para bibliotecário, contador, enfermeiro, arquiteto, médico, pedagogo e terapeuta ocupacional, além de músicos especializados em trompete e trombone.

Segundo o edital, os salários iniciais variam de R$ 3,1 mil a R$ 5,2 mil, de acordo com a escolaridade exigida, acrescidos de benefícios como auxílio-alimentação, auxílio-saúde e incentivo à qualificação. A jornada prevista, nesse caso, é de 40 horas semanais para a maioria dos cargos, mas há funções com cargas de 20 horas. Mas atenção: neste caso, é preciso ficar atento ao calendário, já que as inscrições terminam na próxima quinta-feira (29). Para efetuar a inscrição, acesse o *site* do Instituto Avalia e leia o edital. As taxas são de R$ 100 para cargos de nível médio/técnico e R$ 150 para superior.

Sobre a avaliação, todos os inscritos terão pela frente uma prova objetiva, marcada para 20 de dezembro, a ser realizada nas cidades de Salvador, Vitória da Conquista, Barreiras, Teixeira de Freitas e Juazeiro. Além dela, a seleção também poderá incluir análise de títulos e experiência profissional, provas práticas ou orais, a depender do cargo escolhido.

Analista jurídico trabalha com leis, processos e pessoas

Embora o Direito seja frequentemente associado a audiências e julgamentos, nem tudo se resolve nos tribunais. Antes mesmo de uma demanda chegar ao Judiciário, há muito trabalho nos bastidores — e parte dele passa pelas mãos do analista jurídico, profissional que pesquisa, acompanha processos, prepara documentos e ajuda a encontrar soluções para diferentes problemas. Na Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), Swyenne Firmino Tavares conhece bem essa rotina e sabe que, para dar conta dela, dominar as leis é apenas uma parte da história.

O interesse pela área surgiu ainda na adolescência, quando prestou vestibular para Direito e Jornalismo, os dois cursos que mais despertavam sua curiosidade. Acabou optando pelo primeiro, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atraída não só pelas possibilidades profissionais, mas, também, pela oportunidade de compreender melhor a sociedade. "Queria contribuir para a solução de conflitos", conta. Foi durante a graduação que descobriu a DPE, onde estagiou por anos. O vínculo com a instituição foi tão forte que a instigou a retornar depois de formada, para atuar como servidora no Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos. "Para mim, sempre foi muito gratificante atuar como agente facilitadora do acesso à justiça para a população mais vulnerável", relata.

Para além dos processos

É justamente nesse contato com a população que o trabalho dela ganha forma. Diferentemente da imagem do profissional imerso em pilhas de processos, na Defensoria, a escuta costuma ser o primeiro passo para um atendimento mais assertivo. A partir daí, segundo ela, torna-se possível compreender a situação e identificar os caminhos possíveis. Só então entram em cena atividades como análise de processos, acompanhamento de prazos e elaboração de petições, contestações e recursos. O analista também produz relatórios, ofícios e notificações, além de realizar diligências dentro e fora da instituição, indo além das telas. "Uma parte importante do trabalho é o atendimento ao público. É ali que a demanda chega e começa a ser compreendida", explica Swyenne.



Foto: Arquivo pessoal

Swyenne diz que precisa manter a capacidade de indignar-se

Outra particularidade do trabalho é que nem tudo precisa ser judicializado. Como ela detalha, em algumas situações, em vez de recorrer aos tribunais, a solução pode estar no diálogo com outros órgãos públicos — o que exige do analista mais do que familiaridade com a legislação: é preciso saber identificar alternativas e articular encaminhamentos, principalmente entre secretarias, programas e comissões. Nas palavras de Swyenne, é uma forma de "buscar soluções mais rápidas para quem precisa", sem depender exclusivamente do rito processual.

Habilidades

Diante de tantas responsabilidades, Swyenne acredita que organização e conhecimento técnico são atributos indispensáveis ao exercício da profissão. Mas não bastam. Para a analista, também é importante saber administrar diferentes demandas, lidar com prazos, ter iniciativa e, sobretudo, ouvir. Afinal, para atender bem quem procura a Defensoria, é necessário compreender as reais necessidades de cada pessoa, e não somente o problema jurídico em questão. Não à toa, a profissional destaca a importância de não perder a capacidade de indignar-se diante das violações de direitos, mesmo quando essas situações tornam-se frequentes no dia a dia da profissão. "Não podemos naturalizar essas situações, sob o risco de nos tornarmos indiferentes a elas", alerta.

Mercado de trabalho

Agora, se você pretende seguir carreira como analista jurídico, não precisa limitar suas possibilidades à Defensoria. Esse profissional encontra espaço em instituições como o Ministério Público, procuradorias, órgãos dos poderes Executivo e Legislativo, empresas públicas e, na iniciativa privada, em escritórios de advocacia e departamentos jurídicos. Mas, independentemente do caminho escolhido, uma coisa é certa: segundo Swyenne, o analista deve manter-se atualizado sempre. "Vale acompanhar a jurisprudência, fazer cursos e, se possível, apostar em uma pós-graduação na área de atuação", orienta.

Já para quem sonha em ingressar no serviço público, o concurso da DPE-PB pode representar uma porta de entrada. Ao todo, são quatro vagas disponíveis para analista, na especialidade de assistente jurídico. O cargo exige formação superior em Direito, com remuneração inicial de R$ 5,1 mil. Contudo, antes de fazer essa escolha, Swyenne lembra que é importante conhecer a instituição e refletir sobre as suas expectativas profissionais. "Apesar dos desafios e da rotina intensa, é uma profissão com propósito. Por isso, considero essencial conhecer bem a missão da instituição e analisar se ela realmente faz sentido para você", conclui.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 16 de setembro de 2026	R$ 1.621	-0,9%	-1,1%	-1,55%
13,75%		R$ 4,993	R$ 5,589	R$ 6,668

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2026	0,82
Agosto/2026	-0,32
Julho/2026	0,07
Junho/2026	0,16
Maio/2026	0,58

Ibovespa
205.082,56 pt
+0,47%

MERCADO DA BELEZA

Manicures ampliam lucros com técnica de unhas em gel

Investimento pode ser recuperado em um mês, com faturamento de até R$ 7 mil

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com



Fotos: Evandro Pereira



Danielly Araújo passou a oferecer o serviço de unhas em gel há sete anos, após atuar como manicure tradicional

Beleza e praticidade têm levado cada vez mais mulheres a optar pelas unhas em gel na hora de ir à manicure. A aplicação é mais cara do que o serviço comum, mas as adeptas argumentam que a relação custo-benefício compensa. Já para as manicures, é preciso investir em qualificação e equipamentos, mas o negócio pode se tornar bastante lucrativo. "Eu mudei minha vida com unha em gel. É coisa de outro mundo", contou a manicure Danielly Araújo.

Manicure há mais de 20 anos, Danielly buscou capacitação para oferecer esse tipo de serviço há sete anos. A iniciativa surgiu quando a profissional percebeu uma tendência de mercado. "Eu acho que o mercado mesmo exige você mudar. Minhas clientes procuravam muito e, na época, eu não fazia, então fui procurar me especializar, fazer vários cursos e foi aí que a minha carreira deu um estouro muito grande, principalmente depois da pandemia. Fiquei mais reconhecida, minhas clientes divulgando mais, que eu acho que o melhor é a divulgação boca a boca. Então foi aí que eu consegui realmente sobreviver só de unha em gel", relatou.

Começar a exercer esse trabalho exige um investimento inicial alto, uma vez que, além dos cursos de capacitação, a manicure também precisará adquirir equipamentos como a lixadeira elétrica e as cabines de secagem e materiais como géis, preparadores, pincéis e lixas. Danielly estima que é necessário um investimento inicial de R$ 1,5 mil para adquirir todos os itens básicos para os atendimentos. Ela afirmou, porém, que é possível recuperar esse investimento em apenas um mês. "Você fazendo um curso e fazendo uma boa divulgação, você consegue realmente tirar a despesa, tirar tudo. Eu sempre indico às minhas amigas que só fazem tradicional para sair um pouco do tradicional e ir realmente para um ramo do gel. Porque é uma mudança extraordinária mesmo na vida da gente", disse.

Com a propaganda boca a boca das próprias clientes e os vídeos que Danielly produz para as redes sociais, ela viu a procura aumentar e a agenda encher. A manicure contou que gasta por volta de R$ 2 mil por mês comprando os materiais necessários para o trabalho, mas consegue faturar de R$ 6 mil a R$ 7 mil nesse período.

A profissional alertou apenas, para quem quiser se aventurar nesse mercado, que, além de se capacitar, é preciso comprar bons produtos, já que os mais baratos podem acabar não tendo uma boa durabilidade e a cliente não vai retornar se achar que o serviço não foi bem feito. "Você tem que treinar com produto bom, porque é daí que você vai ver a qualidade do produto e a qualidade do seu serviço. Porque é 50% o serviço que a gente entrega e 50% o material. Se o seu material for ruim e você não fizer um serviço de excelência, não adianta, é jogar dinheiro fora", atestou.

Apaixonada pela ocupação, Danielly Araújo afirmou que não consegue mais se ver fazendo outra coisa e já tem até planos para quando precisar se aposentar. "Acho que, com a idade, vai chegar uma hora que não vou mais conseguir fazer, mas aí eu quero dar curso, não vou largar", projetou.

Clientes buscam praticidade no dia a dia

A pedagoga Roseane Oliveira aderiu às unhas em gel pela praticidade. "A gente está sempre pronta. É uma das coisas que a indústria da beleza exige um pouco: a apresentação. Se a gente está com a unha feita, sobrancelha e o cabelo, qualquer imprevisto a gente está pronta. A unha em gel traz isso: a praticidade mesmo de não ter que você parar para fazer e aí demora", avaliou.

Cliente de Danielly Araújo, ela afirmou que a manicure consegue ser bastante ágil e finalizar as unhas em menos de uma hora. Além disso, a manutenção é feita apenas uma vez por mês, então, no fim, ela acaba não perdendo muito tempo para manter as unhas feitas. É por isso que, para Roseane, o preço do serviço compensa.

O preço para a primeira aplicação de unhas em gel varia de R$ 80 a R$ 215, dependendo do salão e dos materiais usados. A manutenção custa um pouco menos. No salão de Danielly, por exemplo, a primeira vez sai por R$ 160 já com esmaltação em gel. O serviço prestado por uma manicure convencional fica de R$ 25 a R$ 35 e precisa ser refeito no mínimo uma vez por semana. "Normalmente descasca, nunca fica a semana inteira. Para quem, além de trabalhar fora, faz os serviços domésticos, a convencional sai rapidinho", comentou Roseane.

Analista do Sebrae Paraíba, Raquel Santos afirmou que o mercado da beleza é um dos que mais crescem no estado. "Por ser um segmento que trabalha com autoestima, as pessoas sempre estão em busca da estética, do autocuidado, até mesmo do bem-estar", avaliou.

Na avaliação de Raquel, o paraibano é bastante vaidoso, especialmente as mulheres. "Hoje, você pode até não deixar um dinheiro extra para comprar uma roupa, um sapato, mas deixa para fazer sua a parte de estética, suas unhas de gel, que é um segmento que cresceu muito. Os homens todos têm esse cuidado especial com a barba. O Brasil, hoje, está em terceiro lugar do mundo onde mais vende produto cosmético, e o serviço nessa área vem crescendo também", destacou.

Ela lembrou ainda que essa área também gera empregos, porque, além da própria manicure, cabeleireiro ou profissional que for prestar o serviço, também é necessário um profissional na recepção lidando com filas e agendamentos.

> **"O Brasil, hoje, está em terceiro lugar do mundo onde mais vende produto cosmético, e o serviço nessa área vem crescendo também**
>
> Raquel Santos



Procedimento dura uma hora, e a manutenção é mensal

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Mais empresas, mesmo saldo

A Paraíba abriu mais empresas nos últimos anos, mas o crescimento dos fechamentos foi quase três vezes maior. De 2019 a 2025, as aberturas aumentaram 64%, enquanto as baixas avançaram 186%. O contraste não significa que o empreendedorismo esteja em crise. Mostra, porém, que o entusiasmo com novos CNPJs precisa ser acompanhado de outra pergunta: esse crescimento das aberturas está se traduzindo em maior saldo empresarial?

Os dados ajudam a dimensionar esse movimento. De outubro de 2025 a setembro de 2026, foram registradas 70.793 aberturas e 41.343 baixas, saldo positivo de 29.450 empresas. As aberturas equivaleram a 22,4% das 315.338 empresas ativas na Paraíba, ante 21,8% no Brasil. Os fechamentos também foram proporcionalmente maiores: 13,1%, contra 12,1% no país. O estado movimenta-se mais nas duas direções, sem que isso represente, por si só, fortalecimento empresarial.

O saldo corresponde a 9,34% das empresas ativas, colocando a Paraíba na 19ª posição entre as 27 unidades federativas e na quinta entre os nove estados nordestinos, mas fica abaixo da mediana nacional, de 9,98%. A comparação entre estados de tamanhos diferentes revela um desempenho menos expressivo do que o volume absoluto das aberturas sugere.

A mudança histórica é ainda mais reveladora. Em 2019, a Paraíba abriu 39.429 empresas e fechou 13.323. Em 2025, foram 64.486 aberturas e 38.054 encerramentos. Com 64% mais aberturas, o saldo de 2025 superou o de 2019 em apenas 326 empresas. Para cada 100 empresas abertas, ocorreram 34 baixas em 2019; em 2025, foram 59. Essa relação não mede mortalidade empresarial, pois inclui baixas de empresas abertas em anos anteriores. Os números mostram que os encerramentos ganharam peso relativo no fluxo empresarial. Essa rotatividade pode indicar renovação competitiva, quando atividades menos eficientes dão lugar a negócios melhores. Mas também pode revelar dificuldades de consolidação.

> **O progresso não se mede apenas pelo número de registros. Mede-se, sobretudo, pela capacidade de transformar iniciativa empreendedora em produtividade**

No recorte mais recente, há um sinal positivo: de janeiro a setembro de 2026, o saldo de empresas cresceu 14,2% em relação ao mesmo período de 2025 — acima do Nordeste, com 12,3%, e do Brasil, com 13,6%. Isso confirma o avanço do saldo de registros, mas não informa se as empresas estão faturando mais, ampliando as margens ou elevando a produtividade.

Para o empresário, essa diferença tem implicações práticas. Novos concorrentes podem trazer inovação e ampliar mercados; também podem aumentar a disputa por clientes quando a demanda não acompanha a oferta. Nessa situação, preços, margens e necessidade de capital de giro tornam-se decisivos. Abrir um negócio não cria automaticamente consumidores. Da mesma forma, encerrar um CNPJ não significa necessariamente falência: pode haver reorganização ou substituição de atividades menos eficientes.

A Paraíba demonstra capacidade de gerar novos negócios. O próximo desafio é avaliar a qualidade dessa expansão. A entrada e a saída de empresas fazem parte da dinâmica econômica, mas o progresso não se mede apenas pelo número de registros. Mede-se, sobretudo, pela capacidade de transformar iniciativa empreendedora em produtividade, renda e empresas saudáveis.

O desmatamento caiu 41,8% na Amazônia e 23,8% no Cerrado. As áreas desmatadas foram as menores desde 1998 (3.335 km²) e 2001 (5.516,69 km²), respectivamente

Fotos: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



QUEDA DO DESMATAMENTO

Resultado do Brasil rende R$ 1,16 tri

Estudo da FGV estima benefícios econômicos globais com danos climáticos evitados na Amazônia e no Cerrado

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

A redução do desmatamento na Amazônia brasileira e no Cerrado desde 2023 pode ter rendido ganhos de cerca de R$ 1,16 trilhão para a economia mundial. Desse total, até R$ 192 bilhões corresponderiam a danos climáticos evitados para a própria economia brasileira.

A constatação faz parte de um estudo do economista Bráulio Borges, publicado nesta semana pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), um *think tank* (centro de estudos) da Fundação Getulio Vargas (FGV).

Para chegar à conclusão, o especialista comparou o desmatamento dos dois biomas no período de 2019 a 2022 e os comparou com os de 2023 a 2026.

A análise já leva em conta os dados divulgados na última sexta-feira (16), pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

De acordo com o Inpe, de agosto de 2025 a julho de 2026, o desmatamento caiu 41,8% na Amazônia e 23,8% no Cerrado. A área desmatada na Amazônia ficou em 3.335 km², a menor desde 1998. No Cerrado, os 5.516,69 km² representam a menor extensão desde 2001.

O estudo revela que, de 2019 a 2022, a área desmatada nos dois biomas chegou a 78,9 mil km². Já de 2023 a 2026, 56,7 mil km². O dado representa que cerca de 22,3 mil km² (21 mil km² na Amazônia e 1,4 mil km² no Cerrado) deixaram de ser desmatados, uma área um pouco maior que Sergipe (21,9 mil km²).

O pesquisador explica que a comparação é feita como se o nível de desmatamento dos quatro anos anteriores fosse mantido no mesmo ritmo. Ele ainda esclarece que os dados do Inpe consideram os períodos de 12 meses terminados sempre em julho.

Há cerca de quatro anos, um levantamento semelhante de sua autoria revelou que o "forte aumento" dos desmatamentos e das emissões degases do efeito estufa (GEE) em 2019–2022, comparativamente à extrapolação do nível observado em 2018, havia gerado um prejuízo para a economia mundial da ordem de R$ 1,22 trilhão (em valores daquele momento).

Emissão de gases

Bráulio Borges utilizou modelos para estimar a emissão de GEE no período e o valor monetário dos danos causados. Os cálculos apontaram que a redução do desmatamento evitou 1,49 bilhão de toneladas de emissões de GEE no período de 2023 a 2026.

Os GEE, entre eles o dióxido de carbono (CO_2), conhecido como "gás carbônico", são liberados durante queimadas, contribuindo para o aquecimento global e as mudanças climáticas. Florestas em pé funcionam como reservatórios de carbono, armazenado na vegetação e nos solos.

O levantamento utiliza uma estimativa chamada Custo Social do Carbono (CSC), uma forma de calcular em valores monetários o impacto negativo das emissões. Com base em estudos de outros autores, o pesquisador do Ibre chegou à média ponderada de um CSC de US$ 145 por tonelada de CO_2, no chamado cenário central.

■ Do total, R$ 192 bi representam prejuízos que deixaram de afetar a economia nacional

Remuneração externa é inferior aos ganhos

O economista Bráulio Borges utilizou os dados de área que deixou de ser desmatada e CSC para estimar que a floresta em pé gerou R$ 1,16 trilhão em valor econômico dos danos climáticos globais que teriam sido evitados.

Uma estimativa mais conservadora aponta que esse benefício seria de R$ 621 bilhão, enquanto o cenário mais otimista leva a cifra a R$ 9,8 trilhões. Trazendo os números para o Brasil, o estudo projeta benefícios de R$ 67 bilhões a R$ 192 bilhões.

"Em ambos os casos, trata-se de um benefício que se materializa majoritariamente sob a forma de danos evitados, menos perdas de safras, menor estresse térmico sobre a produtividade do trabalho, menos eventos extremos, entre outros", descreve o economista.

Rios voadores

O pesquisador acrescenta que a estimativa não incorpora os efeitos diretos e regionais que o desmatamento da Amazônia exerce sobre o regime de chuvas, a temperatura e a disponibilidade de água no território brasileiro.

O analista contextualiza que a economia brasileira tem "enorme dependência" do insumo água/chuvas para geração hidrelétrica, agropecuária, abastecimento urbano etc.

Ele utiliza-se de diversos estudos para assinalar valores aos chamados "rios voadores", as correntes de umidade que, alimentadas pela evapotranspiração da floresta, transportam vapor d'água para o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul do país".

Há pesquisas, cita o estudo, que fazem relação entre aumento de desmatamento e diminuição de chuvas proporcionadas pelos rios voadores.

"Valorando essa água pelo preço da água utilizada para irrigação na agricultura, os autores estimam que a chuva gerada pela Amazônia brasileira vale cerca de US$ 20 bilhões por ano, ou aproximadamente US$ 60 por hectare de floresta ao ano", conclui Borges.

"A redução dos desmatamentos não é incompatível com a expansão da produção agropecuária, até porque, o próprio agronegócio é um dos principais beneficiários da chuva gerada pela floresta", observa.

Borges ressalta que, diferentemente das emissões de GEE evitadas, o ganho capturado pelos rios voadores é constante, repete-se indefinidamente enquanto a floresta permanecer em pé.

O economista pondera que os benefícios são ainda maiores, uma vez que não entram no cálculo os ganhos para a geração hidrelétrica, a navegação fluvial, a redução dos incêndios, a biodiversidade e o abastecimento urbano. "O Sistema Cantareira, em São Paulo, está na rota dos rios voadores", lembra.

Floresta em pé

Bráulio Borges conclui que os benefícios globais gerados pelo fato de as florestas permanecerem em pé no Brasil são maiores que a remuneração que o país recebe de entidades internacionais e outros países.

Segundo ele, mecanismos como o Fundo Amazônia (que recebe doações de dentro e de fora do país), o mercado de crédito de carbono (compensação financeira para quem não emite ou captura GEE) e o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), lançado pelo Brasil na COP 30, em Belém, no ano passado, vão na direção correta de monetizar a floresta em pé.

"Mas os valores envolvidos ainda são uma fração muito pequena dos ganhos estimados aqui", pondera.

Sugestão

O economista sugere que formuladores de políticas públicas passem a incorporar explicitamente o conceito de Custo Social do Carbono nas análises de custo-benefício de políticas.

"Isso vale para obras de infraestrutura na Amazônia, para o planejamento da expansão do setor elétrico e para a calibração de tributos e subsídios. Sem isso, continuaremos tomando decisões com base em uma contabilidade que enxerga apenas metade do balanço", declara.

> **A chuva gerada pela Amazônia brasileira vale cerca de US$ 20 bilhões por ano, ou aproximadamente US$ 60 por hectare de floresta ao ano**
>
> Bráulio Borges



Cálculos não levaram em conta efeitos diretos, como a disponibilidade de água

EDIÇÃO: Camilla Barbosa
EDITORAÇÃO: Gabriel Bonfim

WOMEN IN STEM

Mestrandas paraibanas narram suas experiências

Mediante programa, cinco jovens cursam Inteligência Artificial e Robótica

Márcia Dementshuk
Ascom/Secties-PB



Foto: Divulgação/Secties-PB

Jovens selecionadas estudam na Aston University, no Reino Unido, com bolsa integral

"Quando eu vi, pensei: um edital para mulheres paraibanas! Então é uma oportunidade muito grande para a gente pensar em outras possibilidades e sair daquela caixinha; principalmente, ir além da caixinha", expressou Maria Eduarda Queiroz, uma das cinco jovens selecionadas no programa de Bolsas Women em Stem, para cursar o mestrado na Aston University, no Reino Unido, com bolsa integral.

O edital que atraiu a atenção de Maria Eduarda é uma iniciativa do British Council, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties-PB) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB). Trata-se do primeiro edital na Paraíba para mulheres nas áreas Stem (tradução livre para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Foram abertas 10 vagas no total, sendo cinco destinadas especialmente à Paraíba. A Fapesq-PB recebeu 100 inscrições. Junto a Maria Eduarda, que cursará Inteligência Artificial para Saúde, foram selecionadas: Valéria Dantas, em Inteligência Artificial com Estratégia de Negócios; Alana Rodrigues, em Inteligência Artificial para Saúde; Rebeca Linhares, em Inteligência Artificial; e Ane Beatriz Duarte, no Curso de Robótica e Sistemas Autônomos.

As meninas estão no *campus* da Aston University em Birmingham. A cidade inglesa fica a cerca de 190 km de Londres; o *campus* está localizado no Centro, próximo a magazines, museus, restaurantes, padarias e outros serviços urbanos. As meninas ocupam alojamentos para estudantes na universidade e nas proximidades, e se preparam para viver e estudar lá nos próximos 12 meses, com apoio financeiro integral. Chegaram em meados de setembro, mas, em pouco tempo de experiência nas aulas, tiveram a dimensão das oportunidades para o futuro de suas carreiras profissionais.

O titular da Secties-PB, Claudio Furtado, ressalta a importância de iniciativas que ampliam o acesso das mulheres à formação científica e tecnológica, criando oportunidades para que elas desenvolvam suas carreiras e contribuam para a inovação. "Apoiar a formação de mulheres nas áreas de ciência e tecnologia é também investir na capacidade de inovação da Paraíba. Essas oportunidades ampliam horizontes profissionais e fortalecem a participação feminina em setores estratégicos para o desenvolvimento do estado", conta.

O presidente da Fapesq-PB, Amílcar Rabelo, destaca a importância da política pública formulada para apoiar as mulheres nos cursos e carreiras das Ciências Exatas e da Terra, baseada em dados quantificáveis e replicáveis. "Do pioneirismo de Hypatia, na Antiguidade (século 3 d.C., a primeira mulher documentada como tendo sido matemática), às bases da matemática moderna com Emmy Noether, no início do século 20, passando pelas vanguardistas da computação, como Ada Lovelace (século 19) e Grace Hopper (século 20), as mulheres têm desempenhado um papel essencial na construção da ciência e da tecnologia", afirmou Rabelo.

Quatro das cinco jovens optaram por desenvolver conhecimentos em inteligência artificial, e uma decidiu estudar robótica e sistemas autônomos. Maria Eduarda, graduada em Fisioterapia, e Alana Rodrigues, farmacêutica, compreendem a necessidade de aperfeiçoamento e escolheram Inteligência Artificial para Saúde, e, assim, poderão acompanhar o ritmo do mercado. Alana ressalta que a temática é basicamente o futuro. "Antes de aparecer a possibilidade da bolsa, eu tinha a intenção de entrar nesse mundo da tecnologia, mas sem saber muito bem por onde começar. De repente, essa oportunidade apareceu", declarou Alana. Ela expressou o desejo de atuar no futuro em grupos de pesquisa ou em empresas que gerem soluções tecnológicas na área da saúde, com o objetivo de trazer inovações que façam uma diferença real tanto para os profissionais quanto para os usuários do sistema de saúde.

Maria Eduarda tem mestrado em Fisioterapia e está cursando o doutorado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Além disso, integra o Laboratório de Estudos em Envelhecimento e Neurociência (Laben/UFPB). Já introduziu recursos de *machine learning* em sua pesquisa, agora considera que está sendo bom ter outras experiências. "A minha intenção era a docência. Porém, estando aqui, você vê que há muitas possibilidades, além do que eu estava pensando. Na área das indústrias, ser aquele profissional de saúde que vai trabalhar com inteligência artificial, sendo como consultora da parte da saúde, desenvolvendo soluções".

Valéria Dantas está se especializando em Inteligência Artificial com Estratégia de Negócios, área na qual já atua profissionalmente. Ela reitera que as empresas valorizam o profissional com conhecimento em inteligência artificial neste momento. O trabalho final do curso de mestrado na Aston varia entre um projeto ou dissertação. Valéria planeja realizar um projeto de desenvolvimento de soluções para empresas.

■ Edital da Fapesq-PB foi o primeiro da Paraíba para mulheres nas áreas Stem e teve 10 vagas no total

Vivência da mulher na ciência e na tecnologia é marcada por desafios

O programa de Bolsas Women in Stem amplia as oportunidades para mulheres nas áreas correlatas, fortalece a liderança feminina em ciência e inovação e promove um setor mais diverso e representativo. O investimento por meio do British Council nesse projeto foi em torno de R$ 1,5 milhão para o estado da Paraíba. As vagas locais foram apreciadas pelas cinco selecionadas, as quais confirmaram que, no território da Coroa Britânica, também há um número menor de mulheres em comparação aos homens, em cursos em Stem.

Ane Duarte é oriunda de Ciência da Computação e frequentava turmas formadas majoritariamente por homens. "Coisa de três ou cinco mulheres numa turma de 50 pessoas. Parece que não era para você estar ali", relembra ela. Por outro lado, atualmente ela percebe o aumento de mulheres em áreas de tecnologia da informação, como desenvolvimento de *software*, de aplicações, desenvolvimento de jogos ou garantia de qualidade. Mas, no curso que ela está fazendo na Inglaterra (Robótica), há poucas colegas do gênero feminino nas salas.

De sua parte, a experiência de Rebeca Linhares (cursando Inteligência Artificial) no mercado de trabalho de tecnologia perpassa incidentes de machismo. "Trabalhei, durante cinco anos, dentro da área de tecnologia, e, apenas na última empresa em que eu trabalhei, tive uma líder que foi uma mulher. Eu percebi que, muitas vezes, os homens que estão em cargos de liderança não necessariamente são os mais bem preparados para ocupar aquele cargo. Mas falta autoconfiança e apoio para a mulher se candidatar. Passei por situações até de violência, de machismo. Certa vez, quando eu me posicionei, fui direta com um colega de trabalho, eu fui chamada de violenta, disseram que eu estava promovendo uma 'caça às bruxas', porque eu fiz, de forma respeitosa, uma questão mais direta para a pessoa".

Em complemento a essas colocações, Alana Rodrigues observa a importância de programas como o Bolsas Women in Stem para impulsionar e encorajar o início e a permanência das meninas nessa área. "A gente precisa ter mulheres em posições de comando, geração de soluções, enfim, e esse programa traz essa importância", diz Alana.

As perspectivas e expectativas das paraibanas na Inglaterra atravessam o Oceano Atlântico em pensamento e se misturam à saudade. Quando era mais nova, Ane queria ser uma "nômade digital", mas agora viu que a condição não se aplica a ela. "Depois de um mês fora, sinto muita saudade da minha família, de João Pessoa. Mas eu acho que, no momento, o meu foco é me desenvolver nessa área de pesquisa e dar o meu melhor. Depois, veremos como será!".

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Seis tempos (I)

"Seis tempos" é uma série de seis crônicas sobre o tempo e a responsabilidade de pensar. Cada uma parte de uma canção e de um filósofo.

1. O tempo pessoal
Sobre a brevidade do tempo e a banalidade do mal

Em 1968, Janis Joplin pegou uma canção de ninar escrita por Gershwin para uma ópera e a transformou num grito. "*Summertime*" foi composta para embalar um bebê com promessas de dias fáceis, peixes pulando e algodão alto no campo. Na voz de Janis, a promessa racha. Ela canta, como quem sabe que o verão acaba, que a vida fácil é mentira contada às crianças para que durmam. Dois anos depois, em outubro de 1970, ela estava morta, aos 27 anos.

Sêneca escreveu, há quase dois mil anos, que a vida não é curta. Nós é que a tornamos curta. Recebemos tempo suficiente, mas o desperdiçamos em ocupações que não escolhemos, em pressas que não questionamos. O filósofo romano tinha um nome para essa gente: os *occupati* (os ocupados). Gente que nunca tem tempo para nada, porque está sempre fazendo alguma coisa.

Janis é o contraexemplo perfeito e, ao mesmo tempo, uma advertência. Viveu pouco, mas com uma intensidade que poucos ocupados alcançam em oitenta anos. Ninguém ouve "*Summertime*" e acha que ela desperdiçou um segundo daquela gravação. O problema de Sêneca nunca foi a duração. Foi a presença. A física me ensinou que o tempo tem uma direção. A entropia cresce, o café esfria, o último acorde não volta ao início sozinho. Não há equação que devolva o minuto gasto. Mas a física não diz nada sobre como gastá-lo.

Hannah Arendt passou a vida tentando entender uma pergunta incômoda: como pessoas comuns participam de coisas terríveis? Sua resposta foi mais perturbadora do que qualquer teoria sobre monstros. O mal, concluiu ela, não exige maldade profunda. Exige apenas que as pessoas deixem de pensar. Não pensar no sentido de calcular, planejar ou executar, isso todos fazem o dia inteiro. Mas pensar no sentido de parar e conversar consigo mesmo, perguntar o que se está fazendo e se seria possível conviver com isso depois. Arendt chamou esse diálogo silencioso de "dois-em-um": a companhia que fazemos a nós mesmos quando estamos sozinhos. Quem perde essa companhia passa a funcionar por clichês, regras prontas, frases feitas. E é nesse vazio que o mal se torna banal: raso, sem raiz, sem dono, espalhando-se como fungo pela superfície.

Aqui, Sêneca e Arendt encontram-se. Ele nos alerta que a pressa rouba a vida. Ela mostra que a pressa, levada ao limite, rouba também a consciência. Quem nunca para de fazer acaba não sabendo o que faz. O ocupado de Sêneca é o terreno ideal para a irreflexão de Arendt.

E "*Summertime*", ouvida com atenção, é exatamente o contrário disso. É uma canção que obriga a parar. Não dá para ouvir Janis rasgando aquela melodia enquanto se responde e-*mail*. Ela exige que você esteja ali, inteiro, com você mesmo.

Nunca estivemos tão ocupados. Notificações a cada minuto, reuniões que geram reuniões, o polegar deslizando na tela como quem reza um terço sem fé. No meio desse ruído, quantas pequenas crueldades passam sem que ninguém perceba? O formulário que nega um benefício, o processo que engaveta uma vida, a mentira compartilhada sobre alguém que não conhecemos. Ninguém ali é monstro. Todos estavam apenas ocupados demais para pensar.

Conheço bem a máquina administrativa. Já vi como um carimbo decide o destino de um projeto, de uma bolsa, de uma carreira. E sei que quem carimba, na maioria das vezes, não é mau. Está cansado, atrasado, com 40 processos na mesa. O mal banal raramente se anuncia. Esconde-se no "não é comigo", no "só cumpro o regulamento", no "não tive tempo de ler". Recuperar o tempo, portanto, não é luxo de quem tira férias. É responsabilidade moral. Quem não tem tempo para pensar, terceiriza o próprio juízo, e juízo terceirizado é o combustível de que o mal precisa para funcionar sozinho.

A canção de ninar promete que nada vai nos ferir até o dia em que acordarmos. Janis sabia que esse dia chega cedo. A entropia vai continuar crescendo, o verão vai continuar acabando e ninguém vai ganhar um segundo extra do universo. Mas, dentro do tempo que nos cabe, ainda dá para escolher parar, ler o processo até o fim, olhar para a pessoa do outro lado do balcão. A vida não é curta. Curto é o intervalo entre a pressa e a indiferença. Janis cabia inteira nele e gritou. Nós, pelo menos, podemos aprender a pensar.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

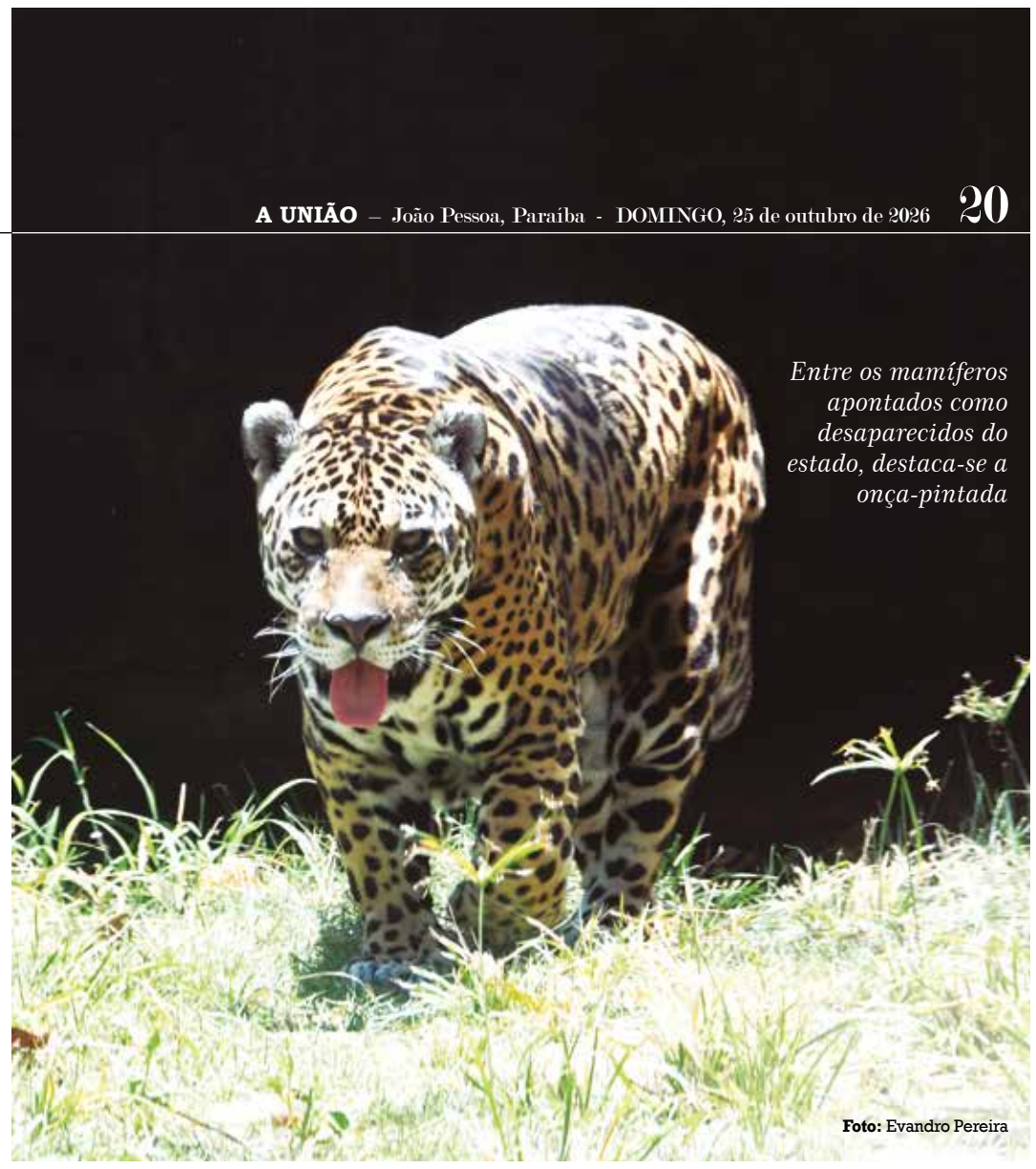
EDIÇÃO: Camilla Barbosa
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro

CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Fauna paraibana sofre com perda de hábitats

Extinções locais ameaçam relações fundamentais à manutenção da vida nos ambientes naturais

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com



Entre os mamíferos apontados como desaparecidos do estado, destaca-se a onça-pintada

Foto: Evandro Pereira

Lançado no início deste mês pela organização global de conservação ambiental WWF, em parceria com a Sociedade Zoológica de Londres (ZSL), o relatório *Planeta Vivo 2026* aponta uma redução média de 73% no tamanho das populações monitoradas de animais vertebrados silvestres de 1970 a 2022. Na América Latina e no Caribe, a queda chega a 95%. A perda e a degradação de hábitats, a exploração excessiva e as mudanças climáticas estão entre as principais ameaças às populações acompanhadas.

Para Gentil Filho, biólogo e pós-doutor em Zoologia, estimar quantas espécies desapareceram do território paraibano é uma tarefa complexa. O estado sofreu altas taxas de desmatamento, principalmente da Mata Atlântica, em um processo que começou durante a colonização e continua até hoje. A perda de hábitat é a principal ameaça à fauna local, acompanhada pela caça e a exploração, além do isolamento das populações e do aquecimento global.

"Se imaginarmos a redução que a Floresta Atlântica e a Caatinga sofreram, não é difícil pensar em extinções não só de vertebrados, mas também de invertebrados e plantas. A redução foi muito drástica, é possível que várias espécies tenham sido extintas sem nem mesmo terem sido descobertas pela ciência", esclarece.

Entre os mamíferos apontados pelo pesquisador como desaparecidos do estado, estão a onça-pintada, a anta, o tamanduá-bandeira e o queixada. No caso do cateto, também conhecido como "caititu", ele pondera que ainda podem existir populações em serras isoladas do interior, mas essa presença precisa ser averiguada.

A diminuição afeta outros grupos como as aves. Segundo Gentil, espécies como o uru-do-nordeste (*Odontophorus capueira*) e o gavião-pega-macaco (*Spizaetus tyrannus*) contam com ocorrências pontuais. "Nessa mesma situação, encontra-se a araponga-do-nordeste (*Procnias averano*), também conhecida como "Ferreiro", que era relativamente comum em gaiolas durante as décadas de 1970 e 1980, e hoje conta com apenas um único registro na Reserva Biológica Guaribas", destaca.

Entre os répteis e anfíbios, a escassez de informações dificulta a identificação de extinções locais. Ainda assim, o biólogo aponta sinais de redução nas populações de duas serpentes: a jararacuçu-do-brejo (*Palusophis bifossatus*), cujos últimos registros no estado, segundo ele, datam da década de 1980, e a papa-pinto (*Drymarchon corais*), que apresenta poucas ocorrências, também concentradas naquele período.

Os anfíbios, por sua vez, formam um grupo particularmente sensível às alterações ambientais, com espécies que podem funcionar como bioindicadores da qualidade dos ambientes. Entre os peixes, o pesquisador alerta para a pressão que o desmatamento e a redução de hábitats saudáveis podem exercer sobre os peixes-das-nuvens.

Efeitos nos ecossistemas

Os reflexos da diminuição ou do desaparecimento de populações animais vão além das espécies diretamente afetadas. Ambientes naturais saudáveis dependem das interações entre os seres vivos e os elementos não vivos, e a perda de uma dessas relações pode comprometer o funcionamento do ecossistema.

"Algumas espécies de plantas possuem polinizadores específicos, como alguns pássaros e morcegos. Se esses polinizadores forem extintos, o desaparecimento dessas plantas que dependem deles é apenas uma questão de tempo", exemplifica o biólogo.

Gentil lembra, ainda, do controle biológico das populações, que são basicamente regidos por interações entre predadores e presas. Sem os predadores, algumas presas aumentam de forma descontrolada as suas populações. A relação entre serpentes e ratos é um exemplo desse controle. Se o número de serpentes que consomem ratos diminuir, as populações de ratos tendem a aumentar. "O desaparecimento das espécies animais empobrece os ecossistemas e causam sérios problemas nos chamados 'serviços ecossistêmicos', dos quais nós, seres humanos, somos beneficiários".

Biodiversidade aquática enfrenta ameaças crescentes

Os ambientes de água doce foram os mais afetados, de acordo com o relatório *Planeta Vivo 2026*. Nesses locais, as populações registraram um declínio médio de 85%, seguido pelos ambientes terrestres (69%) e marinhos (56%).

Além das ameaças aos hábitats, a falta de informações dificulta o acompanhamento dessas perdas. Ecóloga e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Luciana Barbosa explica que animais de ambientes aquáticos ainda recebem pouca atenção. "Espécies de água doce e de ecossistemas aquáticos, em geral, são negligenciadas em inventários e na literatura, o que faz com que a falta de investigação seja confundida com a ausência de espécies em determinada área".

Fundadora e coordenadora de redes internacionais de pesquisa, entre elas a Rede Internacional de Limnologia em Terras Secas e Áridas e o Observatório Global de Ecossistemas Aquáticos e Biodiversidade em Ilhas Oceânicas, a professora trabalha para preencher tais lacunas. A limnologia estuda os ecossistemas aquáticos continentais, como rios, lagos, reservatórios e áreas alagadas. As iniciativas buscam integrar informações produzidas em diferentes regiões do mundo.

Uma das frentes do trabalho é a padronização dos procedimentos de coleta, análise e identificação das espécies. A proposta é permitir que dados obtidos em diferentes países sejam comparados, reduzindo erros que podem levar à subestimação ou à superestimação da biodiversidade. Com essas informações, os pesquisadores pretendem compreender melhor as alterações nos ambientes aquáticos e subsidiar medidas de conservação.

Quando a equipe do jornal **A União** entrou em contato, a pesquisadora estava efetuando um trabalho de campo em Galápagos, arquipélago localizado no Oceano Pacífico, com o objetivo de realizar um inventário da biodiversidade das ilhas.

Conforme relatou Luciana, a caracterização da região traz desafios logísticos consideráveis. "Muitas ilhas e ecossistemas aquáticos apresentam elevado grau de isolamento, e alguns dos mais de 1.390 ecossistemas aquáticos identificados ainda não foram acessados ou visitados. Essa limitação dificulta a realização de levantamentos abrangentes da biodiversidade e evidencia a necessidade de esforços coordenados de pesquisa internacional para estabelecer linhas de base, preencher lacunas de conhecimento e subsidiar o monitoramento de longo prazo e a conservação desses ecossistemas".

Embora o arquipélago seja conhecido pelas ações de conservação e pelos estudos sobre a fauna terrestre e marinha, ambientes como lagos, lagoas e poças temporárias possuem informações fragmentadas. Por isso, a equipe está construindo uma linha de base: um conjunto de registros que permita conhecer esses ambientes e acompanhar suas mudanças ao longo do tempo.

Uma das hipóteses investigadas é que os efeitos combinados do aquecimento global e de eventos intensos de El Niño possam elevar a temperatura das lagoas e favorecer o aumento de cianobactérias. Em determinadas condições, esses organismos podem produzir toxinas prejudiciais à fauna e aos seres humanos. De acordo com Luciana, peixes, aves e tartarugas gigantes estão entre os grupos potencialmente mais vulneráveis nesse contexto.

Nas ilhas habitadas, outras pressões somam-se às alterações climáticas. O escoamento agrícola, as mudanças no uso do solo e o lançamento de esgoto sem tratamento comprometem a qualidade da água e podem favorecer o excesso de nutrientes e a proliferação de cianobactérias. A elevação do nível do mar também pode intensificar a entrada de água salgada em aquíferos e lagoas costeiras.

Identificar essas alterações e acompanhar seus efeitos sobre as espécies é uma das contribuições do trabalho coordenado pela pesquisadora para a conservação da biodiversidade nesses ecossistemas.

Animais protegidos

Na costa paraibana, a conservação do peixe-boi-marinho também depende da proteção dos ambientes utilizados pela espécie e do acompanhamento de suas populações. Os animais representam um exemplo daqueles que tiveram suas populações drasticamente diminuídas ao longo dos anos.

É nessa frente que atua a Fundação Mamíferos Aquáticos (FMA), organização da sociedade civil sem fins lucrativos que trabalha, desde 1989, com foco na conservação dos mamíferos aquáticos e de seus hábitats. Doutora em Ecologia e coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental e Desenvolvimento Comunitário da FMA, Iara Medeiros explica como a perda desses espaços e outras ameaças têm afetado a espécie.

"Historicamente, o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*) ocorria desde o Amapá até o Espírito Santo. Entretanto, a espécie sofreu extinções locais em estados como Espírito Santo, Bahia e Sergipe, apresentando, atualmente, uma distribuição mais restrita e fragmentada. Em Sergipe e na Bahia, há registros de indivíduos reintroduzidos em Alagoas que frequentam essas regiões. No Brasil, a espécie foi recentemente reclassificada como 'criticamente em perigo de extinção', evidenciando a gravidade de sua situação e a necessidade de intensificar as ações de conservação", detalhou.

A caça foi um dos principais fatores responsáveis pelo declínio das populações da espécie. Contudo, atualmente, outras ameaças comprometem a sobrevivência de indivíduos, como a perda e a degradação de habitats costeiros e estuarinos, os encalhes de filhotes, as capturas acidentais em redes de pesca, a poluição e as colisões com embarcações motorizadas. Esses fatores aumentam a mortalidade e dificultam a recuperação das populações naturais.

A Paraíba constitui uma área importante para a ocorrência de peixes-bois-marinhos no Nordeste brasileiro. No município de Cabedelo, há registros de indivíduos reintroduzidos e nativos, incluindo fêmeas acompanhadas de filhotes. Entretanto, o tráfego intenso de embarcações representa uma ameaça à espécie, especialmente pelo risco de colisões e ferimentos.

"Esse cenário exige medidas efetivas de conservação por parte das instituições responsáveis e da sociedade. A população pode contribuir diretamente evitando a aproximação dos animais, não oferecendo alimentos e navegando com atenção e velocidade adequada nas áreas de ocorrência, reduzindo os riscos de acidentes e os impactos sobre esses mamíferos ameaçados", finalizou Iara.



Foto: Divulgação/FMA

Sobrevivência dos peixes-bois-marinhos tem sido ameaçada por fatores como a perda e a degradação de hábitats costeiros

NBB

Basquete Unifacisa inicia sequência fora de casa

Time paraibano enfrenta Mogi e São José nesta semana, depois de vencer Osasco e Pinheiros na Arena Unifacisa, em Campina Grande

Equipe chega aos primeiros jogos como visitante com resultados positivos e a confiança reforçada pelas atuações em CG



Foto: Gabriella Tayane/Basquete Unifacisa

Raniery Soares
raniery.lacerda@epc.pb.gov.br

O Basquete Unifacisa começa uma nova etapa na temporada 2026–2027 do Novo Basquete Brasil (NBB). Depois de estrear diante de sua torcida com duas vitórias consecutivas na Arena Unifacisa, em Campina Grande, a equipe paraibana prepara-se para os primeiros compromissos fora de casa na competição. Os próximos desafios serão contra Mogi, amanhã, às 20h, e São José, na quarta-feira (28), às 19h30, ambos no interior de São Paulo.

A equipe, comandada pelo técnico Paulo Costa desde o trabalho desenvolvido durante a pré-temporada, chega à primeira sequência como visitante com resultados positivos e a confiança reforçada pelas atuações diante de Osasco e Pinheiros. Nos dias 17 e 19 de outubro, respectivamente, o Jack venceu os adversários paulistas por 96 a 70 e 81 a 65, demonstrando evolução ao longo das partidas e capacidade de impor seu ritmo de jogo.

A estreia, diante do Osasco, foi marcada pela construção de uma vitória consistente, especialmente na segunda metade do confronto. Já contra o Pinheiros, o time paraibano apresentou regularidade defensiva e conseguiu controlar boa parte das ações, administrando a vantagem construída ainda no primeiro tempo. Os resultados representam um início positivo para a equipe, que agora terá o desafio de manter o desempenho longe de Campina Grande.

Para o ala/pivô Antônio, a sequência de vitórias é resultado do trabalho realizado nas semanas que antecederam o início da competição. O jogador destacou a preparação da equipe, que chegou ao NBB sem disputar amistosos, tendo como experiência competitiva anterior os compromissos pelo Campeonato Paraibano.

"Vitória importantíssima. A gente veio trabalhando bastante na pré-temporada e acho que deu certo, acho que fizemos um bom trabalho. Mesmo sem ter nenhum jogo amistoso, só jogamos o Paraibano, conseguimos chegar aí e fazer dois bons jogos na estreia e hoje cumprimos nossos objetivos em casa", avaliou.

O atleta também ressaltou a importância de aproveitar o momento positivo para buscar bons resultados na sequência como visitante. "Agora vamos lá fora para continuar a nossa sequência. Então, o que a gente puder aproveitar desse bom momento, a gente tem que aproveitar", completou.

Estreia positiva

A primeira partida do Basquete Unifacisa no NBB 2026–2027 aconteceu no dia 17 de outubro, na Arena Unifacisa, contra o Osasco. O confronto começou equilibrado, com as duas equipes apostando em um ritmo acelerado e alternando momentos de superioridade. O Jack conseguiu fechar o primeiro quarto em vantagem mínima, por 21 a 20.

Na segunda parcial, o time paraibano voltou melhor e abriu uma diferença de quatro pontos logo nos primeiros minutos, chegando a 7 a 3 no período e levando o técnico adversário, Enio Vecchi, a solicitar uma parada. O Osasco reagiu e conseguiu equilibrar novamente o confronto, vencendo o quarto por 21 a 20. Com isso, as equipes foram para o intervalo empatadas em 41 a 41.

A mudança mais significativa aconteceu após o retorno dos vestiários. Com uma postura mais agressiva e maior intensidade defensiva, o Basquete Unifacisa passou a encontrar melhores oportunidades no ataque. O armador Diego Figueredo teve participação importante nesse momento, anotando oito pontos em apenas três minutos e ajudando a equipe a assumir o controle no placar.

O Jack venceu o terceiro quarto por 26 a 17 e abriu nove pontos de vantagem, chegando à parcial final com o marcador em 67 a 58. No último período, a equipe paraibana ampliou a pressão ofensiva e começou com uma sequência de oito pontos sem resposta do adversário em apenas dois minutos. A vantagem obrigou novamente o treinador do Osasco a interromper a partida.

Mesmo após a parada, o time paulista não conseguiu conter o ritmo do ataque paraibano. O Unifacisa venceu o último quarto por 29 a 12 e fechou a partida em 96 a 70, garantindo a primeira vitória na competição.

Além do resultado coletivo, o confronto teve um significado especial para Antônio. O ala/pivô completou 200 jogos com a camisa do Unifacisa, alcançando uma marca importante em sua trajetória no basquete nacional. O jogador celebrou a conquista e destacou a relação construída com o clube e a cidade de Campina Grande.

"Sobre os 200 jogos, estou feliz demais de estar podendo completar essa marca aqui. Não é todo dia que um jogador completa 200 jogos vestindo a mesma camisa do NBB. São poucos que tiveram essa chance, e eu estou muito feliz que tenha sido com a camisa da Unifacisa, porque tenho um grande carinho pela instituição e pela cidade", declarou.

O atleta também manifestou o desejo de ampliar sua história com a equipe paraibana. "Espero poder completar 400, 500 jogos por aqui, se eu puder. Estou muito feliz", afirmou Antônio, que celebrou a marca justamente na partida que abriu a campanha do Jack na temporada.

Segunda vitória embalou

Dois dias depois, em 19 de outubro, o Basquete Unifacisa voltou à arena para enfrentar o Pinheiros, de São Paulo, em busca de mais um resultado positivo diante de sua torcida. A equipe confirmou o bom momento e venceu por 81 a 65, conquistando a segunda vitória consecutiva no NBB 2026–2027.

O primeiro quarto foi marcado pelo equilíbrio. O Pinheiros começou melhor e conseguiu assumir a dianteira, mas o Jack reagiu e buscou o empate nos segundos finais, com uma cesta de Jimmy. A parcial terminou em 19 a 19, mantendo o confronto aberto para os períodos seguintes.

No segundo quarto, o time paraibano encontrou maior fluidez ofensiva e abriu uma sequência de sete pontos sem resposta logo no início. A vantagem levou o técnico Bruno Porto a pedir tempo técnico. O Pinheiros tentou reagir, mas a equipe da casa manteve o controle das ações e venceu a parcial por 23 a 11, indo para o intervalo com 42 a 30 no placar.

Na volta dos vestiários, o Unifacisa seguiu ditando o ritmo da partida. Com organização para administrar a vantagem e consistência para conter as investidas adversárias, o Jack venceu o terceiro período por 19 a 15 e ampliou a diferença para 16 pontos: 61 a 45.

No último quarto, o Pinheiros aumentou a intensidade e conseguiu equilibrar o jogo, empatando a parcial em 20 a 20. A reação, entretanto, não foi suficiente para ameaçar a vantagem construída pelos paraibanos. Com o controle no placar, o Unifacisa confirmou a vitória por 81 a 65 e manteve o aproveitamento de 100% nos dois primeiros compromissos na temporada.

O resultado também marcou um momento importante para o pivô Matheus Bonfim, que registrou seu primeiro duplo-duplo com a camisa do Unifacisa. O desempenho individual, somado à participação coletiva, reforçou a contribuição dos jogadores para a construção de uma equipe competitiva neste início de campeonato.

Após a partida, Bonfim comentou sobre os desafios de enfrentar equipes que já vinham de compromissos pelo Campeonato Paulista, competição que serve de preparação para o NBB. O jogador reconheceu a preocupação com o ritmo de jogo dos adversários, mas destacou a confiança no trabalho desenvolvido pelo grupo paraibano.

"Esse era o nosso maior medo, saber que eles já estão vindo de jogos que, para eles, também são importantes, porque o Paulista é o maior campeonato estadual que tem. Então a gente estava meio receoso por isso, mas treinamos oito semanas firme e sabíamos do nosso potencial para jogar contra os caras. A gente não ia deixar fácil para eles", afirmou.

O pivô também comentou sobre a experiência de atuar diante da torcida na Arena Unifacisa, em uma partida na qual conseguiu registrar o primeiro duplo-duplo pela equipe. O desempenho reforça a expectativa de continuidade do trabalho coletivo ao longo da competição, especialmente diante dos próximos desafios, fora de casa.

Ajustes defensivos

Apesar das duas vitórias, o elenco reconhece que a equipe ainda tem pontos a ajustar para enfrentar os próximos adversários. O armador Diego Figueredo destacou a necessidade de encontrar ritmo durante as partidas e manter a intensidade defensiva demonstrada nos momentos decisivos dos confrontos disputados em Campina Grande.

"A gente sentiu, na primeira metade do jogo, que faltou um pouco de ritmo de jogo, depois fomos achando melhores bolas e melhores momentos. Creio que a mensagem que fica para nós mesmos é que temos que defender como defendemos no último quarto", frisou o armador do Basquete Unifacisa.

A avaliação aponta para um aspecto importante da preparação do Jack para a sequência do NBB: a capacidade de sustentar o nível de concentração e intensidade durante os quatro períodos. Contra o Osasco, a equipe conseguiu ampliar a vantagem de maneira expressiva após o intervalo. Diante do Pinheiros, construiu uma diferença confortável no segundo quarto e soube administrá-la até o fim.

A manutenção desse padrão será importante nos compromissos fora de casa, quando a equipe terá de lidar com o ambiente das arenas adversárias e com o apoio das torcidas locais. A consistência defensiva, aliada ao aproveitamento ofensivo, pode ser determinante para que o time paraibano prolongue a sequência positiva.

Primeiros desafios

O próximo compromisso do Basquete Unifacisa será contra o Mogi, amanhã, às 20h, no Ginásio Professor Hugo Ramos, em Mogi das Cruzes (SP). Será a primeira oportunidade da equipe paraibana de testar, longe da Arena Unifacisa, o desempenho construído nas duas partidas iniciais.

Na quarta-feira (28), às 19h30, o Jack voltará à quadra para enfrentar o São José, no Ginásio Lineu de Moura, em São José dos Campos (SP). Os dois confrontos integram uma sequência importante neste início de temporada, na qual o time buscará transformar o bom desempenho em casa em resultados positivos também como visitante.

Para o elenco, o objetivo é aproveitar os aprendizados das primeiras partidas, corrigir os pontos identificados pela comissão técnica e manter a identidade de jogo que permitiu conquistar as duas vitórias iniciais. A sequência exigirá concentração e regularidade, especialmente na defesa, fundamento destacado pelos próprios atletas como essencial para o desempenho da equipe.

Após os dois compromissos no interior paulista, o Basquete Unifacisa retornará a Campina Grande para mais uma sequência de dois jogos diante de sua torcida. O time receberá o Paulistano no dia 4 de novembro, às 19h30, e enfrentará o Corinthians no dia 6 de novembro, às 20h, ambos na Arena Unifacisa.

NO MARACANÃ

Fla vira a chave para o Brasileirão

Após o revés da Libertadores, equipe pega amanhã o Atlético-MG, disputando agora apenas a competição nacional

Redação
Com Agência Estado

Com a eliminação na Libertadores, o Flamengo tem somente o Brasileirão para disputar até o fim do ano. Numa briga direta contra o Palmeiras pela liderança, o Rubro-Negro entra em campo amanhã, diante do Atlético-MG, no Maracanã, às 20h, no encerramento da 32ª rodada. A partida terá transmissão do canal SporTV. A equipe carioca soma 67 pontos e tem, na competição de pontos corridos, a última possibilidade de título em 2026, além do Campeonato Estadual.

Pela Libertadores, o Flamengo passou vexame no Maracanã. Diante de mais de 72 mil torcedores, fez novamente um jogo ofensivo pobre e, assim como na ida na Argentina, empatou sem gols e deu adeus ao sonho do penta, ao ser eliminado para o Estudiantes da Argentina nas penalidades, por 3 a 2. Muslera, pouco exigido nos 180 minutos, saiu como herói ao defender as cobranças de Jorginho, Paquetá e Bruno Henrique.

Diferentemente do primeiro jogo, o Flamengo até conseguiu ter posse de bola, jogou todo o segundo tempo com um jogador a mais, porém novamente não teve eficiência no ataque para tentar ao menos dar trabalho ao goleiro. Com a eliminação, o time carioca deixa de reeditar a final da temporada passada, uma vez que o Palmeiras eliminou o Fluminense, também nos pênaltis. A final entre Brasil e Argentina será realizada no dia 28 de novembro, no estádio Centenário, no Uruguai, coincidentemente, palco do título paulista em 2021.

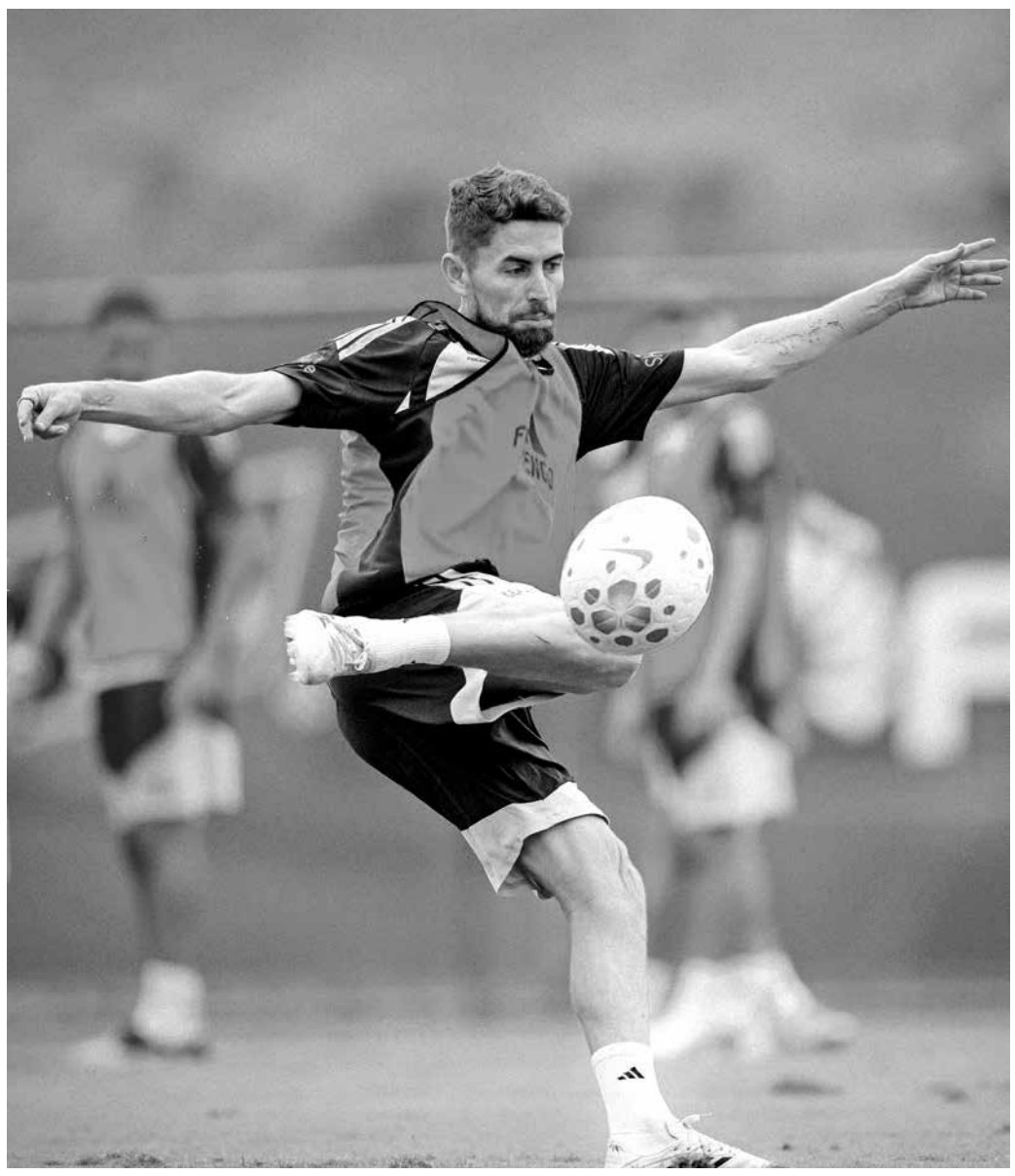


Foto: Reprodução/Instagram @flamengo

Jorginho (foto), Paquetá e Bruno Henrique perderam os pênaltis para o Flamengo

O técnico Leonardo Jardim falou, em entrevista coletiva, sobre a necessidade de não deixar o resultado do torneio continental influenciar no complemento da temporada. "É grande o impacto. Todos nós queríamos estar na final e poder ganhar uma segunda Libertadores. Uma segunda Libertadores consecutiva era uma coisa que nunca tinha acontecido e podia acontecer. Com certeza, estamos decepcionados e frustrados. Certeza que também temos um Campeonato Brasileiro para jogar ainda sete rodadas. Estamos na frente e queremos mostrar qualidade na próxima segunda-feira (26), para tentar ganhar o troféu que ainda disputamos", destacou.

Diferentemente do rival de amanhã, o Atlético chega para o jogo classificado para a final de um torneio continental (Copa Sul-Americana). Na última quarta-feira (21), no estádio Centenário, no Uruguai, a equipe perdeu, por 2 a 0, para o Montevideo City Torque, mas avançou graças ao agregado de 3 a 2. Na ida, havia encaminhado a vaga na decisão com o 3 a 0 em casa. Agora a equipe de Eduardo Domínguez vira a chave para o Brasileirão. O Galo tem 50 pontos em 31 partidas. Ao todo, acumula 14 vitórias, oito empates e nove derrotas.

Coritiba x Grêmio

Amanhã, às 19h30, o Coritiba e o Grêmio também jogam, no Couto Pereira, pela 32ª rodada, com transmissão do Premiere. Os donos da casa entram em campo pressionados por uma sequência de seis jogos sem vencer na Série A. Outro problema para o Coxa é o fato de não vencer o adversário gaúcho desde setembro de 2016. Na ocasião, o time paranaense goleou por 4 a 0, no Couto Pereira, com gols de Walisson Maia, Raphael Veiga, Neto Berola e Leandro. Nas sete partidas subsequentes, todas pela elite nacional, houve seis vitórias gremistas e um empate.

Vivendo uma luta inglória contra o rebaixamento, o Grêmio tenta mobilizar sua torcida para que falte apoio aos jogadores. O clube disponibilizou quatro mil ingressos e ônibus gratuitos para os torcedores irem até o Couto Pereira. Cerca de 11,7 mil pessoas demonstraram interesse em viajar para o Paraná. Do outro lado, ainda com chances de cair para Série B, o Coritiba fez promoção em que os sócios podem levar um convidado.

DA RCE

Corinthians recebe ultimato para regularização de dívidas

Em grave crise financeira, o Corinthians recebeu, na quinta-feira (22), um ultimato da administradora do Regime Centralizado de Execuções (RCE) para regularizar os pagamentos em atraso do plano, sob risco de sofrer bloqueios nas contas bancárias. O Ministério Público de São Paulo (MPSP) deu 15 dias, a partir da última terça-feira (20), para o clube resolver as pendências, que somam aproximadamente R$ 10 milhões.

Em nota, o Corinthians informou que "mantém diálogo com os agentes envolvidos e adotará as medidas necessárias para preservar o RCE" e que "segue trabalhando em diferentes frentes para reorganizar seu fluxo de caixa, reduzir seu endividamento e criar condições para o cumprimento sustentável de seus compromissos".

O RCE é um mecanismo jurídico adotado pelo Corinthians para organizar e parcelar cerca de R$ 200 milhões em dívidas cíveis e trabalhistas, concentrando processos em uma única vara judicial. Ele evita bloqueios de contas bancárias, permitindo pagar credores de forma ordenada com receitas do clube, visando à reestruturação financeira.

A ação corre na 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais do Foro Central Cível de São Paulo. O valor em atraso é composto por um saldo remanescente de R$ 2,4 milhões relativo à parcela de julho de 2026 — quitada com atraso e de forma apenas parcial em 58,33% — e pelo não pagamento da parcela de agosto de 2026, fixada em R$ 7,6 milhões.

A administradora judicial Laspro Consultores Ltda. informou ao juízo que o Corinthians também falhou em entregar os documentos e demonstrativos contábeis das competências de agosto e setembro de 2026, além de manter a lista de pagamentos do *site* oficial desatualizada desde junho. A administradoras citou "gravidade" no cenário da prestação de contas do RCE e recomendou que o clube seja intimado a apresentar a documentação pendente no prazo de cinco dias.

A fiscalização e o MPSP apontam irregularidades como a dedução não comprovada de R$ 26.034.838,02 atribuída à Caixa Econômica Federal e a uma confissão de dívida de R$ 38.092.456,80 com o FIDC Daycoval, envolvendo conversão indevida de contingência ilíquida e abatimento de fundo de reserva.

Também são citadas situações como a reclassificação de R$ 32,77 milhões da Nike como operação financeira em vez de patrocínio e a ausência de identificação do número do processo e da vara nos depósitos judiciais realizados pelo Banco do Brasil.

Tanto o MP quanto a administradora têm recebido petições de credores que pleiteiam o encerramento imediato do RCE e a liberação das penhoras. Credores como a Link, agência do empresário André Cury, e a Pix Star, detentora da marca Pixbet — ex-patrocinadora do Corinthians —, estão entres aqueles que pedem a impugnação do plano.

A situação tem sido conduzida com cautela. Apesar da advertência formal, os dois órgãos defendem a manutenção temporária da suspensão das execuções individuais para evitar o colapso desordenado das atividades do clube.

MASCULINA

Técnico convoca a Seleção Brasileira para a Copa Sub-17 no Catar

O técnico Carlos Eduardo Patetuci anunciou, na quinta-feira (22), a convocação dos 21 jogadores que representarão a Seleção Brasileira Sub-17 na Copa do Mundo da categoria, no Catar.

O Brasil integra o Grupo I, ao lado de Irlanda, Tanzânia e Costa Rica, e fará sua estreia no dia 21 de novembro, diante dos irlandeses. A competição será disputada de 19 de novembro a 13 de dezembro.

Patetuci explicou como foi o processo para a escolha dos 21 jogadores que representarão o Brasil no Mundial.

"Nosso principal critério foi a *performance* dos atletas, tanto nos clubes, ao longo do ano, nas competições que disputaram, quanto nos períodos em que estiveram com a Seleção Brasileira, durante os treinamentos e amistosos. Buscamos convocar os jogadores que estão apresentando o melhor desempenho neste momento. A Copa do Mundo é uma competição curta, de alta exigência, e precisamos chegar com atletas preparados para aproveitar essa oportunidade", destacou.

Ao longo dos últimos meses, a comissão técnica acompanhou o desempenho dos atletas nos clubes, avaliou alternativas para a equipe e aproveitou os amistosos e torneios preparatórios para consolidar o grupo que disputará o Mundial.

"Participamos de um torneio da Uefa, na Suíça, onde enfrentamos seleções de alto nível e diferentes escolas de futebol. Jogamos contra a Espanha, campeã europeia, que tem uma cultura de jogo diferente da nossa, e também contra a Costa do Marfim, uma equipe africana marcada pela força física e pela intensidade dos duelos. Essa experiência contribuiu bastante para a nossa preparação. Na fase de grupos do Mundial, teremos adversários europeus e africanos, e esse contato prévio nos ajuda a ampliar nossas referências. Durante a preparação, vamos trabalhar diferentes situações de jogo, variações de sistema e cenários como atuar com um jogador a mais ou a menos. O futebol apresenta situações inesperadas, e precisamos estar preparados para responder a elas", avaliou o treinador.

A Seleção Brasileira Sub-17 se apresenta no dia 3 de novembro, na Granja Comary, em Teresópolis (RJ), para iniciar a etapa final de preparação para o Mundial.

FUTEBOL

Cristiano Ronaldo supera Messi e é jogador mais bem pago do mundo

Alan Favaron
Agência Estado

Cristiano Ronaldo segue no topo do futebol mundial quando o assunto é dinheiro. Segundo levantamento divulgado pela revista *Forbes*, o atacante do Al-Nassr é o jogador mais bem pago do mundo na temporada 2026/2027, com rendimentos estimados em US$ 300 milhões (cerca de R$ 1,5 bilhão). O valor representa mais que o dobro da quantia prevista para Lionel Messi, segundo colocado, com US$ 145 milhões (R$ 728 milhões).

Pela quarta temporada consecutiva e pela 12ª vez nos últimos 13 anos, Cristiano Ronaldo e Messi ocupam as duas primeiras posições do *ranking*. O francês Kylian Mbappé, do Real Madrid, aparece em terceiro lugar, com ganhos estimados em US$ 100 milhões (R$ 502 milhões).

O único brasileiro na lista é Vinicius Jr., que ocupa a quinta colocação, com rendimentos estimados em US$ 76 milhões (R$ 380 milhões). O atacante renovou seu contrato com o Real Madrid até 2032 e foi apontado pela *Forbes* como uma força no mercado publicitário, com Neymar se aproximando da aposentadoria.

Além de Vini Jr. e Mbappé, o clube espanhol conta com outro representante entre os 10 primeiros: o inglês Jude Bellingham, que aparece na oitava posição, com US$ 45 milhões (R$ 226 milhões).

Outro destaque é Lamine Yamal. Aos 19 anos, o atacante do Barcelona ocupa o sexto lugar, com rendimentos estimados em US$ 55 milhões (R$ 276 milhões). De acordo com a publicação, o espanhol vem se tornando rapidamente um dos jogadores mais populares do mundo, atraindo cada vez mais a atenção de grandes marcas.

■ Único brasileiro na lista é Vinicius Jr., que ocupa a quinta colocação, com rendimentos estimados em US$ 76 milhões (R$ 380 milhões)

POSIÇÃO DE GOLEIRA

Projeto vai desenvolver jovens no país

Em Busca da Camisa 1 vai rodar o Brasil para observação e treinamento de meninas, em cinco eventos regionais

Assessoria CBF

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em parceria com a Federação Paulista de Futebol (FPF), abriu as inscrições para a primeira edição do Em Busca da Camisa 1. O projeto tem como objetivo identificar, desenvolver e monitorar atletas para a posição de goleira no Brasil.

A primeira edição, que ocorrerá em São Paulo, está marcada para os dias 31 de outubro a 2 de novembro, na cidade de Americana. Serão três dias de atividades com jovens nascidas de 2009 a 2015 que já atuam como goleiras em clubes e projetos, além de um *workshop* com 20 preparadores de goleiras e uma clínica prática aberta para meninas que podem se interessar pela posição.

Copas do Mundo

O Em Busca da Camisa 1 vai rodar o Brasil para observação e treinamento de meninas das categorias Sub-12, Sub-14 e Sub-16, em cinco eventos regionais — um por região do país — até a Copa do Mundo Feminina de 2027. O projeto é uma iniciativa conjunta do Departamento de Seleções Femininas e do Departamento de Desenvolvimento da CBF com apoio da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol).

As atividades do projeto são lideradas pelo preparador de goleiras da Seleção Brasileira feminina principal, Edson Junior, com o suporte de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da elite do futebol feminino.

Os resultados das observações serão registrados em uma base de dados desenvolvida pelo Departamento de Seleções que servirá como um banco de talentos nacional, facilitando o monitoramento e acompanhamento técnico das atletas com maior potencial para futuras convocações para as seleções brasileiras femininas de base.



Foto: Luciana Vermell/CBF

Base de dados servirá como um banco de talentos nacional, facilitando o monitoramento e acompanhamento técnico das atletas

SELEÇÃO FEMININA SUB-17

Nathy relembra trajetória de atacante no início da carreira

Antes de assumir as luvas e defender a Seleção Brasileira de futebol feminino sub-17, Nathy queria balançar as redes. Foi como atacante, inclusive, que surgiu o apelido "Nathygol", nome do seu perfil nas redes sociais. "Eu jogava de atacante, de ponta. Gostava de fazer gol, queria ser atacante. Aí coloquei meu nome assim, e veio a mania de todo mundo me chamar de Nathygol", relembrou.

Mudança inesperada

A virada aconteceu por volta dos 10 anos, quando Nathy jogava com meninos no Centro Esportivo Wilson Goiano, em Trindade, Goiás. Durante uma partida difícil num campeonato em que o time estava sofrendo uma goleada, Nathy decidiu deixar o ataque, pegar as luvas e assumir o gol. A equipe sofreu uma goleada de mais de 20 gols, mas o resultado não a fez desistir da posição. Pelo contrário: ela descobriu que gostou de defender e quis aprender mais. "Aí eu falei: 'Caraca, até que é legal! Acho que gostei, quero evoluir'", contou.

Nathy passou a treinar como goleira com os meninos e continuou jogando na linha com a equipe feminina da escolinha. Com o tempo, escolheu definitivamente a posição. O talento abriu portas. Em um campeonato em Belo Horizonte, Nathy chamou a atenção de representantes do Atlético-MG ao enfrentar a equipe mineira. Aprovada em 2023, tornou-se a única menina a integrar a base masculina do clube, onde passou uma temporada treinando e aprimorando suas habilidades. Depois, aos 13 anos, foi aprovada para o time sub-20 feminino do América-MG. Embora tenha permanecido apenas três meses, considera a experiência importante para sua formação. "Foi meu primeiro lugar em que integrei o feminino mesmo, em que foquei. Ganhei muita experiência. Não fiquei tanto tempo, mas aprendi muito com elas", destacou.

Na sequência, surgiu a oportunidade de fazer um teste no Corinthians, clube que já admirava pela estrutura do futebol feminino. Aprovada, chegou à equipe paulista no fim de 2024 e deu mais um passo rumo ao sonho de vestir a camisa da Seleção.

Sonho da Amarelinha

A primeira convocação veio em 2025, para a preparação da Seleção Sub-15 para a Liga Evolução. A notícia surpreendeu Nathy. Não demorou muito e logo apareceu a oportunidade de disputar o Sul-Americano da categoria, no Paraguai, e conquistar o título. Em 2026, Nathy voltou a levantar uma taça continental, desta vez com a Seleção sub-17. "Foi algo que eu não imaginava. Aconteceu muito rápido, e fiquei muito feliz. Sempre foi meu sonho", lembrou sobre a primeira convocação.

A goleira também exaltou as características que diferenciam a equipe brasileira. "Nossa competitividade é algo que nos diferencia. Quando a gente entra em campo alegre e competitivo, acho que é assim que o Brasil faz a diferença. A gente é muito feliz no que faz, e nossa vontade de ganhar é muito grande. Todo mundo está muito unido nesse mesmo objetivo", destacou.

PARA ELAS

Evento premiará atletas do futebol feminino brasileiro

Lincoln Chaves
Agência Brasil

A organização do Prêmio TV Brasil Petrobras Para Elas anunciou, nesta semana, as finalistas da categoria Jogadora Revelação da temporada 2026. As candidatas são a meio-campista Kaylane, do Flamengo, e as atacantes Evelin Bonifácio, do Santos, e Isa, do São Paulo.

Revelada nas categorias de base do Flamengo, Kaylane tem 17 anos e chegou à equipe profissional rubro-negra em 2026. Em menos de uma temporada, chamou atenção de Arthur Elias, que a levou à Seleção Brasileira principal. A meia já acumula três jogos com a Amarelinha, sendo titular no empate por 2 a 2 com a Argentina, no último dia 13, em amistoso disputado na Arena de Pernambuco, em Recife.

Evelin, de 18 anos, subiu ao time profissional do Santos no ano passado, participando da campanha do acesso à elite do Campeonato Brasileiro. Em 2026, a atacante firmou-se como titular das Sereias da Vila e ganhou oportunidade na Seleção verde e amarela, integrando o time campeão do Fifa Series, torneio amistoso realizado na Arena Pantanal, em Cuiabá, organizado pela Federação Internacional de Futebol (Fifa).

"Veterana" das finalistas, Isa fez 23 anos na última segunda-feira (19). A atacante integra o elenco profissional do São Paulo desde 2021, mas foi nesta temporada que ganhou mais projeção. Campeã do Brasileirão e vice-artilheira das Soberanas na campanha, com seis gols, a jovem balançou as redes para decretar o triunfo por 2 a 1 sobre o Corinthians, no jogo de ida da decisão, disputado na Neo Química Arena, na capital paulista.

O prêmio de Jogadora Revelação reconhece novos talentos que se destacaram na temporada, demonstrando o potencial de renovação do futebol feminino brasileiro. As vencedoras dessa e das demais categorias serão conhecidas em cerimônia marcada para 15 de novembro, no Museu do Futebol, em São Paulo.

Treinador

Na categoria Melhor Treinador da temporada no futebol feminino brasileiro, foram escolhidos Thiago Viana (São Paulo), Felipe Freitas (Bahia) e Fabi Guedes (Atlético-MG).

Campeão brasileiro pelo Tricolor paulista, Thiago Viana está no comando são-paulino desde 2023, sendo o técnico que mais vezes dirigiu a equipe na história (144 jogos). Em 2026, as Soberanas ainda brigam pelos títulos da Copa do Brasil (estão nas quartas de final) e do Campeonato Paulista (enfrentam o Santos no *play-in*, uma repescagem que dá vaga às semifinais).

Felipe Freitas, do Bahia, dirige as Mulheres de Aço desde 2024 e fez história ao levar o time às semifinais do Brasileirão deste ano. Foi a segunda temporada seguida em que a equipe baiana atingiu o mata-mata da competição nacional.

O Atlético-MG de Fabi Guedes também está nas quartas da Copa do Brasil. Ela era auxiliar de Humberto Simão no Red Bull Bragantino antes de assumir as Vingadoras, em 2025. Sob comando da treinadora, a equipe mineira retornou à elite do Brasileirão e alcançou a permanência sem maiores sustos nesta temporada, sequer entrando na zona de rebaixamento durante o torneio.

Goleira

Já na categoria Melhor Goleira da temporada no futebol feminino, as finalistas anunciadas são Yanne (Bahia), Carlinha (São Paulo) e Sandy (América-MG).

Yanne destacou-se na histórica campanha do Bahia no Campeonato Brasileiro deste ano. Além de grandes defesas durante a competição, ela foi decisiva na classificação das Mulheres de Aço às semifinais, salvando dois pênaltis — um deles no tempo normal — nos jogos diante do Palmeiras, pelas quartas de final. A goleira de 23 anos, que é natural de Salvador, foi recompensada com a primeira convocação da carreira à Seleção Brasileira principal.

Campeã brasileira pelo São Paulo, Carlinha foi de vilã a heroína na final contra o Corinthians, defendendo o pênalti que garantiu o título ao Tricolor. Aos 29 anos, a paulistana é a jogadora que mais vezes defendeu as Soberanas (232 jogos). Além disso, faz parte do elenco desde 2019, na retomada do projeto são-paulino. Estreou pela Amarelinha na vitória sobre a Argentina por 3 a 1, no último dia 10 de outubro, no Beira-Rio, em Porto Alegre.

Sandy, por sua vez, é a grande responsável pela permanência do América-MG na Primeira Divisão do Brasileirão. A mineira, de 26 anos, nascida em Mariana, assumiu a titularidade na terceira rodada, retornou ao banco na 10ª e voltou ao time três jogos depois. Entre todas as goleiras, é quem teve maior nota (7.57) no Sofascore, *site* especializado em estatísticas do futebol, além de ser a segunda com maior média de defesas por jogo (6.08).

As atletas foram escolhidas em votação realizada por representantes dos clubes da elite do futebol feminino nacional: a capitã, o treinador e o dirigente responsável pela modalidade. Conforme o regulamento da premiação, os votos não poderiam ser direcionados a integrantes da própria agremiação.

Os finalistas das diferentes categorias vêm sendo revelados nos veículos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Além das que concorrem ao troféu de Melhor Goleira, também foram anunciadas os mais votados aos prêmios de Jogadora Revelação e Melhor Treinador. Os vencedores serão conhecidos em cerimônia no Museu do Futebol, em São Paulo, no próximo dia 15 de novembro.

As demais categorias a serem reconhecidas no Prêmio TV Brasil Petrobras Para Elas são: Melhor Jogadora, Artilheira, Gol Mais Bonito, Melhor Departamento de Futebol Feminino e Seleção da Temporada. Há, também, a categoria Futebol Feminino Contra o Feminicídio, que destaca o clube que melhor promoveu ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Foto: Reprodução/Instagram @ joaoffonseca



TÊNIS

João Fonseca não joga mais na temporada 2026

Brasileiro, atual número 29 do mundo, encerra ano sem títulos, acumula lesões e vê rivais avançarem

Tenista confirmou que ficará fora dos últimos torneios do ano para priorizar a recuperação física e mental

Agência Estado

João Fonseca não vai mais jogar nesta temporada. O brasileiro, atual número 29 do mundo, anunciou no sábado (17) que só voltará ao circuito profissional em 2027. Depois de ajudar o Brasil a se classificar na Copa Davis, o tenista confirmou que ficará fora dos últimos torneios do ano para priorizar a recuperação física e mental. A decisão encerra uma temporada sem títulos e marcada por problemas físicos.

Fonseca ainda tinha a expectativa de voltar a tempo de defender o título do ATP 500 da Basileia, na Suíça, e disputar o Masters 1000 de Paris. A recuperação, porém, não evoluiu como o esperado, e o brasileiro decidiu não antecipar o retorno às quadras.

Os problemas começaram no início do ano, quando dores na lombar tiraram Fonseca dos ATPs 250 de Brisbane e Adelaide, na preparação para o Aberto da Austrália. Ele disputou o Grand Slam, mas perdeu na estreia para o norte-americano Eliot Spizzirri. Na ocasião, explicou que sentia dores principalmente nos movimentos de rotação e no saque, relacionadas a uma condição crônica na coluna.

Em maio, foi a vez do punho direito atrapalhar a programação. Fonseca desistiu do ATP 500 de Hamburgo para evitar agravar o problema, mas conseguiu disputar Roland Garros no fim daquele mês e chegou às quartas de final. Em junho, um desconforto no ombro direito o tirou do ATP 250 de Eastbourne. Ele voltou em Wimbledon e alcançou a terceira rodada.

A última interrupção aconteceu em agosto, no Masters 1000 de Cincinnati. Depois de vencer o holandês Botic van de Zandschulp na estreia, o brasileiro sentiu um incômodo no abdômen durante um treino e abandonou o torneio. Na sequência, também ficou fora do US Open e anunciou que não disputaria os torneios da gira asiática.

A decisão de parar também deve custar posições a Fonseca no *ranking*. Na última semana de outubro, ele perderá os 500 pontos do título da Basileia, conquistado no ano passado. No início de novembro, serão 50 pontos a menos, referentes à campanha no Masters 1000 de Paris em 2025.

A projeção é uma queda de 10 a 15 posições, dependendo dos resultados dos concorrentes. Com isso, Fonseca corre o risco de sair do *top* 40.

O norte-americano Learner Tien, por exemplo, já aparece à frente do brasileiro e ocupa atualmente a 17ª posição do *ranking* mundial.

Outro nome em ascensão é o espanhol Rafael Jódar, que também ganhou destaque no Masters 1000 de Xangai. Enquanto os rivais seguem disputando torneios e somando pontos, Fonseca não terá mais oportunidades de melhorar sua classificação nesta temporada.

A posição no *ranking* terá importância para o início de 2027, quando o brasileiro voltará a competir. O próximo Grand Slam será o Aberto da Austrália, em janeiro. Até lá, o tenista afirma que a prioridade será recuperar a condição física e mental para voltar ao circuito sem precisar interromper novamente o calendário.

PROMOVA
A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE
DO SEU NEGÓCIO
COM OS SERVIÇOS
DO BRAILLE A UNIÃO

- **IMPRESSÃO BRAILLE E BRAILLE-TINTA EM DIFERENTES FORMATOS GRÁFICOS** cardápios, folders, cartilhas, marcadores de páginas etc.
- **AUDIODESCRIÇÃO EM QR CODE**

MARKETING EPC

SOLICITE UM ORÇAMENTO:
brailleauniao@epc.pb.gov.br
(83) 3218-6500/(83) 98201-9809

Braille A UNIÃO EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



MARKETING EPC

Gráfica A UNIÃO

Excelência além da primeira impressão.

Contato
Telefone: (83) 3218-6525
E-mail: daf.auniaograficapb@gmail.com

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

José Américo, uma história trissecular

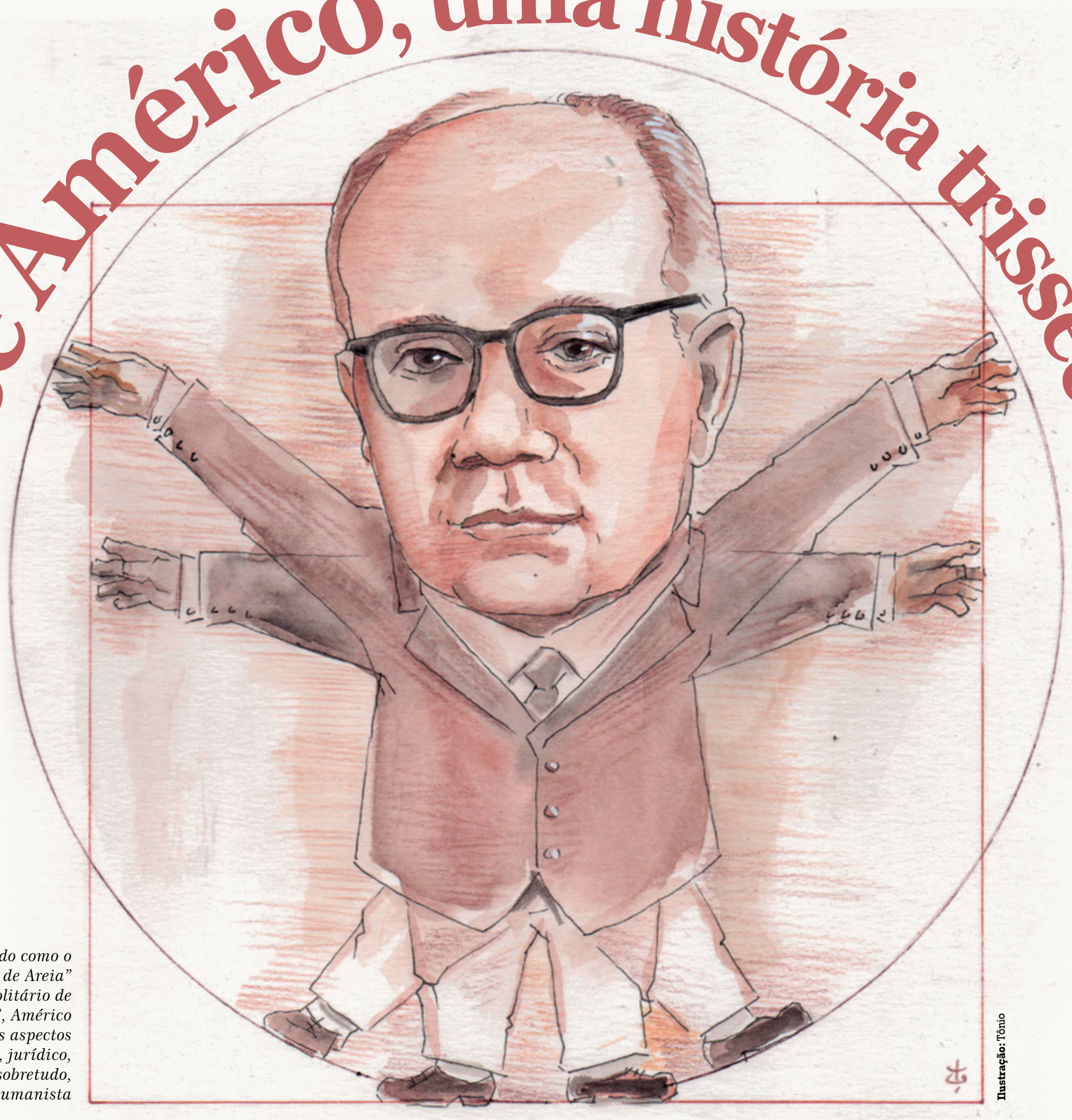


Ilustração: Tônio

Conhecido como o "Homem de Areia" e "o solitário de Tambaú", Américo brilhou nos aspectos literário, jurídico, político e, sobretudo, como humanista

Seja na política ou nas artes, a vida do paraibano passou por dois séculos, e o seu legado segue sobrevivendo até hoje Brasil afora

Fátima Farias
Especial para A União

Raríssimas são as pessoas cujas trajetórias de vida repercutem em três séculos. Um exemplo de brasileiro com destaque, nesse sentido, é o paraibano José Américo de Almeida. "Imortal" em todos os sentidos, ele nasceu nos anos 1980 do século 19, "brilhou" no decorrer do século 20, rumo à imortalidade, e continua "bem vivo" neste século 21 com o seu legado. Fato é que a sua vida e as suas obras, enfim a sua história, continuam a repercutir, no mínimo, Brasil afora.

A Fundação Casa de José Américo (FCJA) até hoje recebe solicitações de informações acerca da vida e obra do seu patrono. História marcada pela precocidade, nasceu em 10 de janeiro de 1887, no Engenho Olho d'Água, área rural do município de Areia (PB). Lá aprendeu as primeiras letras, com a professora Júlia Leal. Mudou-se para o perímetro urbano da cidade, com seu tio, o vigário Odilon Benvindo, para continuar os seus estudos. Aos 14 anos, seguiu para o Seminário da Paraíba, na capital, para iniciar o Curso de Humanidades. Deixou o seminário aos 17 anos e passou pelo Liceu Paraibano, em preparativos para matricular-se na Faculdade de Direito do Recife (PE) no mesmo ano.

Com uma precocidade contínua, revelou sua vocação literária aos 19 anos, ao editar o jornal *Correio da Serra*, em 1907, com amigos. No mesmo ano, publicou sonetos em **A União**. Aos 21 anos, concluiu o curso de Direito, no Recife. Regressou à Paraíba e, já atraído pela política, filiou-se a um partido político. Aos 22 anos, foi nomeado promotor público da Comarca de Souza e, passados dois anos, pediu exoneração para assumir o cargo de procurador-geral do Estado, exercendo-o por 11 anos.

Em 1912, aos 25 anos, casou-se com Anna Alice de Azevedo Mello, de cuja união nasceram dois filhos e uma filha. Paralelamente, iniciou a vida literária e publicou a primeira obra: *Reflexões de uma cabra*, em 1922, aos 35 anos. Continuou contribuindo com o jornal **A União** e seguiu a carreira jurídica.

Vida política

José Américo de Almeida iniciou a vida política em 1930, aos 43 anos, quando foi eleito deputado federal. No mesmo ano, foi nomeado ministro da Viação e Obras Públicas, no Governo Provisório e, em 1932, teve grande atuação no combate às secas do Nordeste. Em 1935, ele foi eleito senador pela Paraíba, renunciando o mandato para assumir o cargo de ministro do Tribunal de Contas da União, cargo vitalício, no qual se aposentou.

Em 1937, foi candidato à Presidência da República. Com o Golpe de Estado e estabelecido o Estado Novo, retornou à judicatura fiscal na Paraíba. Foi candidato a vice-presidente da República por eleição indireta, perdendo por uma pequena margem de votos. Como senador, foi escolhido para presidente da União Democrática Nacional (UDN).

Em 1947, foi novamente eleito senador pela Paraíba. Desligou-se do partido e fundou o Partido Liberador. Eleito governador da Paraíba, em 1950, criou a Escola Politécnica da Paraíba, em Campina Grande. Em 1953, assumiu, novamente, o Ministério de Viação e Obras Públicas, deixando o cargo de governador. Publicou as *Secas do Nordeste* (exposição e debates na Câmara Federal).

No mês de setembro de 1954, Américo retornou ao cargo de governador do Estado da Paraíba e, em 1956, fundou a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e deixou o governo. Em 1958, candidatou-se ao Senado, perdendo a eleição e afastando-se da vida pública. Tornou-se conhecido como "o solitário de Tambaú".

Em 22 de junho, tomou posse na cadeira de Raul Machado, na Academia Paraibana de Letras (APL). Em 1967, foi eleito na Academia Brasileira de Letras (ABL), na vaga de Maurício de Medeiros. Em 1976, recebeu o título de intelectual do ano, pela União Brasileira de Escritores — Troféu Juca Pato, da *Folha de S.Paulo*.

Homenagens diversas

Fruto das benfeitorias realizadas ao longo de seus mandatos, José Américo foi contemplado com diversos títulos de cidadanias pelo Nordeste, além de cidadão do Estado da Guanabara. Na nossa região: cidadão do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Pernambucano e de Fortaleza, além de cidadão pessoense, campinense, cajazeirense, patoense e piancoense.

Ao longo do tempo, José Américo de Almeida foi homenageado, em diferentes partes do Brasil, com nomes de ruas, avenidas, colégios e escolas, fundações, museus, fóruns, centros, afora medalhas e comendas, cordéis e folhetos diversos.

Acervo vivo

A 10 de março de 1980, com 93 anos, faleceu no seu retiro de Tambaú (hoje, Cabo Branco), em João Pessoa. Foi sepultado com honras de ministro de Estado.

Já no dia 10 de dezembro, foi criada a Fundação Casa de José Américo (FCJA), pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity, a partir da Lei nº 4.195, na casa onde o imortal viveu os últimos 22 anos de sua existência. Em 10 de janeiro de 1983, seus restos mortais, com os da sua esposa, foram transladados para um memorial construído no jardim da sua antiga residência.

Aos 45 anos de criação, a FCJA, situada à Avenida Cabo Branco, nº 3.336, na orla pessoense, é guardiã de seu rico legado, disponível para visitações e para pesquisas.

Ali está um acervo vivo, que abriga uma história trissecular e pronta para imortalizar a vida e obra do Homem de Areia, que brilhou nos aspectos literário, jurídico, político e, sobretudo, como humanista. Muito raro acontecer isto: uma história que ultrapassa e sobrevive a séculos.

Imortal das academias Paraibana e Brasileira de Letras, José Américo teve seu velório, no dia 11 de março de 1980, considerado um dos maiores, senão o maior da Paraíba. Enquanto ele partia, as repercussões pelo Brasil indicavam o pesar nacional, destacando a sua dimensão enquanto escritor e estadista.

A manchete de capa do jornal **A União** anunciou: "Brasil lamenta a morte de José Américo". Então presidente, o general Figueiredo decretou luto oficial no país e enviou mensagem para o filho, Reynaldo Almeida, destacando que José Américo ficaria na memória do povo brasileiro "pelo exemplo de civismo que deu à nação".

Dentre tantas mensagens expressivas em **A União**, uma das mais marcantes foi a do escritor paraibano Edilberto Coutinho: "Não apenas considero José Américo de Almeida o pai do romance moderno, mas uma das figuras mais importantes da literatura de ficção do século 20". E continuou: "Estive nos Estados da América fazendo conferências sobre a literatura brasileira, recentemente, e em todas as 15 universidades em que visitei, os livros de José Américo são adotados. É um nome que a Paraíba ofereceu não só ao Brasil, mas à literatura universal. Para mim, José Américo pensa que morreu, mas sua obra continuará mais viva".

Precoce e versátil

Polivalente na literatura e na política, José Américo de Almeida foi uma das mais expressivas figuras paraibanas e nacionais.

Enveredou por diversos cargos políticos, inclusive "quase" ser presidente e vice-presidente da República, porém destacou-se ao ocupar importantes cargos: deputado federal, senador, governador (dois mandatos), ministro, além de fundador e reitor da UFPB.

Ficou conhecido como "ministro das águas", ao ser ministro de Viação e Obras Públicas e por transformar a cruel realidade de seca no Nordeste. Daí, pavimentou os caminhos para reverter a situação, investindo na construção de açudes e outros recursos hídricos.

Renomado literata, José Américo escreveu 18 livros, de vários estilos e tendências: romance (*A bagaceira* é sua obra-prima), contos, poesias e crônicas, entre outras formas de expressão.

Se José Américo de Almeida consagrou seu nome nacionalmente, também ultrapassou fronteiras. Até hoje, as suas ações e as suas obras inspiraram muitos projetos de pesquisa. E, assim, segue sua "imortalidade" mundo afora.

Manfredo Caldas

"O cinema está no meu sangue", dizia o paraibano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Manfredo Caldas costumava dizer que sua relação com o cinema começou em casa. Nascido na capital paraibana, em 25 de setembro de 1947, contava que, ainda criança, assistia aos desenhos animados e aos filmes de Walt Disney na sala de casa, porque seu pai, um fotógrafo amador, tinha um projetor de 16mm. Naquela época, todos os longa-metragem de 35mm que chegavam nos cinemas para serem exibidos vinham acompanhados de uma cópia 16mm e como seu pai era amigo do dono do Cine Plaza — um dos mais tradicionais de João Pessoa, localizado perto do Ponto Cem Réis —, tinha acesso a esses filmes para exibir em sua casa.

"O cinema está no meu sangue; esse fascínio vem desde criança e eu me lembro das primeiras vezes que assisti filmes em que, em vez de olhar para a tela, olhava para o projetor, a luz que saía, aquele mistério, aquela coisa mágica. Depois, na adolescência, começo a perceber o cinema mais criticamente, passando para um estágio de refletir sobre a própria realidade", afirmou Manfredo, em entrevista à revista *Proposta*, da Fase. Uma das lembranças marcantes é de ter assistido, com apenas 12 anos de idade, a um filme clássico do cinema humanista francês chamado *Se todos os homens do mundo* (1955), destacando como o pai e os amigos o estimulava, tanto para o divertimento quanto para o pensamento.

Mas foi no começo da década de 1960, quando participava do Cineclube no Liceu Paraibano, que teve contato com o tipo de cinema documental que influenciaria toda sua trajetória, assistindo *Aruanda*, de Linduarte Noronha. Reconhecia que, apesar de não ser jornalista, seus filmes sempre tiveram uma relação com a área, já que a obra seminal de Noronha nasceu de uma reportagem sobre a Serra do Talhado (em Santa Luzia, no Sertão da Paraíba), publicada no jornal **A União**.

Os caminhos de Manfredo, como de muitos paraibanos, passaram pela migração. Em 1968, partiu para o Rio de Janeiro, onde inicialmente trabalhou como montador cinematográfico de publicidade e na restauração de filmes para a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM-RJ). Na instituição, estudou cinema e especializou-se em montagem, aprendendo técnicas como a sincronização do som com a imagem que permitiam realizar dublagem de filmes estrangeiros.

"Daí, eu começo a desenvolver um trabalho documental sobre a migração interna (afinal, eu também era um migrante) e realizo o primeiro filme (no Rio, em 1974) sobre a feira de São Cristóvão: é um simples registro, uma tentativa de dialogar com aquelas pessoas, mas tem uma interferência narrativa (eu faço um texto-comentário) e é o único que tem isso", contou o cineasta.

O segundo filme, *Boi de reis*, rodado três anos depois, também não deixava de tocar no tema da migração, registrando uma família de paraibanos que mantinha no Rio a tradição do bumba meu boi, mostrando como as relações de trabalho modificam a estrutura da manifestação popular, já que as apresentações demoravam de 30 a 40 minutos, enquanto, no Nordeste, elas aconteciam espontaneamente e costumavam virar a noite.

No início da década de 1980, ele retorna a João Pessoa para trabalhar na criação e instalação do Núcleo de Documentação Cinematográfica, da Universidade Federal da Paraíba (Nudoc-UFPB), que visava desenvolver uma política de produção de documentários e formar mão de obra especializada pelos cursos e pelos convênios internacionais. A partir dessa atuação, Manfredo realizou *Cinema paraibano — Vinte anos*, no qual discute o ciclo de cinema no estado procurando situá-lo no panorama da cinematografia nacional. Foi por essa época que Fernando Trevas, cineasta e docente na UFPB o conheceu, quando ainda era aluno do curso de Jornalismo da instituição.

"A obra de Manfredo é muito ligada à Paraíba, apesar de estar sempre muito tempo fora do estado. *Cinema paraibano — Vinte anos* é um filme muito precioso, eu sempre assisto com meus alunos em uma das disciplinas porque traz trechos de filmes e depoimentos de Linduarte Noronha, Vladimir de Carvalho, João Ramiro Mello e Ipojuca Pontes", destaca o professor de Cinema.

Fernando Trevas conta que acompanhou as filmagens de *Nau Catarineta* (1987), média-metragem sobre a manifestação cultural dos pescadores de Cabedelo (PB), e desenvolveu um estudo sobre o longa-metragem *Uma questão de terra* (1988), documentário de Manfredo Caldas sobre o problema fundiário no país, consagrado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro daquele ano e vencedor do Prêmio Margarida de Prata, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

De acordo com o próprio Caldas, em termos de linguagem, o filme aproxima-se mais de seu ideal cinematográfico, porque trabalhava com os elementos presentes no registro da filmagem sem interferir no processo intelectual da montagem com um texto comentado. "Eu trabalho com o depoimento das pessoas e procuro dar o recado com os elementos sonoros e visuais que colhi no momento da filmagem. É evidente que há uma interferência no momento em que você enquadra aquela realidade, mas o que me interessa é trabalhar com a dramaturgia natural ou popular; é tentar captar, numa relação de troca que é estabelecida durante a filmagem, a expressão mais espontânea do povo", destacou o realizador, em entrevista.

O documentarista paraibano defendia uma postura marcada pela humildade e pela abertura ao diálogo com a realidade para com as pessoas filmadas. Para ele, o compromisso do documentário estava em expressar poeticamente as questões levantadas, ampliando discussões sem, necessariamente, apresentar respostas definitivas. Uma outra preocupação de Caldas era exibir seus filmes nos locais onde foram realizados. Só assim considerava que a obra se completava.

Para o professor Fernando Trevas, a principal inspiração de Manfredo era o próprio cinema paraibano e os realizadores com quem ele convivia e com os quais trabalhou, a exemplo de Vladimir Carvalho, com quem trabalhou na produção de *Barra 68 — Sem perder a ternura* (2001) e montador em *O homem de Areia* (1981), cinebiografia de José Américo de Almeida. "Como montador, ele tinha uma influência do cinema soviético dos anos 1930, que tem a montagem como um elemento muito importante para a formação do olhar do espectador", ressalta o docente.

Vaqueiros voadores

Um dos marcos da cinegrafia de Manfredo é o longa *O romance do vaqueiro voador* (2004), documentário baseado no poema homônimo de João Bosco Bezerra Bonfim, que evoca a figura dos operários nordestinos em Brasília (DF), os candangos, na epopeia da construção da nova capital do Brasil. Estrelado por Luiz Carlos Vasconcelos no papel de vaqueiro, o filme ganhou o prêmio de Melhor Documentário no Festival Internacional de Cinema, de Toulouse, na França.

O ator paraibano lembra com gratidão e carinho do convite de Manfredo Caldas para atuar no filme. "Ele foi documentando a minha chegada no aeroporto e toda incursão de pesquisa que fizemos sobre os candangos e a construção de Brasília", recorda-se Vasconcelos. "Esses vaqueiros voadores, na verdade, eram os nordestinos que caíam dos prédios em construção e muitos de seus corpos ficavam dentro do próprio concreto. A maneira com que Manfredo conduziu todo o processo e a paixão dele em realizar aquele documentário me marcaram muito", destacou.

O jornalista, produtor e professor Lúcio Vilar, idealizador do Fest Aruanda, importante espaço para discussão e incentivo à produção audiovisual no estado da Paraíba, recorda que um dos momentos marcantes da história do festival foi a homenagem feita a Manfredo Caldas, em 2008. "A iniciativa era também uma forma de reconhecer a contribuição dele ao cinema paraibano, sobretudo por sua inventividade no campo do cinema de não ficção, vertente impulsionada pelo histórico *Aruanda*", enfatiza.

As memórias afetivas de Vilar sobre o documentarista paraibano são bem mais antigas e remontam desde a época em que era estudante e escreveu seu primeiro texto de crítica cinematográfica, que guarda com carinho até hoje, a partir do filme *Cinema paraibano — Vinte anos*. "Vejo esse fato como uma das razões que me fizeram, mais tarde, abraçar esse gênero que não descola do real", afirma Lúcio Vilar. Ele lembra, ainda, a atuação de Caldas para a formação cinematográfica, não só no Nudoc, como também na direção da Escola Internacional de Cinema e Televisão (EICTV), de Cuba.

Manfredo Caldas vivenciou a transição do cinema analógico para o digital e apesar do estranhamento no início, reconheceu o potencial das novas tecnologias para ampliar a produção cinematográfica. Radicado em Brasília, onde chegou a assumir a direção do Polo de Cinema e Vídeo, dedicou-se, nos últimos anos, a prestar consultoria artística e análise de projetos.

Ele faleceu em sua casa na capital federal, em 25 de novembro de 2016, aos 69 anos de idade.

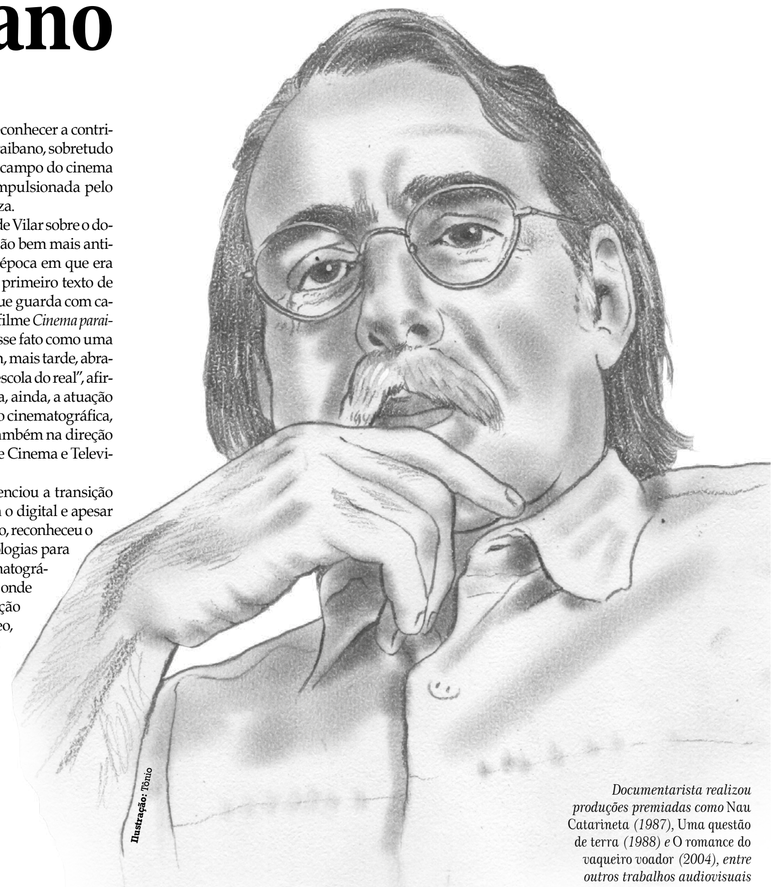


Ilustração: Tonio

Documentarista realizou produções premiadas como Nau Catarineta *(1987),* Uma questão de terra *(1988) e* O romance do vaqueiro voador *(2004), entre outros trabalhos audiovisuais*

Carlos Azevêdo Filho*

Especial para A União

Jornalismo & literatura, fronteiras abertas

Durante o pós-guerra, já nos anos 1950, um importante debate entre dois intelectuais brasileiros discutiu as relações entre jornalismo e literatura, justamente a partir de uma virada de paradigmas na qual o modelo europeu (francês) era aos poucos sendo substituído pelo norte-americano. Nessa época, em pleno processo de modernização, a imprensa brasileira foi aos poucos afastando-se da literatura, construído uma identidade profissional própria como agente de uma verdade "objetiva", portadora de uma linguagem direta, distante ao gênero literário.

Na opinião de Afrânio Coutinho (1911–2000), no prefácio da obra *A literatura no Brasil* no qual alerta que a tendência em considerar o jornalismo como um gênero literário é uma influência do romantismo alemão, que via como literatura todas as manifestações culturais de um povo. Para ele, a literatura foi lentamente, a partir de seu próprio desenvolvimento como campo, expelindo sofridamente de seu âmbito o jornalismo, a história e a filosofia. Mesmo assim, o debate parece notadamente aberto, ainda nos anos 1950, com a presença crítica de pensadores de grande porte como Antônio Olinto (1919–2009) e Alceu Amoroso Lima (1893–1983), ambos acadêmicos.

Conta-se que, certa vez, Antônio Olinto (1919–2009) estava numa redação de jornal e foi provocado a escrever uma série de pequenos artigos sobre as relações entre o jornalismo e a literatura. Prontamente, ele aceitou o desafio e escreveu um grande volume de artigos que foram, posteriormente em 1955, reunidos em um livro publicado pelo antigo Ministério da Educação (MEC) sob o título *Jornalismo e literatura*. O breve ensaio de Olinto, rapidamente, tornou-se um clássico no Brasil, uma vez que éramos carentes de um aprofundamento sobre essa questão em particular. O texto era uma verdadeira raridade nas livrarias, o que fez o escritor ainda no seu penúltimo ano de vida relançar o breve ensaio de 92 páginas, em 2008, acrescentando um capítulo final com o título "A palavra no jornalismo".

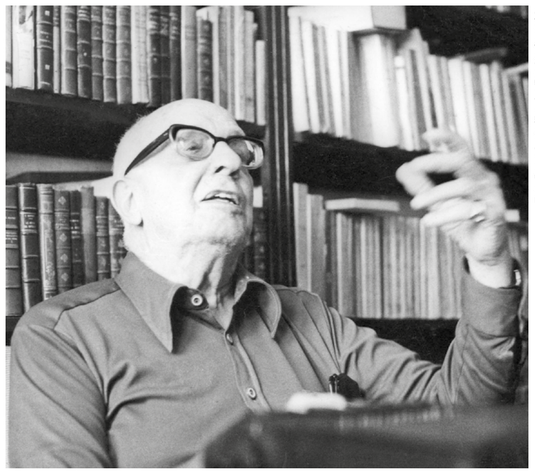


Foto: Reprodução/Arquivo Estadão Conteúdo

Fluminense Alceu Amoroso Lima , autor do ensaio O jornalismo como gênero literário

A tese principal de Antônio Olinto era de que o jornalismo era, sim, literatura, mas uma literatura submetida a uma velocidade cada vez mais acelerada. Para o pensador, o jornalismo seria uma literatura do hoje, do agora, do que acontece aos nossos olhos. Mas nem todo o jornalismo publicado em jornais poderia, na sua concepção, ser considerado literatura. Para ele, a capacidade do jornalista em domar o estilo numa situação de urgência o faz um escritor. Por isso, nem todos os jornalistas podem ser considerados literários.

O intelectual Alceu Amoroso Lima (1893–1983), que assinava também sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, três anos depois da publicação de Olinto, resolveu entrar na polêmica e lançou também o breve ensaio O *jornalismo como gênero literário* (1958), pela editora católica Agir. Dono de um intrincado arcabouço teórico, Amoroso Lima resolveu contribuir com a discussão a partir de um viés mais acadêmico, fazendo-se dialogar com os gêneros jornalísticos e literários a partir de um esquema produzido por ele mesmo para "resolver" de vez a questão. Amoroso faz um percurso teórico sobre a questão dos gêneros, fixando cada vez mais a literatura como fenômeno estético, distanciando o jornalismo de garantir sua ascensão a esse plano superior, literário. No entanto, o jornalismo "só é literatura enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão" (p. 38). Sendo assim, nada impede o jornalismo de ser considerado literatura, desde que use dentro de sua linguagem uma expressão superior, que tenha uma dimensão estética ao representar o mundo.

Longe de uma resolução sonhada de uma demarcação das fronteiras entre o jornalismo e a literatura, o debate permanece incrivelmente aberto nos dias de hoje. Acrescente-se ainda a obra de Edvaldo Pereira Lima, professor da USP, que estudou a questão do jornalismo literário nos anos 1970, no Brasil. Visando fugir da censura, os jornalistas da época invadiram novamente o campo literário em forma de "páginas ampliadas", na qual o livro vira uma extensão do jornalismo e da literatura. Mas isso é assunto para um outro texto.

■■■■

(*) Excepcionalmente hoje, não teremos a coluna da jornalista Angélica Lúcio, que retornará no próximo domingo, dia 1º de novembro.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A preservação do cancioneiro da MPB (I): Vicente Celestino e Gilda de Abreu (2)

Não é por acaso, sem razão ou por mera casualidade que Gilda (de) Abreu (Paris, França, 1904–Rio, 1979), aparece nesta galeria de preservação da MPB.

Ela, que era cineasta, atriz, cantora lírica de operetas (soprano), radialista e escritora, de certa forma, ajudou a sedimentar a carreira artística de Vicente Celestino, levando-o ao teatro e ao cinema e, obviamente, fazendo-o incorporar-se ao estilo musical que o fez tornar-se "A voz orgulho do Brasil".

Gilda era considerada uma artista franco-brasileira, filha de mãe portuguesa, Nícia Silva de Abreu, que era cantora lírica. O pai dela era médico e diplomata, o que o fazia pertencer a uma família burguesa católica de prestígio. O fato de haver ela nascido em Paris deve-se justamente à atividade diplomática do pai que exercia atividades na Europa. Consta haver ela sido batizada no Rio, com a idade de quatro anos, após o que regressou para a capital francesa, onde viveu a primeira infância. Somente com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), Gilda foi trazida ao Brasil, passando a residir em definitivo no Rio de Janeiro, na companhia de seus avós paternos, mas continuando sendo educada nos moldes europeus.

Em 1922, aos 18 anos, ingressou no Instituto Nacional de Música, formando-se em canto lírico, chegando a conquistar, ao fim do curso, em 1927, uma medalha de ouro, pela brilhante passagem pelo estabelecimento educacional.

Sua carreira artística teve início como cantora lírica, embora sua preferência fosse o teatro, cujos ramos não seguiu em face de, conforme a tradição de uma família nobre, ser esta uma atividade mais adequada as moças de "vida mais livre".



Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

Vicente Celestino em uma cena do filme O ébrio *(1946), baseado na sua canção homônima*

Somente com a morte dos pais e avós, ela buscou se realizar no teatro, tanto é que, somente em 1933, ela estrearia como protagonista de uma opereta — *A canção brasileira*, de autoria de Luís Iglésias, Miguel Santos e Henrique Vogeler —, cujo primeiro ato foi escrito por ela. Daí em diante, voltou a escrever e protagonizar outras obras teatrais.

O casamento com Vicente Celestino aconteceu em 1933, quando ela já estava com 29 anos. O conhecimento e afeição entre ambos iniciou-se quando eles contracenaram na peça teatral *A canção brasileira*. O casamento durou até a morte dele, em 1968, e o casal não teve filhos. A título de curiosidade: o falecimento dele, vitimado por problemas cardíacos, inveterado fumante que era, aconteceu, em São Paulo, no Hotel Normandie, quando estava de saída para participar, como convidado, de um *show* com Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Três fatores tornaram-se fundamentais em uma convivência familiar, social e, sobretudo, artística: primeiro, a vivência do casal, quando das atividades teatrais e artísticas iniciais; o segundo está vinculado à atividade cinematográfica dela, sobre a qual falaremos em seguida; terceiro, ao fato de que Gilda, como escritora e poetisa, muito impulsionou a atividade musical e também poética e criativa dele, quando da elaboração temática das canções por ele sugeridas, se é que me entendem...

Na realidade, a simbiose entre os dois, pelo menos para os leigos no assunto, aconteceu com vinculações cinematográficas. Antes, em 1936, Gilda havia estreado no cinema, como personagem do filme da Cinédia — *Bonequinha de seda* —, de Oduvaldo Viana, cujo enredo foi baseado na vida da própria Gilda (de) Abreu. Foram dois os filmes dirigidos por Gilda, tendo como ator protagonista Vicente Celestino: em 1946, foi lançado O *ébrio*, com enredo baseado em canção dele e, em 1951, também dirigido por ela, estreou o filme *Coração materno*, ambos baseados em canções homônimas dele. Os *scripts* já haviam sido apresentados como peças teatrais, em 1941 e 1947, respectivamente, e, no caso de O *ébrio*, o texto havia sido transformado também em novela pela extinta TV Paulista, em 1965, com ele no papel principal. Esses filmes, chegaram a bater recordes de bilheteria quando exibidos em cinemas do Brasil, até fins da década de 1950. O primeiro filme em que Gilda surge, como diretora, aconteceu em 1937 — *Alegria*.

Embora em menor proporção, Gilda participou de algumas gravações de Vicente Celestino, tanto oferecendo sugestões, como fazendo parte de *brackings* vocálicos, como aconteceu em "Ouvindo-te" (1935). (Existe também uma versão em disco, na qual o *backing* vocálico foi gravado por Dalva de Oliveira.)

Após a morte de Vicente Celestino, Gilda ainda produziu e dirigiu o curta-metragem *Canção de amor*, em homenagem ao cantor. Casou-se, então, com o professor José Spintto, com quem fundou o Centro Cultural Artístico Nícia Silva, em homenagem à mãe.

Sua morte aconteceu em 1979, em decorrência de uma trombose cerebral.

TECNOLOGIA

TikTok ignorou alertas de exploração infantil

Segundo documentos judiciais, houve falhas de segurança envolvendo menores

Agência Estado
e Europa Press

Funcionários do TikTok alertaram seus superiores sobre os riscos de exploração sexual infantil e de acesso a conteúdo prejudiciais aos quais a plataforma expunha os usuários menores de idade, além de alertar sobre as falhas na verificação de idade, sem que medidas fossem tomadas a respeito, de acordo com declarações coletadas em documentos judiciais.

O processo judicial que a TikTok enfrenta nos Estados Unidos desde 2022, devido aos possíveis danos que o *design* da rede social causa a menores de idade, permitiu conhecer as declarações de vários funcionários obtidas em março de 2026, com base em documentos judiciais não divulgados anteriormente, aos quais a NPR teve acesso.

As declarações são de Reagen Maher, que ocupou altos cargos nas áreas de segurança e investigações na empresa de tecnologia no período de 2021 a 2024, e de Eric Han, que foi chefe de segurança do TikTok de abril de 2019 a junho de 2023, entre outros funcionários.

A partir desses depoimentos, vieram à tona os problemas de segurança envolvendo menores denunciados internamente, que os altos executivos não abordaram apesar das advertências feitas e que incluem exploração sexual infantil e falhas na verificação de idade.

Em 2021, a empresa introduziu mudanças nas contas de usuários menores de 18 anos para reforçar a privacidade, com um nível maior de restrição voltado para usuários de 13 a 15 anos, cujas contas foram configuradas como privadas por padrão. Entre outras medidas, foram desativados o envio e o recebimento de mensagens diretas, os *downloads*, os comentários a desconhecidos e a possibilidade de fazer transmissões ao vivo.

Mesmo assim, os menores encontraram maneiras de contornar essas restrições, seja registrando uma conta por meio de serviços como o Facebook e o Google, seja informando uma data de nascimento falsa. Eles também aprenderam a desvincular suas contas do sistema de vinculação familiar introduzido em 2020.

Isso resultou na presença de menores em vídeos ao vivo. Somente em janeiro de 2022, foram detectados usuários de 13 a 15 anos em 112 mil transmissões ao vivo, o que os expôs a predadores sexuais e à exploração infantil.

De acordo com o depoimento dos funcionários nos documentos judiciais apresentados em março, adultos utilizaram os "presentes" (uma forma de moeda virtual na rede social) enviados aos criadores durante as transmissões ao vivo para pagar aos menores, promovendo material de abuso sexual infantil e expondo a empresa ao lucro proveniente de um crime, pela parcela que recebeu desses pagamentos regulamentados.

Esse caso foi abordado pela *Forbes* em um artigo de 2022, no qual foi relatado que menores de idade haviam se despido no recurso TikTok Live em troca desses presentes, embora a empresa já estivesse ciente desse problema.

A esse respeito, em uma conversa com um colega de trabalho em um *chat* interno, Reagen Maher afirmou: "A alta administração está ciente desse problema. Há alguns projetos em andamento para resolvê-lo parcialmente e, francamente, espero que esse artigo impulsione outras possíveis soluções".

Outro dos riscos abordados é o da exposição de menores a conteúdo prejudicial, o que inclui assuntos relacionados ao suicídio, à automutilação ou à imagem corporal. Nesse caso, referem-se a falhas no algoritmo que fazem com que o mesmo conteúdo seja exibido repetidamente aos usuários.

Eric Han afirmou em suas declarações que percebeu o problema em abril de 2020 e chegou a escrever em um relatório interno daquele mesmo ano sobre a existência de um "verdadeiro efeito de contágio. Ideação e comportamento suicida, além da forma como se fala sobre isso na plataforma".

Além disso, em um rascunho da *Revisão anual da política de segurança para menores*, também de 2020, estão incluídas várias declarações de Han, nas quais ele enfatizava que "as redes sociais são inerentemente perigosas e todos os menores estão em risco quando interagem na plataforma" e que "a segurança dos menores é uma questão urgente que devemos abordar de forma eficaz".

O TikTok não é a única rede social que enfrenta uma ação judicial por seu *design* viciante para menores, já que o Google e o Snap também estão envolvidos em processos judiciais semelhantes. A Meta, outra das empresas processadas, concordou em agosto em pagar cerca de 18 bilhões de dólares e incorporar medidas que protejam os adolescentes, que se tornarão um padrão para o setor, a fim de evitar a continuação do processo.

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Terra (1) = pó + terra (2) = eira. Solução: terra (3) = poeira.

Charada de hoje: O mingau (2) que era servido com a infrutescência (2) dizia-se ser o alimento preferido pelo assombroso personagem que nos amedrontava na infância (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!



Foto: Hélvio Romero/Agência Estado

Linguagens que ajudam a desenvolver competências essenciais na escola

A capacidade de resolver problemas, comunicar ideias, trabalhar em equipe e utilizar tecnologias de maneira crítica está entre as competências fundamentais para a formação dos estudantes. De acordo com a empresa Fazer Educação, o desenvolvimento dessas habilidades passa pela ampliação das experiências de aprendizagem e pela valorização de diferentes formas de expressão, que vão da leitura e da escrita às artes, às tecnologias digitais e às atividades corporais. Vejamos a seguir alguns pontos, da arte à tecnologia.

Linguagem artística

Desenho, pintura, música e outras manifestações artísticas oferecem oportunidades para que os estudantes experimentem diferentes formas de expressão, desenvolvam a criatividade e ampliem seu repertório cultural. Na escola, atividades como a criação de ilustrações a partir de histórias, a produção de murais coletivos e a exploração de ritmos musicais podem estimular a imaginação, a comunicação de ideias e a capacidade de trabalhar em grupo.

Linguagem verbal e literária

A leitura, a escrita, a oralidade e o contato com diferentes gêneros textuais são fundamentais para o desenvolvimento da comunicação e da capacidade de interpretar informações, construir argumentos e compartilhar conhecimentos. Rodas de leitura, debates, produção de jornais escolares e atividades de contação de histórias são exemplos de práticas que podem ampliar o repertório dos estudantes e estimular sua participação nas atividades escolares.

Linguagem digital

O uso pedagógico de recursos digitais pode ampliar as possibilidades de pesquisa, criação e colaboração entre os estudantes. Ferramentas de produção audiovisual, atividades de programação e projetos que envolvem tecnologias digitais permitem explorar diferentes maneiras de investigar problemas e apresentar soluções. Uma possibilidade é propor que os alunos pesquisem um desafio da comunidade escolar e produzam um vídeo, *podcast* ou apresentação digital para compartilhar suas descobertas e possíveis soluções.

Linguagem corporal

O movimento, a dança, o teatro e os jogos coletivos também são formas de expressão e aprendizagem. Essas atividades permitem que os estudantes explorem a comunicação não verbal, a percepção do próprio corpo e as relações com os colegas. Dinâmicas teatrais, jogos cooperativos e atividades que envolvem a criação coletiva de movimentos podem estimular a escuta, o respeito às diferenças, a colaboração e a capacidade de lidar com desafios em grupo.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cabelo de Deus; 2 – barba; 3 – cauda do pássaro; 4 – manchas da cobra; 5 – língua da cobra; 6 – maçã; 7 – nota musical; 8 – orelha do coelho; e 9 – olho da Eva.

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Trata-se de uma nova época geológica marcada pelo impacto direto, profundo e muitas vezes irreversível da atividade humana sobre o planeta. Essa hipótese científica baseia-se na suposição de que, tal como o clima, a biodiversidade, os mares, os oceanos e a própria Terra, as pessoas tornaram-se um fator no sistema global.

Uma nova era geológica em andamento?

Apesar de ter sido rejeitado oficialmente como uma nova fase, o conceito tem sido cada vez mais utilizado por estudiosos e pesquisadores das ciências sociais e humanas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

"O clima está louco!". A frase parece ter se tornado parte das conversas diante do calor intenso ou da chuva fora de época. Em algumas regiões, os casos tornam-se mais graves com a estiagem prolongada ou com as precipitações intensas que fazem a água inundar ruas e cidades inteiras. A sensação é de que o tempo perdeu o compasso. Mas será que é apenas impressão? Os dados indicam que não. Segundo o Serviço Copernicus para as Alterações Climáticas (C3S), o ano de 2024 foi o mais quente da história mundial, chegando a ultrapassar, pela primeira vez, a marca de 1,5 °C acima dos níveis pré-industrialização (1850 e 1900).

Há algum tempo, a comunidade científica tem considerado que não se pode mais explicar esses e outros fenômenos como episódicos. O planeta no qual vivemos está, de fato, mudando. Desmatamento, perda da biodiversidade e poluição de mares e rios estão na lista das causas. Trata-se, portanto, da ação humana. A discussão tem ganhado relevância a ponto de se propor uma nova época geológica: o antropoceno.

"A ideia do antropoceno vai destacar que a ação da humanidade alterou os processos biológicos do planeta, que até então demoravam milênios para que ocorressem mudanças estruturais", explica Águida Almeida, professora do curso de Economia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Apesar do conceito ter sido rejeitado como uma nova fase da Terra pela União Internacional de Ciências Geológicas, ele tem sido cada vez mais utilizado por pesquisadores das ciências sociais e humanas, a exemplo da professora universitária, que vem investigando as relações entre economia, sociedade e meio ambiente. "Nós temos comprometido o equilíbrio dos diversos sistemas naturais que compõem a vida no planeta, e a tendência é que isso se agrave e se encaminhe para um colapso ambiental", afirma Almeida.

A pesquisadora relata que o antropoceno se constituiria em três fases: a primeira, da Revolução Industrial até o pós-Segunda Guerra Mundial; a segunda, do pós-Segunda Guerra Mundial até o fim do século 20; e a terceira fase, que tem início no século 21. Em todas elas, estão presentes a crescente extração de recursos da natureza e o descarte de grande quantidade resíduos e numa velocidade que não permite à natureza se regenerar. "Mais de 80% do petróleo mundial foi queimado após a década de 1980. A gente emitiu tanto CO_2, a ponto de mexer com o ponteiro do clima", alerta a economista.

Apesar de reconhecer a validade do antropoceno, tanto Águida Almeida quanto outros pesquisadores não deixam de tecer críticas a ele. A principal delas faz referência ao termo "*antropos*" e à ideia de uma humanidade genérica, que não distingue responsabilidades históricas, assim como os beneficiados e impactados diretamente com a atual crise ambiental. Para Luan Oliveira, antropólogo e professor de Ciências Sociais da UFCG, quando se diz que "a humanidade" causou a crise, corre-se o risco de atribuir a mesma responsabilidade a quem destrói territórios para extrair riqueza e também a quem luta para permanecer neles. "Não contribuímos todos da mesma maneira para a crise, nem sofremos igualmente seus efeitos', argumenta o antropólogo.

Mas então quem (ou o que) seria o verdadeiro agente causador da transgressão dos limites biogeofísicos do planeta? As respostas são diversas e apontam para os conceitos críticos ao antropoceno: o sistema socioeconômico capitalista (capitaloceno), o modelo de desenvolvimento industrial adotado pelas nações ocidentais (ocidentaloceno), o sistema colonial baseado nas grandes plantações de monocultura e no trabalho escravizado (plantatioceno), ou ainda, numa perspectiva mais de resposta ao tempo presente/futuro necessário para curar o planeta (chthluceno).

"Pessoas, países, sociedades e classes têm pesos diferentes nesse processo de modificação do planeta, que seria o antropoceno: essa é uma das grandes críticas que faz ao conceito. Ainda assim, ele serve para promover o debate e chamar atenção para esse processo de intervenção. Antes, o ser humano já intervia nos ciclos naturais do planeta, mas, depois desse marco, a intervenção passou a outro patamar, porque nossos processos humanos, sociais, econômicos e industriais conseguiram modificar a temperatura do planeta. E isso não é pouca coisa", reflete o historiador ambiental Danilo Menezes, que também desenvolve pesquisas sobre o tema.

Para além da falta de consenso em torno do termo "antropoceno", há também divergências sobre quando se daria o início, ou seja, quando a temperatura da Terra começou a ser modificada pela ação humana (ou de parte dela). O capitaloceno, por exemplo, desloca esse marco temporal da revolução industrial europeia, na segunda metade do século 19, quando se passou a usar os combustíveis fósseis com mais intensidade, para o período colonial no século 15, com as grandes navegações. Ainda que seja mais simpático a essa última datação, Danilo Menezes não considera essa uma questão fundamental. "O mais relevante é o conceito enquanto determinador de um marco humano e planetário", defende.

As relações entre a humanidade e a natureza dão o que pensar. Como delimitar historicamente um tempo que ainda estamos vivendo e cujos efeitos continuam em curso? O capitaloceno ajuda a compreender a crise ecológica ou apenas substitui a narrativa totalizante — da humanidade como responsável para o capitalismo como causa de tudo? Se há uma capacidade humana para transformar a natureza em escala global, ela poderia ser redirecionada para sua regeneração? O convite desta edição, de alguma maneira, é também o da bióloga e filósofa feminista americana Donna Haraway: ficar com o problema, aceitar a vulnerabilidade e a complexidade do presente, sem cair em armadilhas como o fatalismo ou a promessa de salvação milagrosa.

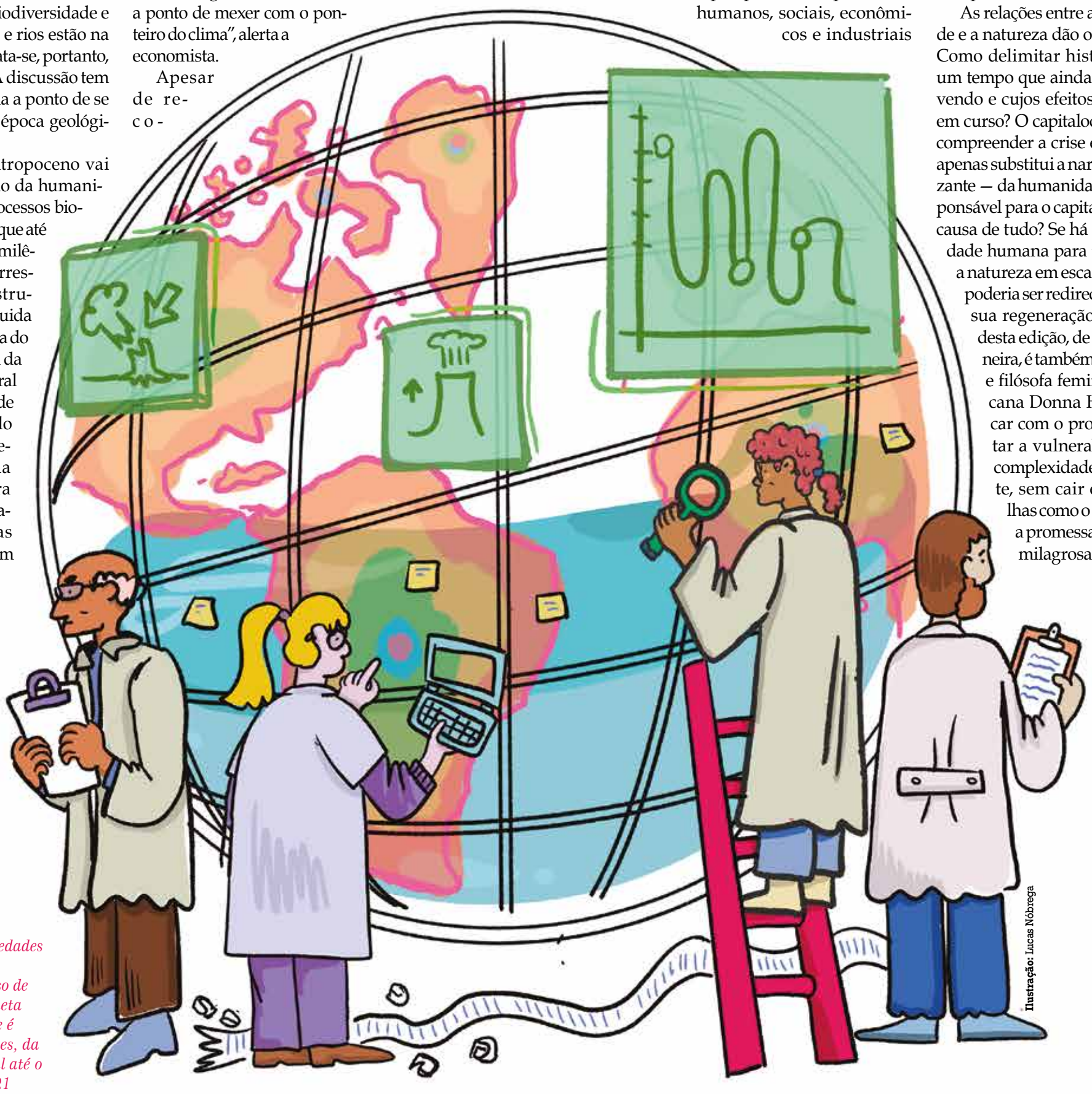


Ilustração: Lucas Nóbrega

Pessoas, países, sociedades e classes têm pesos diferentes no processo de modificação do planeta no antropoceno, que é dividido em três fases, da Revolução Industrial até o início deste século 21

HISTÓRIA AMBIENTAL

Nordeste nasce com o antropoceno

Colonização do litoral brasileiro promoveu uma virada de chave nas relações entre a sociedade e a natureza

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A história da Terra foi marcada por grandes ciclos de transformações climáticas, geológicas e biológicas. O mundo como o conhecemos hoje nasceu há cerca de 66 milhões de anos, com a diversificação de mamíferos, a expansão das aves, o resfriamento global e o surgimento dos primatas, que deram origem ao *Homo sapiens*, nome científico dado ao humano moderno. O clima favorável ao desenvolvimento da agricultura e ao aparecimento das primeiras civilizações, no entanto, só foi possível há 11,7 mil anos, após o aumento da temperatura global, o recuo das geleiras e a subida do nível dos oceanos, que demarcam o início da época geológica chamada "holoceno".

Para muitos estudiosos, mudanças dessa ordem estariam em curso desde a Revolução Industrial, inaugurando o antropoceno, época marcada pela ação humana em escala global que afeta o clima e a biodiversidade por meio da emissão de gases de efeito estufa. Apesar do termo ter sido utilizado ainda na década de 1980 pelo biólogo norte-americano Eugene Stoermer, ele só se tornou conhecido nos anos 2000, por intermédio do cientista atmosférico holandês e vencedor do Nobel de Química de 1995, Paul Crutzen.

A ideia de uma nova época geológica, no entanto, não foi aceita formalmente pela União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS). O grupo encarregado dessa avaliação considerou que seria necessário encontrar um "prego de ouro", isto é, um marcador físico cravado em rochas capaz de definir limites entre diferentes épocas ou períodos da história da Terra. Embora o carbono antropogênico esteja presente em sedimentos desde os anos 1850 e vários componentes químicos — como radionuclídeos de testes nucleares, partículas de plástico e cinzas industriais — tenham sido encontrados em muitos pontos do planeta, os geocientistas levantaram questionamentos sobre o início dessas transformações e a caracterização de uma época em um curto espaço de tempo: apenas 75 anos.

O historiador e doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Danilo Menezes, adotou o antropoceno como perspectiva teórica durante seu mestrado e afirma se tratar de um conceito muito rico e potente, sobretudo para a História Ambiental. "O antropoceno foi apropriado por muitas áreas, especialmente as humanidades e as ciências ambientais, e traz à tona um problema que é a capacidade do ser humano para intervir e destruir os ciclos naturais", destaca.



Foto: Arquivo pessoal

O antropoceno funda o Nordeste e cria o Brasil no período colonial. E a Paraíba vem um pouquinho depois, em 1585, nesse mesmo contexto de virada de chave

Danilo Menezes

A História Ambiental é um campo da historiografia relativamente novo, desenvolvido academicamente nos anos 1970, nos Estados Unidos, fortemente influenciado pelos movimentos ambientalistas e pela crise ecológica. Segundo Menezes, o principal objeto dessa disciplina é a compreensão das relações dos seres humanos com a natureza, numa perspectiva histórica em diálogo com diferentes áreas do conhecimento para tratar de questões como a transformação dos biomas, a urbanização, a infraestrutura energética e os saberes de diferentes culturas, épocas e grupos sociais.

"A História tenta responder, de alguma forma, aos problemas do tempo presente, mas estudando o passado como meio para compreendê-lo. Se compararmos o período atual com os processos desenvolvidos na Idade Antiga e Idade Média, há uma distinção do modo de relacionamento do homem com a natureza", aponta o pesquisador, para reforçar como a perspectiva do antropoceno faz sentido.

Apesar de não se ater ao conceito de capitaloceno, que propõe as Grandes Navegações como marco temporal das mudanças na relação homem-natureza, Danilo defende que o Brasil, e sobretudo o Nordeste, é uma criação do antropoceno. A invasão europeia do território, até então habitado por povos que nele viviam há milhares de anos, instaurou uma nova forma de lidar com o espaço geográfico.

"Quando o europeu invadiu e colonizou o litoral do Nordeste do Brasil, promoveu uma virada de chave nas relações entre sociedade e natureza, impondo um novo modo de ver o mundo e se relacionar com o ambiente e seus recursos. O Nordeste, como a gente entende hoje, nasce com o antropoceno. O antropoceno funda o Nordeste e cria o Brasil no período colonial. E a Paraíba vem um pouquinho depois, em 1585, nesse mesmo contexto de virada de chave", argumenta o historiador.

Danilo faz questão de salientar a diferença entre os povos indígenas e o colonizador nos modos de perceber e se relacionar com a natureza. Onde os primeiros enxergavam sustento para a sua existência, o colonizador via recurso: a mata transformou-se em combustível para abastecer com lenha as primeiras indústrias a vapor, e o solo devastado passou a servir às monoculturas de cana-de-açúcar. E a floresta tem um papel fundamental. Dados do *Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica*, elaborado pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), evidenciam de forma expressiva essa transformação histórica da paisagem brasileira: o país possui atualmente 24% da cobertura original do bioma, metade desse percentual corresponde a florestas maduras e bem preservadas, com fragmentos mais intactos.

Danilo Menezes chama atenção para o fato de que a natureza não é sinônimo de recurso natural. Essa compreensão é parte da lógica colonizadora de exploração do ambiente que se estende também aos sertões, só que com algumas nuances. Na Paraíba, a ocupação colonial do interior vem com a criação de gado, a comercialização do couro e o cultivo de algodão, elementos presentes no brasão do estado. "Como o clima do Sertão é mais seco e a vegetação da Caatinga é um pouco mais frágil em comparação a uma floresta úmida, ela tem mais dificuldade de se regenerar sozinha. Mas tanto a devastação das matas litorâneas como a interiorização e a devastação da Caatinga são parte do mesmo processo do antropoceno", reitera o pesquisador.

As previsões de alguns pesquisadores são de que o antropoceno estaria na sua última fase, vivendo no limiar do esgotamento das condições físicas, químicas e biológicas do planeta. De alguma forma, Danilo Menezes parece estar ligado a essa perspectiva. Ele admite ser um pessimista, apesar de estudiosos indicarem que haveria uma outra etapa do antropoceno, de reação do ser humano para garantir a sobrevivência de sua espécie. Quando observa o presente e vê a crescente acumulação de bens, a concentração de capital e o avanço de teorias negacionistas, e analisa em escala os processos históricos e padrões destrutivos do ser humano se intensificando, não consegue se manter otimista.

As críticas ao antropoceno em torno da ideia de uma humanidade única, sem considerar as diferenças culturais e sociais é o que permite ao historiador nutrir alguma ponta de esperança. Ele não acredita em soluções mágicas como *greenwashing*, propostas de desenvolvimento sustentável ou correntes tecnicistas que venham de quem está no poder. Aposta mais na força de movimentos de ambientalistas que se insurgem contra o modelo hegemônico.

"Estamos num período histórico perigosíssimo, no auge desse processo de destruição. E não é somente o canudinho de plástico que está destruindo o planeta nem o banho de mais de cinco minutos que vai secar os rios. Todo mundo precisa fazer a sua parte, mas as grandes corporações do capital, que estão por trás de todo esse processo destrutivo, precisam ser modificadas. É matemática básica: você tem um planeta com uma quantidade X de recursos; se você cresce indefinidamente, e quer usar cada vez mais recursos, em algum momento a conta não vai bater. E não tem outro planeta", defende.

LIVROS PARA SE APROFUNDAR NO TEMA:



Imagem: Divulgação/Ed. Elefante

■ ***Capitaloceno***, de Francisco Serratos
(Editora Elefante)
Debate a crise ambiental atual e sua relação com o sistema capitalista, baseado na exploração intensiva da natureza e dos recursos naturais, e como ele coloca em risco o equilíbrio do planeta e a vida humana.

■ ***A primavera silenciosa***, de Raquel Carson
(Editora Gaia)
Discute as graves consequências da contaminação química nos Estados Unidos, provocada pelo uso indiscriminado de pesticidas, que ameaçam fauna e flora e colocam em risco a saúde humana, de modo a evidenciar os impactos ambientais de um progresso sem controle.

■ ***Perspectiva ecológica da modernização chinesa***, de Zhang Yongsheng
(Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois/Cebrach)
Apresenta a modernização chinesa no contexto do 15º Plano Quinquenal do país e explica o conceito de Civilização Ecológica, tecendo críticas aos impactos destrutivos da civilização industrial e ao modo de produção capitalista.

■ ***Ideias para adiar o fim do mundo***, de Ailton Krenak
(Companhia das Letras)
Critica a relação destrutiva entre os seres humanos e a natureza, origem do desastre socioambiental de nossa era, propondo o reconhecimento da diversidade dos seres como caminho para frear a marcha em direção ao abismo.

■ ***Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno***, de Donna Haraway
(N-1 Edições)
Propõe construir relações de interdependência entre seres humanos, animais e meio ambiente, defendendo a responsabilidade coletiva para enfrentar as crises ecológicas e a criação de futuros compartilhados.

■ ***Notícias do oco do mundo: cartas para uma antropolítica da educação***, de Luan Oliveira
(Editora Caravela Cultural)
Aprofunda a relação entre os saberes científicos e os saberes da tradição, a partir das histórias narradas por Robson Marques, conhecido como o "Velho do Rio", e das pegadas de dinossauros no município de Sousa, no Alto Sertão paraibano.

CAPITALOCENO

Uma parcela é culpada pelas crises

Conceito define as atuais instabilidades climática e ambiental como resultado direto do sistema capitalista

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quando paramos para pensar no poder da espécie humana de interferir nas dinâmicas do planeta a ponto de demarcar, em pouco tempo, uma época geológica, a professora do Curso de Economia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Águida Almeida, fica espantada. Como vem se debruçando a aprofundar temas em torno da economia brasileira, desenvolvimento socioeconômico e meio ambiente, ela compreende que com a atual estrutura econômica, baseada na crescente produção de mercadorias e dependência de energias fósseis, não haveria outro caminho.

"É impressionante como, em um período muito curto, tivemos mudanças tão estruturais, sobretudo se considerarmos que a Revolução Agrícola foi há 10 mil anos. Como é que, dois ou três séculos depois da Revolução Industrial, nós simplesmente alteramos todo o sistema de autorregulação do planeta?", questiona-se. A resposta que encontra está no modelo capitalista, que considera totalmente incompatível com a sustentabilidade do planeta.

É por isso que, mesmo reconhecendo que o conceito de antropoceno tem sido o mais difundido para compreender a crise climática, considera essa abordagem universalizante, apolítica e ahistórica. Para a pesquisadora, ainda que não sejam amplamente aceitas, as ideias em torno do capitaloceno oferecem uma contribuição interessante para pensar a crise que se vive hoje, associada mais diretamente ao sistema capitalista.

Segundo o capitaloceno, os processos de transformação da natureza não são atribuídos a toda a espécie humana, e, sim, a uma parcela da humanidade, mais precisamente aos europeus ricos, que concretizaram seu projeto de dominação e poder com as grandes navegações. Nesse caso, o marco da "nova época geológica" recuaria um pouco mais na linha do tempo para se situar por volta de 1450, quando teve início a expansão colonial europeia, marcada pela expropriação de territórios, exterminação das populações nativas e exploração de seus recursos.

Águida Almeida explica que, segundo Jason Moore, um dos principais teóricos contemporâneos que desenvolve o conceito de capitaloceno, a primeira marca desse período seria a ideia de natureza barata. Trata-se de uma estratégia histórica do capitalismo para acumular riqueza, desvalorizando sistematicamente trabalho, energia, alimentos e matérias-primas. As práticas de extração de recursos da natureza e uso de mão de obra escravizada pelos europeus para produção de grãos nos territórios colonizados constituem o *modus operandi* desse sistema econômico.

Para dar suporte a essa exploração, no capitaloceno estimula-se o pensamento dualista, baseado na ciência positivista que prega a cisão entre a natureza e a sociedade. "Até então, nossa espécie se via como parte integrante da natureza, de algo maior. Com a ciência positivista, a ideia é que a natureza existe para nos servir, e a inteligência humana, para se sobrepor a ela. Daí, a rejeição ao modo de vida dos povos originários, que até hoje procuram viver em harmonia com a natureza", argumenta a pesquisadora, que vê também nos povos indígenas uma possibilidade de reconstituição dessa relação.

De acordo com a economista, a inovação técnica é outro elemento fundamental utilizado pelo capital para transformar radicalmente o planeta e a sociedade. Ao longo da história, a humanidade mudou a forma de cultivar a terra, passando de uma agricultura de subsistência para uma produção em larga escala, quando introduziu o maquinário pesado, depois fertilizantes químicos e, mais recentemente, sementes transgênicas.

A exploração predatória da mineração, com novas técnicas de extração, assim como as formas de organização do trabalho, desde a divisão técnica de tarefas, com a máquina a vapor, até a fragmentação e fluidez da "uberização" contemporânea, são também parte do processo que redefine o modo de controle do tempo humano para maximizar a eficiência, reduzir custos laborais e, muitas vezes, precarizar as relações de trabalho.



Foto: Arquivo pessoal

Como é que, dois ou três séculos depois da Revolução Industrial, nós simplesmente alteramos todo o sistema de autorregulação do planeta?

Águida Almeida

"O capitaloceno dá nome aos bois e faz justiça histórica, como afirma Francisco Serratos. Ele tira o fardo da crise da humanidade como um todo e aponta, de fato, quem são os verdadeiros culpados de todo esse colapso ambiental pelo qual estamos passando. É muito injusto universalizar as consequências desse processo, até porque a maior parte dos humanos vivem em vidas materialmente com muito pouco para que lhe seja atribuída a culpa dessa crise toda", defende Águida Almeida.

Identificar os responsáveis pelos processos de destruição da natureza tem um propósito: barrá-los e revertê-los. O problema, para a docente de economia, é que aqueles que controlam a economia global e possuem o poder de decisão para interromper a crise planetária não se veem em risco. Ela explica que há uma razão para isso: no caso de um possível escalonamento do aquecimento global, ao contrário da maioria da população mundial que não possui boas condições financeiras, uma minoria de super ricos teriam bem mais facilidade para se deslocar, já que muitas localidades podem se tornar inabitáveis, mas a vida no planeta não seria, de todo, inviável. Esse pequeno grupo já começou a pensar, inclusive, na possibilidade de encontrar um "novo planeta", onde poderiam continuar a mesma lógica de exploração, como ocorreu com as colônias do Novo Mundo.

A manutenção desse modelo de exploração passa, como ocorreu em tempos idos, pela disputa em torno do conhecimento científico. É nesse sentido que se alimentam correntes como o negacionismo climático, que atua para evitar as pressões de grupos e movimentos da sociedade por mudanças estruturais na economia. Como observa Águida Almeida, a disseminação dessas narrativas costuma atender a interesses corporativos, contribuindo para descreditar evidências e deslegitimar o consenso científico, adiando medidas efetivas para enfrentamento da crise climática.

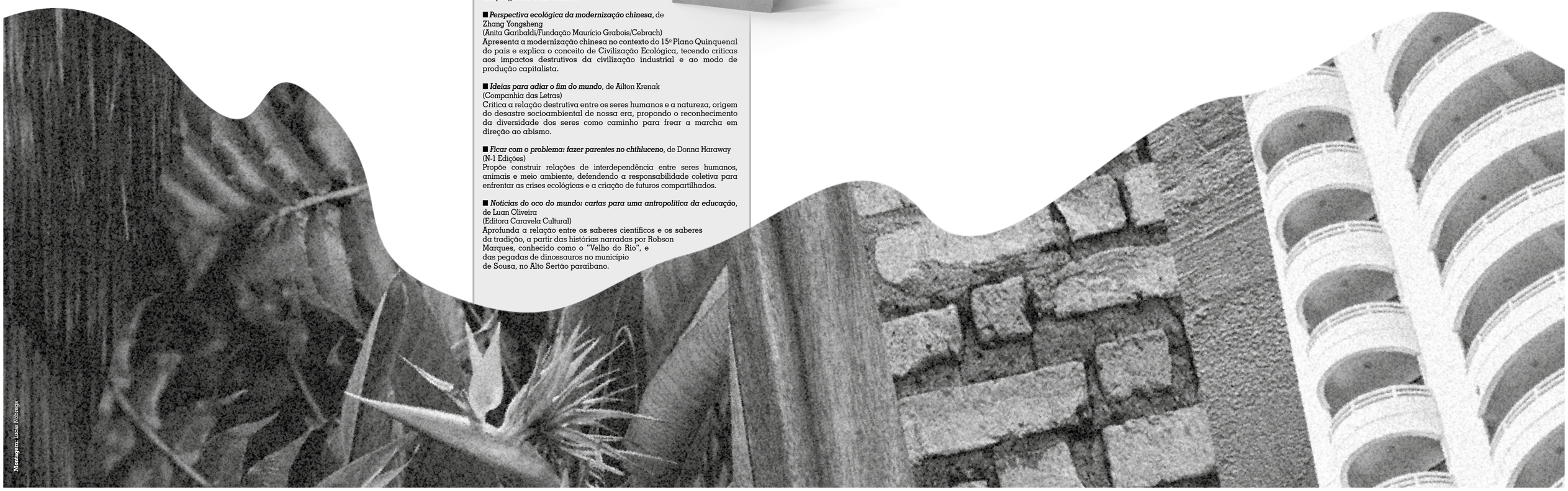
Uma luz que vem do Oriente

Após décadas de conferências climáticas e compromissos internacionais, como o Acordo de Paris, firmado em 2015, a distância entre as metas anunciadas e as ações efetivas dos governos permanece um dos principais obstáculos ao enfrentamento da crise ambiental. Para a professora Águida Almeida, a inércia dos países ocidentais e das corporações contrasta com a urgência apontada pela comunidade científica. Embora mobilizados, movimentos sociais e organizações ambientalistas dispõem de pouco poder de decisão. É nesse cenário que a experiência chinesa ganha relevância em suas reflexões. Não se trata, alerta a pesquisadora, de uma solução definitiva, mas de um contraponto à lentidão das respostas políticas e econômicas que têm predominado no Ocidente.

Sob a liderança do estado, a China vem ampliando os investimentos em energia solar e eólica, desenvolvendo tecnologias de armazenamento e transmissão de eletricidade, expandindo a produção de veículos elétricos e adotando medidas de combate à poluição e de recuperação ambiental. O país também estabeleceu como metas atingir o pico de suas emissões de dióxido de carbono antes de 2030 e alcançar a neutralidade de carbono antes de 2060.

Para a economista e professora da UFCG, o aspecto mais significativo dessa transformação é a compreensão de que a proteção ambiental não precisa ser tratada como um entrave ao desenvolvimento econômico, apesar de permanecerem desafios como os impactos da mineração e os custos socioambientais da infraestrutura energética. Além da descarbonização da economia, essa transição exige também a revisão dos padrões de produção e de consumo.

Os avanços chineses representam, então, uma luz no fim do túnel, pois apontam para a possibilidade de articular ação estatal, conhecimento científico e transformação tecnológica para outros rumos. Conforme sintetiza a professora: "A crise é grave? É sim, é verdade, mas nós temos saídas. Só que precisamos construí-las e não ficar apostando no modelo que está levando a gente ao colapso. Para isso, é preciso esclarecer a sociedade sobre essa realidade, porque quando você sabe, você muda, não se consegue mais ser a mesma pessoa", define Águida Almeida.



Montagem: Lucas Nóbrega

CHTHLUCENO

Terra não é um estoque inesgotável

Ideia aponta que todas as formas de vida estão conectadas e que é preciso construir relações entre as espécies

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

É possível habitar no mundo para além do capitalismo? Essa é a pergunta central que guia as pesquisas do antropólogo e professor de Ciências Sociais da UFCG, Luan Oliveira, que se vale do conceito de antropoceno para compreender a crise climática como consequência dos modos humanos de produzir, consumir e ocupar territórios. "A força do antropoceno está menos em anunciar um fim inevitável e mais em nos obrigar a perguntar: quais relações produziram o mundo que habitamos e quais relações ainda podem sustentá-lo?", questiona-se o neto de avós indígenas tarairiús e ciganos calons.

Luan faz questão de pontuar suas origens porque elas estão estreitamente vinculadas a suas linhas de investigação. Ele tem levado adiante uma abordagem etnográfica multiespécie, em torno de abelhas e de cabras no semiárido paraibano, que consideram esses seres para além daquilo que produzem. Da convivência com apicultores e caprinocultores do Cariri Ocidental paraibano, que observam a floração, as plantas, os deslocamentos e a alimentação dessas espécies, é possível perceber alterações no ambiente e formular perguntas sobre as mudanças climáticas.

"Esse giro multiespécie, digamos assim, representa uma nova ontologia, isto é, uma nova compreensão que nos permite construir outros parentescos e expandir a concepção de humanidade ocidental sustentada por um paradigma iluminista positivista, que colocou o ser humano como se fosse o único a falar e a dizer sobre o mundo quando, na verdade, toda a vida fala. Todos os seres vivos e todos os reinos — mineral, vegetal, fungi — estão a se comunicar, e a manter, e a sustentar o organismo vida", argumenta.

Essas ideias representam uma outra crítica ao antropoceno, mais vinculada a outro desdobramento teórico, o chthluceno, desenvolvido pela filósofa estadunidense Donna Haraway. O termo tem origem no grego — *khthōn* (χθών), que significa "terra" ou "solo", e remete às forças e aos seres terrestres e suas relações de interdependência; e *kainós* (καινός), que significa "novo" ou "recente" — e dialoga com a imagem de seres tentaculares (oriundos da obra literária de H. P. Lovecraft) e a ideia de que todas as formas de vida estão conectadas, reforçando a necessidade de construir relações de cuidado e de coexistência entre as espécies.

"Se o antropoceno conta a história de um ser humano que se tornou uma força capaz de ferir a terra, a Caatinga me obriga a perguntar: qual ser humano? E a partir de que relação com a terra?", questiona o pesquisador. Ele afirma que há uma diferença entre quem transforma um território em mercadoria e quem aprende, geração após geração, a viver com seus tempos de chuva e de estiagem, como seus ancestrais camponeses do Vale do Açu, no Rio Grande do Norte, de onde vem, ou povos indígenas do Nordeste, como os Tarairiús, Tapuias e Xucurus. Para Luan, o chthluceno refere-se menos a uma época que viria depois da catástrofe, e mais a uma maneira de prestar atenção ao mundo que se faz juntos.

Um dos grandes entraves para essa virada de chave é a compreensão da natureza como recurso. Para Luan Oliveira, isso faz com que a terra se torne apenas área de produção, a água, o insumo, e os animais, só números. Essa lógica não só persiste como tem se intensificado cada vez mais, ainda que o ser humano perceba que não vive fora da natureza, administrando-a à distância, e que, portanto, não pode controlar sua vida por inteiro.

A crise ambiental apresenta-se, então, na concepção do antropólogo, como uma questão política, cultural e de conhecimento, porque diz respeito, sobretudo, a quem tem o direito de existir em um território, de contar sua história e de definir o que vale como saber. No semiárido paraibano, por exemplo, o pesquisador alerta que é necessário lançar um olhar para o aumento do calor e a irregularidade das chuvas, para as mudanças na vegetação e nos ciclos dos animais, sem desconsiderar o uso da terra e as desigualdades no acesso a ela.

"A crise climática pode agravar vulnerabilidades já existentes, por isso é importante não transformar a Caatinga como sinônimo de terra degradada, apagando sua biodiversidade e os conhecimentos de quem vive nela. Quando uma paisagem é descrita apenas como 'pobre' ou 'improdutiva', por exemplo, torna-se mais fácil ignorar as vidas e as relações que a constituem", adverte Oliveira.

A desertificação no semiárido mantém relação direta com esse quadro, daí a importância de efetivar-se políticas públicas que identifiquem os danos, compreendam suas causas e busquem sua recuperação. A recente aprovação da Política Nacional para Recuperação da Vegetação da Caatinga (Lei nº 15.430/2026) e a criação de um programa nacional nessa direção é um passo importante que, segundo o pesquisador, tende a abrir caminho para investimentos públicos e privados em projetos voltados para um dos biomas mais relevantes do país na absorção e no armazenamento de carbono da atmosfera.

"Talvez o antropoceno nos diga a dimensão da ferida colonial, enquanto o chthluceno nos pergunte como permanecer com ela sem desistirmos uns dos outros. A Caatinga, por sua vez, responde com uma exigência mais concreta: não basta celebrar a vida que resiste à estiagem, é preciso defender as condições para que abelhas, cabras, plantas, águas e povos possam seguir compondo, cada um à sua maneira, um mundo habitável", reforça Luan Oliveira.

Numa perspectiva mais propositiva e menos apocalíptica, a pergunta que permanece é o que ainda se pode fazer. Qualquer proposta de recuperação de territórios degradados precisa, na visão do pesquisador indígena, abandonar a ideia de uma reconstrução associada ao controle ou de um estado idealizado da paisagem. "Uma restauração verdadeiramente justa deve respeitar a permanência das comunidades locais e valorizar seus conhecimentos e modos de vida", argumenta.

O chthluceno não se apresenta como uma espécie de plano técnico para "desfazer" o aquecimento já ocorrido, ainda que reconheça a necessidade da redução rápida e sustentada das emissões de gases poluentes para limitar seus danos futuros. Também não há promessa de que vamos voltar a um planeta anterior à crise. A proposta teórica é um pouco mais profunda: agir ética e politicamente em interdependência, sem esperar por um salvador do mundo. A pergunta que deve ser feita, segundo o antropólogo, é: com quem vamos agir?

A resposta está em aprender a fazer com — com outros povos, outras espécies, outros conhecimentos — e renunciar à ideia de que a Terra é um estoque inesgotável, de que o lucro depende do desmatamento e da contaminação ou de que uma tecnologia futura poderia dispensar as mudanças que precisam ser feitas hoje. As ações concretas precisam, portanto, ser em escalas diferentes: redução do uso de combustíveis fósseis e do desmatamento; proteção de territórios e recuperação da vegetação nativa, solos e águas, e apoio às formas de produção de alimentos que não destruam as condições de produzi-lo futuramente. Na Caatinga, isso inclui o fortalecimento de saberes e práticas de convivência com o semiárido, como a proteção das sementes e a captação de água da chuva, com a participação efetiva nas decisões daqueles que conhecem e habitam esses o território.



Foto: Arquivo pessoal

Talvez o antropoceno nos diga a dimensão da ferida colonial, enquanto o chthluceno nos pergunte como permanecer com ela sem desistirmos uns dos outros

Luan Oliveira

"Não se trata de trocar a urgência política por uma celebração poética da resistência. Chamar abelhas e cabras de companheiras é reconhecer que nosso conhecimento se forma com outros seres. É uma forma de retirar o ser humano do centro absoluto da narrativa do antropoceno. O chthluceno me ajuda a juntar essas escalas: enfrentar as estruturas que produzem a crise e, ao mesmo tempo, cultivar as relações concretas pelas quais um território continua vivo", completa o pesquisador.



Proposta do chthluceno é agir ética e politicamente em interdependência, renunciando à ideia de que o lucro depende do desmatamento e da contaminação, ou de que uma tecnologia futura poderia dispensar as mudanças que precisam ser feitas hoje

Ilustração: Lucas Nóbrega